



CCB

Cidade
Aberta /

Festival Monteverdi

Comemoração dos 450 Anos
do Nascimento de Claudio Monteverdi

FESTIVAL MONTEVERDI

CELEBRAÇÃO DOS 450 ANOS DO NASCIMENTO DE
CLAUDIO MONTEVERDI (1567-1643)

14 A 17 SET 2017

Em 2017, celebram-se os 450 anos do nascimento de uma das figuras mais importantes da História da Música: Claudio Monteverdi. Considerado o pai da ópera, o seu *L'Orfeo*, de 1607, foi a primeira obra a reunir os elementos básicos da ópera de forma consistente. Os primeiros dramas líricos de Monteverdi foram criados para a corte de Mântua, mas as suas obras-primas posteriores já se destinavam ao público de Veneza, onde fez cantar uma das maiores obras-primas de todos os tempos: *Vésperas de Nossa Senhora*. Nenhum outro compositor de ópera deu um salto tão importante. Como não poderia deixar de ser, esta efeméride não passará despercebida ao CCB, que irá contar com um fim de semana repleto de concertos dedicados a este génio da história da música.

Para esta celebração, o renomado agrupamento La Venexiana, talvez um dos melhores agrupamentos do mundo no que diz respeito à interpretação da música de Monteverdi, apresentará a primeira das suas óperas, *L'Orfeo*. Este agrupamento irá juntar-se ao Officium Ensemble, ao Coro Ricercare e ao Olisipo Ensemble, para a interpretação dos oito livros de madrigais de Monteverdi, numa viagem musical extraordinária, que nos permite acompanhar e perceber esta verdadeira “Revolução Monteverdi”. Por fim, terá lugar a interpretação das grandiosas *Vésperas de Nossa Senhora*. Para esta obra, tentar-se-á recriar, no Grande Auditório do CCB, o ambiente da belíssima Basílica de São Marcos, de Veneza, com o Ludovice Ensemble e alguns dos cantores mais importantes da atualidade, entre os quais o tenor Fernando Guimarães, recentemente galardoado com um Grammy pela sua interpretação numa ópera de Monteverdi.

CCB - CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ELSIO SUMMAVIELLE PRESIDENTE / ISABEL CORDEIRO VOGAL / LUÍSA TAWEIRA VOGAL / SECRETARIADO JOÃO CARÉ / LUÍSA INÉS FERNADES / RICARDO CERQUEIRA
DIREÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS - PROGRAMAÇÃO ANDRÉ CUNHA LEAL / FERNANDO LUIS SAMPÃO / DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES / COORDENADORA PAULA FONSECA / PRODUÇÃO INÉS CORREIA / PATRÍCIA SILVA / HUGO CORTÊZ / JOÃO LEMOS / VERA ROSA
DIREÇÃO DE CENA PATRÍCIA COSTA / JOSÉ VALEIRO / TÂNIA AFONSO / CATARINA SILVA / FRANCISCA RODRIGUES / SOPHIA SANTOS / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES SOPHIA MATOS / DEPARTAMENTO TÉCNICO / DEPARTAMENTO TÉCNICO / COORDENADOR PEDRO RODRIGUES / CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO / ADJUNTO DA COORDENAÇÃO TÉCNICA PEDRO CAMPOS / TÉCNICOS PRINCIPAIS LUÍS SANTOS / RAUL SEGURO / TÉCNICOS EXECUTIVOS F. CÂNDIDO SANTOS / CÉSAR NUNES / JOSÉ CARLOS ALVES / HUGO CAMPOS / MÁRIO SILVA / RICARDO MELO / RUI CROÇA / HUGO COCHAT / DANIEL ROSA / JOÃO MOREIRA / FÁBIO RODRIGUES / CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO / CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS NUNO BIZARRO / TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS EDUARDO NASCIMENTO / PAULO CACHEIRO / NUNO RAMOS / MIGUEL NUNES / CHEFE DE MANUTENÇÃO PAULO SANTANA / TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO LUÍS TEIXEIRA / VÍTOR HORTA / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO TÉCNICO YOLANDA SEARA

PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MÍDIA
TEMPORADA 2017



IMAGEM DE CAPA

ORFEU E EURÍDICE, DE AUGUSTE RODIN (FRANÇA, 1840–1917), MODELADO PROVAVELMENTE ANTES DE 1887, ESCULPIDO EM 1893, © THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, NOVA IORQUE

PROGRAMA E FORMAÇÕES

14 SET

GRANDE AUDITÓRIO | 21H

VÉSPERAS DE NOSSA SENHORA PÁG. 8

• LUDOVICE ENSEMBLE

Fernando Miguel Jalôto órgão e direção musical
Maria Hinojosa Montenegro & Eduarda Melo canto
André Lacerda & Rui Aleixo alto
Fernando Guimarães, Jan van Elsacker,
João Rodrigues & Pedro Daniel Miguel tenores
Hugo Oliveira & Tiago Mota baixo

Josep Maria Martí Duran & Manuel Minguillón tiorba
Rodrigo Calveyra, Tiago Simas Freire
& **Manuel Pascual** corneta
Keal Couper, Hélder Rodrigues
& **António Santos** sacabuxa
Joana Amorim & Pedro Lopes e Castro flauta e pífaro
Lilia Slavny & Sara de Corso violino
Miriam Macaia, Raquel Massadas
& **César Nogueira** viola
Diana Vinagre violoncelo
Marta Vicente violone

16 SET

GRANDE AUDITÓRIO | 21H

ORFEU PÁG. 20

• LA VENEXIANA

Davide Pozzi órgão, cravo, maestro
Gabriele Palomba direção artística, tiorba

Riccardo Pisani tenor (Orfeo)
Emanuela Galli soprano (Música e Euridice)
Sophia Patsi meio-soprano (Mensageira)
Raffaele Pe contratenor (Pastor e coro)
Jaromír Nošek baixo (Caronte e coro)
Roberto Rilievi tenor (Apolo, Pastor, Espírito)
Guglielmo Buonsanti baixo (Plutão e coro)
Silvia Rosato Franchini soprano (Proserpina e coro)
Lucia Cortese soprano (Ninfa e coro)
Alessio Tosi tenor (Pastor, Espírito)
Massimo Altieri tenor (Pastor, Espírito)

Efix Puleo, Daniela Godio violino
Luca Moretti, Elena Saccomandi viola
Antonio Papetti violoncelo
Alberto Logatto violone
Diego Fridmann, Marco Scorticati flauta
Josué Meléndez Pelaez, Andrea Inghisiano *cornetto*
Ermes Giussani, Mauro Morini, David Yacus, Fabio
Costa, Corrado Colliard trombone
Jonathan Pia trombeta
Diego Cantalupi tiorba, guitarra barroca
Chiara Granata harpa dupla
Matteo Riboldi órgão, cravo

16 E 17 SET

SALA LUÍS DE FREITAS BRANCO

11H, 14H30, 17H, 21H

MADRIGAIS PÁG. 43

• CORO RICERCARE

Pedro Teixeira direção musical
Sérgio Silva órgão

Ana Baptista, Ana Cano, Catarina Conceição,
Inês Lopes, Inês Santos, Maria Meireles,
Mariana Almeida, Raquel Gama, Raquel Pedra,
Sara Ramalhinho, Sofia Vieira sopranos
Adriana Alves, Ana Manta, Ana Proença,
Fátima Nunes, Inês Laginha, Joana Esteves,
Mónica Calçada, Rita Tavares, Teresa Almeida,
Teresa Projecto altos
Bruno Rodrigues, Bruno Sales, Frederico Costa,
Guilherme Oliveira, João de Barros, Manuel Moreira,
Pedro Louzeiro, Rodrigo Carreto tenores
Alexandre Gomes, António Lopes, Gustavo Lopes,
João Costa, João Safara, Miguel Jesus, Pedro Latas,
Romeu Gomes, Tomás Freire baixos

• OFFICIUM ENSEMBLE

Pedro Teixeira direção musical
Sérgio Silva órgão
Sofia Diniz viola da gamba

Ariana Russo, Inês Lopes, Mariana Moldão,
Sara Ramalhinho sopranos
Maria de Fátima Nunes, Rita Tavares altos
Gerson Coelho, João Barros, Rodrigo Carreto tenores
André Baleiro, Pedro Casanova, Rui Borrás baixos

• GRUPO VOCAL OLISIPO

LIVRO V
Elsa Cortez, Patrycja Gabrel, Cecília Rodrigues sopranos
Lucinda Gerhardt, Maria Luísa Tavares meio-sopranos
Carlos Monteiro, João Rodrigues tenores
Armando Possante, Carlos Pedro Santos barítonos
Joana Bagulho cravo
Marta Vicente violone
António Carrilho, Diana Pinto flauta

LIVRO VI

Elsa Cortez, Patrycja Gabrel soprano
Lucinda Gerhardt, Maria Luísa Tavares meio-sopranos
Carlos Monteiro, João Rodrigues tenores
Armando Possante, Carlos Pedro Santos barítonos
Joana Bagulho cravo
Marta Vicente violone

• LA VENEXIANA

Gabriele Palomba direção artística

Emanuela Galli, Lucia Cortese sopranos
Raffaele Pe alto
Alessio Tosi, Riccardo Pisani tenores
Jaromír Nošek baixo

Efix Puleo, Daniela Godio violino
Luca Moretti viola
Antonio Papetti violoncelo
Alberto Logatto violone
Gabriele Palomba tiorba
Chiara Granata harpa dupla
Davide Pozzi cravo

16 SET

11H Coro Ricercare – Livro III

14H30 Coro Ricercare – Livro IV

17H Grupo Vocal Olisipo – Livro V

17 SET

11H Officium Ensemble – Livro I

14H30 Officium Ensemble – Livro II

17H Grupo Vocal Olisipo – Livro VI

21H La Venexiana – Seleção dos Livros VII e VIII

CLAUDIO MONTEVERDI

(1567-1643)

Claudio Giovanni Antonio Monteverdi nasceu em Cremona, em 1567, e faleceu em Veneza, em 1643. Filho de um barbeiro-cirurgião, estudou com o Mestre de Capela da Catedral de Cremona, Marc'Antonio Ingegneri. Publicou as suas primeiras obras ainda na adolescência, e os seus primeiros êxitos editoriais foram os primeiros dois livros de madrigais, publicados por Gardano em Veneza em 1587 e 1590, que revelam a clara influência de Luca Marenzio. Em 1590-91, entrou ao serviço do Duque de Mântua como violinista/violista e estabeleceu contacto com o flamengo Giaches de Wert, o que muito influenciou o seu estilo, agora bem mais audaz, experimental e expressivo (madrigais de 1592). Viajou, no séquito do Duque, até à Hungria e à Flandres. Depois de preterido uma vez para o posto de Mestre de Capela, à morte de De Wert atingiu finalmente essa posição aos 35 anos, em 1601. Em 1603 e 1605, publicou o 4.º e 5.º *Livros de Madrigais*, que correspondem ao apogeu e maturidade desta forma musical. Visto pelos seus contemporâneos como o mais inovador e radical, sofreu as críticas acintosas do teórico bolonhês Artusi, insatisfeito com o estilo pouco académico de Monteverdi, que este defendeu publicamente num prefácio, posteriormente revisto e aumentado. Nele, renunciou ao epíteto revolucionário e, em vez disso, estabeleceu a distinção teórica entre *Prima* e *Seconda Prattica* sem considerar uma superior à outra, mas apenas profundamente distintas no seu estilo, nas suas regras e nos seus objectivos. Em 1607 influenciado pelas primeiras obras dramáticas de Jacopo Peri, Giulio Caccini e Emilio de' Cavalieri, compôs *L'Orfeo*. Esta ópera – ou, antes, *Favola in Musica* – não foi a sua primeira composição dramática, mas foi a que o consagrou como primeiro grande mestre do novo género, e é modelar em todos os seus aspectos. Após a trágica perda da esposa, Monteverdi escreveu logo no ano seguinte, em 1608, mais duas obras-primas dramáticas: *Il Ballo delle Ingrate* e *L'Arianna*. À crise pessoal, seguiu-se uma longa crise profissional em que Monteverdi se sentiu revoltado e incompreendido pela corte de Mântua, que viria a culminar com o seu despedimento, em 1612. Deste período crítico, datam a versão madrigalesca do *Lamento della Arianna* e a *Sestina* – ciclo de madrigais à memória de Caterina Martinelli, a jovem cantora que deveria ter interpretado o papel de Ariana na sua estreia –, bem como as obras sacras publicadas em Veneza em 1610 e hoje conhecidas como *Vésperas de Nossa Senhora* e que incluem vários salmos, cânticos, hinos, motetos e uma missa, oferecidas pessoalmente pelo compositor ao Papa Paulo V. Em 1613, Monteverdi foi escolhido para o prestigiado posto de Mestre de Capela da Basílica de São Marcos, em Veneza. Aqui foi o responsável por uma completa renovação da prática musical, compondo muitas obras sacras – publicadas sobretudo em *Selva Morale* e *Spirituale* em 1640-41, mas também em várias outras publicações colectivas – e nomeando como seus assistentes grandes compositores da seguinte geração, como Alessandro Grandi, Francesco Cavalli e Giovanni Rovetta. Algumas influências desta nova geração transparecem no *ballo Tirsi e Clori* de 1616 e no inovador 7.º Livro de Madrigais, de 1619. O seu estilo viria ainda, porém, a evoluir e a explorar novas formas e efeitos expressivos, destacando-se nesta fase a cantata dramática *Combattimento di Tancredo e Clorinda*, de 1624, sobre poesia de Tasso, em que surge, pela primeira vez, formulado o neoplatonismo

da sua teoria expressiva sobre as três emoções principais: Amor, Guerra e Temperança. Dos anos seguintes datam três obras, das quais nada sobreviveu, duas óperas e um conjunto de intermédios. Depois do severo surto de peste que assolou Veneza e o Norte de Itália em 1630, Monteverdi foi ordenado padre e escreveu para a ocasião uma grande missa votiva, da qual sobrevive o *Gloria*, publicado só em 1640 na *Selva Morale* e *Spirituale*. Da mesma época, datam muitas das suas obras profanas finalmente publicadas no oitavo e último livro de madrigais, os *Madrigali guerrieri et amorosi*, de 1638. Nesta época, o compositor já tinha ultrapassado os 70 anos e parecia encerrar com grande dignidade a sua longa carreira. Mas, em 1637, foi inaugurado o primeiro teatro público de Veneza, e Monteverdi, sendo o único compositor local com experiência no género que foi chamado a contribuir para o repertório. Em 1640, foi reposta *L'Arianna* e nos seus últimos quatro anos de vida compôs mais três óperas, das quais sobrevivem *Il ritorno d'Ulisse in Patria*, de 1640, e *L'incoronazione di Poppea*, de 1643, ambas indiscutíveis obras-primas. A sua fama nunca se extinguiu, ainda que as suas obras só tenham sido revividas no século XX. Tido como um revolucionário, hoje vemos-lo mais como o mais destacado representante de um movimento que eclodiu na Itália dos finais do século XVI e que, na sua incessante procura de uma “Nova Música” baseada nos pressupostos da Antiguidade Clássica, mais não é do que a verdadeira ‘Revolução Renascentista’ no campo musical. A crença inabalável de que a música ‘move o Homem na sua integridade’, expressa os seus sentimentos mais íntimos e profundos e deve ser sempre “serva da poesia” – ainda que na verdade, nas suas obras, Poesia e Música são duas irmãs inseparáveis e iguais em importância –, é a matriz de toda a obra de Monteverdi, desde o preciosismo dos seus madrigais ao imediatismo das monodias, da polifonia tradicional das suas missas ao brilhantismo dos salmos concertados, do vigor dos bailes à sublime expressividade das óperas.

FERNANDO MIGUEL JALÔTO

O autor escreve segundo a antiga ortografia

14 SET

GRANDE AUDITÓRIO | 21H

VÉSPERAS DE NOSSA SENHORA

Claudio Monteverdi *Vespro della Beata Vergine* – Veneza, 1610

2.^{as} Vésperas para a Solenidade da Natividade de Nossa Senhora
8 de setembro

1 - *Toccata avanti le Vesperi della Madonna*^A

2 - Invitatorium: Deus in adiutorium meum intende a 6

3 - Concerto: Nativitas tua Dei Genitrix a 7^B

4 - Intonazione^A & Antiphona I: Nativitas gloriosae virginis Mariae

5 - Psalmus I: Dixit Dominus a 6

6 - Concerto: Nigra sum a voce sola

7 - Intonazione^A & Antiphona II: Nativitas est hodie sanctae Mariae virginis

8 - Psalmus: Laudate pueri Dominum a 8

9 - Concerto: Pulchra es a 2

10 - Intonazione^A & Antiphona III: Regali ex progenie Maria

11 - Psalmus: Laetatus sum a 6

12 - Concerto: Ab aeterno ordinata sum a voce sola in basso^C

13 - Intonazione^A & Antiphona IV: Corde et animo Christo canamus gloriam

14 - Psalmus: Nisi Dominus a 10

15 - Concerto: Audi coelum a 2 & a 6

16 - Intonazione^A & Antiphona V: Cum iucunditate natiuitatem beatae Mariae celebremus

17 - Psalmus: Lauda Jerusalem a 7

18 - Concerto: Canzon a 12^D

19 - Capitulum: Ab initio et ante saecula creata sum

20 - Hymnus: Ave maris stella a 8

21 - Responsorium: Nativitas est hodie sanctae Mariae Virginis

22 - Intonazione^A & Antiphona ad Magnificat: Nativitas tua Dei Genitrix a 7^E

23 - Magnificat I a 7

24 - Concerto: Sonata sopra Sancta Maria

25 - Oratio & Benedictionem: Famulis tuis, quaesumus Domine | Benedicamus Domine

26 - Concerto: Duo Seraphim a 3

27 - Antiphona: Salve Regina a voce solaf

^A Andrea Gabrieli (1532/33-1585) & Giovanni Gabrieli (1554/57-1612) - Intonazioni d'organo di Andrea Gabrieli et di Gio[vanni] suo nipote [...], Venezia, 1593

^B Giovanni Bassano (1560/61-1617) - *Concert ecclesiastici [...] Libro Secondo [...]*, Venezia, 1599

^C Claudio Monteverdi - *Selva Morale et spirituale [...]*, Venezia 1640/41

^D Giovanni Gabrieli - *Canzoni et sonate [...]*, Venezia, 1615

^E Andrea Gabrieli - *Concerti di Andrea et di Giovanni Gabrieli [...] libro primo*, Venezia, 1587

^F Claudio Monteverdi - *Ghirlanda sacra scielta da diversi eccellentissimi autori [...]*, Venezia 1625

NOTAS AO PROGRAMA

As *Vésperas de Nossa Senhora*, publicadas em 1610 por Monteverdi, são não só a sua mais famosa e emblemática coleção de composições sacras, como também uma das obras mais paradigmáticas da música ocidental. Escritas ainda em Mântua foram publicadas num período de mudança radical na trajetória profissional do compositor. Monteverdi procurava com esta obra impressionar um futuro patrono e, sem dúvida, a qualidade e o sucesso das *Vésperas* viriam a contribuir para que viesse a assumir o posto de Mestre de Capela da Basílica de S. Marcos de Veneza, em 1613. Mas em 1610 o compositor mostrava-se ainda disponível para um cargo em Roma, dedicando por isso a obra ao Papa Paulo V. As *Vésperas* assumem-se como um dos grandes monumentos da Contra-Reforma católica e inauguram maravilhosamente o Barroco sacro, com a substituição das práticas medievais e renascentistas (*Prima Pratica*) por uma radicalmente nova forma de conceber a música (*Seconda Pratica*).

Neste *Stile Nuovo*, resultante de uma das maiores revoluções da História da Música, a primazia passa a ser atribuída à relação íntima, fecunda e criativa entre texto e música, vista agora como discurso, e por isso sob o domínio da retórica, e liberta, pelo menos parcialmente, das suas tradicionais associações com o *Quadrivium* medieval de cariz “matemático”. É uma visão mais sensível e emocional que se sobrepõe a uma concepção mais cerebral, sem no entanto a aniquilar – o século XVII será, afinal, o século da Razão! Permite-se agora, porém, a desvalorização da organização “horizontal” da música (através do contraponto imitativo) e até aí dominante, que passa a ser preterida em prol de uma mais inovadora organização “vertical” do discurso, dominada pelas relações harmónicas estabelecidas pelo baixo contínuo. A novidade destas propostas sobressai ainda mais pelo contraste propositadamente estabelecido entre as *Nuove Musiche* e as veneráveis técnicas herdadas do passado e que Monteverdi, sem as desprezar, eleva a um novo apogeu. Recombina-se aqui pois, de forma única e inimitável, em sucessão e em simultâneo a monodia acompanhada de cariz dramático com a polifonia imitativa, os *cantus firmus*, os tons de recitação medievais, o *falsobordone*, a policoralidade de tradição veneziana, a sutileza retórica de cariz madrigalesco, o cromatismo, audácia harmónica e simbologia da *musica reservata*, o virtuosismo vocal e instrumental das *passagi* e *diminutioni* de efeito vertiginoso, os mais subtis e emotivos *affetti* e *accenti*, os *bassi ostinati* profanos, a colorida instrumentação herdada dos *intermezzi* e *balli* florentinos, os efeitos de eco, os ritmos de dança, os requintes da declamação teatral e muito, muito mais!

Convém, todavia, recordar que, mais do que uma “Obra” unificada e destinada a uma sala de concertos, estamos perante uma coleção de “música funcional” destinada a prover os mestres de capela com obras individuais a incluir em diversos serviços litúrgicos – vésperas de qualquer uma das inúmeras solenidades de Nossa Senhora ou outros, pois vários dos itens incluídos tinham múltiplas aplicações – ou mesmo para servir de entretenimento espiritual em concertos sacros: “ad Sacella sive Principum Cubicula accommodata” – “[obras] adequadas para as Capelas ou Câmaras principescas”, nas palavras do próprio Monteverdi. Assim, não só a ordem de publicação obedece mais a princípios editoriais do que a directrizes litúrgicas, como qualquer músico da época se sentiria à vontade para alterar as obras individualmente; o próprio compositor assume que alguns dos ritornelos são opcionais, apresenta inúmeras variantes melódicas, harmónicas e ornamentais, e oferece mesmo um “número” opcional, o segundo *Magnificat* (que, por sua vez, talvez seja o mais antigo...). Vista como obra única ou mera coleção, é verdadeiramente caleidoscópica nos contrastes dos afectos, efectivos vocais e instrumentais, técnicas de escrita e recursos expressivos, e é indubitavelmente um marco inultrapassável na Cultura Europeia.

O Ludovice Ensemble regressa pela segunda vez às *Vésperas* de Monteverdi, depois de em 2014,

no CCB, ter feito uma apresentação inesquecível e radicalmente inovadora da versão “romana” da obra, sem instrumentos – versão essa frequentemente menosprezada mas imaginada pelo próprio Monteverdi de forma a permitir a execução da obra nas capelas papais, que apenas permitiam o baixo contínuo. Desta vez, aborda a versão mais festiva e colorida, provavelmente a preferida por Monteverdi em S. Marcos, ainda que não existam testemunhos de, alguma vez, o compositor ter apresentado uma versão integral de todas as obras integradas nesta publicação. A interpretação distingue-se pelo máximo rigor histórico, pela perfeição técnica e pela especialização de todos os músicos participantes, parâmetros que caracterizam o trabalho do agrupamento nos seus 12 anos de actividade. As forças usadas, quer vocais quer instrumentais, correspondem, na medida do possível, às indicações exactas do compositor na edição original e às práticas interpretativas suas contemporâneas, que valorizam a transparência e a interacção entre os vários elementos e permitem uma maior flexibilidade e inventividade, sobretudo no campo da declamação, ornamentação e improvisação.

Para esta apresentação o grupo renuncia pois ao inadequado – e injustificado! – uso de um grupo de *ripieno* vocal (vulgo, ‘coro’) e procura recriar de forma não exaustiva – mas ainda assim bastante rigorosa – a apresentação da obra num contexto litúrgico determinado. Neste caso, escolhemos a Solenidade do Nascimento (ou Natividade) de Nossa Senhora, celebrada a 8 de Setembro e por isso mesmo a festa mariana mais próxima da data deste concerto. Para esta reconstrução, baseada em numerosos artigos e publicações musicológicas, recorreremos a fontes litúrgicas seiscentistas (breviários, antifonários e directórios corais) e a outras obras vocais e instrumentais do próprio Monteverdi e de compositores com ele directamente relacionados: os seus antecessores em S. Marcos, os compositores Andrea e Giovanni Gabrieli – uma vez que o repertório das capelas musicais englobava com grande frequência obras dos mestres mais emblemáticos do passado e, sobretudo, aqueles que tinham estado ao serviço da instituição –, bem como de um dos mais brilhantes instrumentistas ‘oficiais’ do Estado veneziano, Giovanni Bassano. O resultado final pretendido não é o de uma reconstituição arqueológica estéril, nem o de um exercício académico musicológico, mas a proposição de uma audição renovada de uma obra que, por já se ter cristalizado como parte do cânone musical ocidental, tende a sofrer um certo “congelamento” interpretativo e convencionalismos de abordagem, o que é deveras limitador e empobrecedor. Esta versão proporciona a revalorização da novidade das propostas de Monteverdi, ao estabelecer o confronto directo com obras dos seus contemporâneos e ao evocar a “ambiência sonora” predominante na Veneza do início de Seiscentos, e é em si mesma inovadora, sem necessitarmos de recorrer a *pastiches* e travestismos como a *world music* ou o *jazz*, de gosto duvidoso e efémero sucesso.

Bom concerto!

FERNANDO MIGUEL JALÓTO

O autor escreve segundo a antiga ortografia

VESPRO DELLA BEATA VERGINE

VERSICULUS & RESPONSORIUM

(Ps 69, 2)

*Deus in adiutorium meum intende:
Dominæ ad adjuvandum me festina.
Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto,
sicut erat in principio et nunc et semper
et In sæcula sæculorum. Amen. Alleluja.*

CONCERTO

*Nativitas tua Dei genitrix virgo.
Gaudium annuntiavit universo mundo.
Ex te enim ortus est sol iustitiae
Christus Deus noster qui solvens maledictionem
dedit benedictionem, et confundens mortem
donavit nobis vitam sempiternam.*

ANTIPHONA I

*Nativitas gloriosæ virginis Mariæ ex semine Abrahæ,
ortæ de tribu Juda, clara extirpe David.*

PSALMUS CIX

*Dixit Dominus Domino meo:
Sede a dextris meis;
donec ponam inimicos tuos,
scabellum pedum tuorum.
Virgam virtutis tuæ
emitiet Dominus ex Sion:
dominare in medio inimicorum tuorum.
Tecum principium in die virtutis tuæ
in splendoribus sanctorum,
ex utero ante luciferum
genui te.
Juravit Dominus, et non poenitebit eum:
Tu es sacerdos in æternum
secundum ordinem Melchisedech.
Dominus a dextris tuis,
confregit in die iræ suæ reges.
Judicabit in nationibus, implebit ruinas,
conquassabit capita in terra multorum.
De torrente in via bibet;
propterea exaltabit caput.
Gloria Patri et Filio
et Spiritui Sancto.
Sicut erat in principio et nunc et semper,
et in sæcula sæculorum. Amen.*

CONCERTO

(Cant 1, 5; 2, 4; 2, 11-12)

*Nigra sum, sed formosa,
fillæ Jerusalem.*

VÉSPERAS DE NOSSA SENHORA

VERSÍCULO E RESPONSO

(Sal 69, 2)

Vem, ó Deus, em meu auxílio:
Apressa-te, Senhor, a socorrer-me!
Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio e agora e sempre
pelos séculos dos séculos. Amen. Aleluia.

CONCERTO

A tua natividade, ó Virgem Mãe de Deus,
anunciou a alegria a todo o universo.
Pois de Ti se ergueu o sol da justiça,
Cristo, nosso Deus, o qual abolindo amaldição
nos trouxe a bênção e, confundindo a morte,
nos ofereceu a vida eterna.

1.ª ANTÍFONA

Nasceu a gloriosa Virgem Maria, descendente de
Abraão, filha da tribo de Judá, da linhagem de David.

SALMO 109

O Senhor disse ao meu Senhor:
Senta-te à minha direita
até que faça dos teus inimigos
o escabelo dos teus pés.
O Senhor estenderá de Sião
o ceptro do teu poder:
Domina entre os teus inimigos.
Serás o príncipe entre os teus no dia da tua força
por entre os esplendores dos santos,
gerei-te no meu seio
antes da aurora.
O Senhor o jurou e não se arrependerá:
Tu és sacerdote para sempre
segundo a ordem de Melchisedeque.
O Senhor, à tua direita,
julgará os reis no dia da sua ira.
Fará justiça entre as nações, amontoará os cadáveres,
esmagará contra a terra o crânio de muitos.
Beberá água da torrente no caminho:
por isso erguerá a Sua cabeça.
Glória ao Pai, ao Filho
e ao Espírito Santo,
como era no princípio e agora e sempre
pelos séculos dos séculos. Amen.

CONCERTO

(Cant 1, 5; 2, 4; 2, 11-12)

Sou negra mas formosa,
ó filhas de Jerusalém.

*Ideo dilexit me rex
et introduxit me in cubiculum suum
et dixit mihi:
Surge, amica mea, et veni.
Iam hiems transit
Imber abiit et recessit,
flores apparuerunt in terra nostra.
Tempus putationis advenit.*

ANTIPHONA II

*Nativitas est hodie Sanctæ Mariæ Virginis,
cujus vita inclyta cunctas illustrat ecclesias.*

PSALMUS CXII

*Laudate pueri Dominum,
laudate nomen Domini.
Sit nomen Domini benedictum ex hoc
nunc et usque in sæculum.
A solis ortu usque ad occasum
laudabile nomen Domini.
Excelsus super omnes gentes Dominus
et super cœlos gloria ejus.
Quis sicut Dominus Deus noster,
qui in altis habitat
et humilia respicit in cœlo et in terra?*

*Suscitans a terra Inopem,
et de stercore erigens pauperem;
ut collocet eum cum principibus,
cum principibus populi sui.
Qui habitare fecit sterilem in domo,
matrem filiorum lætantem.
Gloria Patri et Filio
et Spiritui Sancto.
Sicut erat in principio
et nunc et semper
et in sæcula sæculorum. Amen.*

CONCERTO

(Cant 6, 4-6)

*Pulchra es, amica mea,
suavis et decora filia Jerusalem,
pulchra es, amica mea
suavis et decora sicut Jerusalem,
terribilis ut castrorum
acies ordinata.
Avete oculos tuos a me
quia ipsi me avolare fecerunt.*

ANTIPHONA III

*Regali ex progenie Maria exorta refulget:
cujus precibus nos adjuvari mente et spiritu devotissime
poscimus.*

Por isso o Rei me amou
e me fez entrar na sua câmara
e disse-me:
Ergue-te, ó minha amada, e vem!
O inverno já passou,
a chuva terminou e afastou-se,
as flores surgem sobre a nossa terra.
O tempo de podar as vinhas chegou.

2.ª ANTÍFONA

Hoje é a natividade da Santa Virgem Maria,
cujas vida ínclita ilumina todas as igrejas.

SALMO 112

Louvai, servidores do Senhor
louvai o nome do Senhor!
Bendito o nome do Senhor
agora e por todo o sempre!
Do nascer ao pôr do Sol
louvado seja o nome do Senhor!
O Senhor está acima de todas as nações,
a sua glória está para lá dos Céus.
Quem se assemelha ao Senhor nosso Deus
que habita nas alturas
e desce o Seu olhar sobre as coisas humildes
no Céu e na Terra?
Que ergue do pó o miserável,
e tira o pobre do monturo;
para o fazer sentar-se entre os grandes
entre os grandes do seu povo.
Que faz a mulher estéril habitar em sua casa,
E ser Mãe feliz de muitos filhos.
Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo,
como era no princípio
e agora e sempre
pelos séculos dos séculos. Amen.

CONCERTO

(Cant 6, 4-6)

És bela, ó minha amada,
filha doce e amável de Jerusalém;
és bela, ó minha amada,
doce e amável como Jerusalém,
terrível como um exercício
em linha de batalha.
Afasta de mim os teus olhos
que me subjugaram.

3.ª ANTÍFONA

De progenitura real Maria despontou refulgente:
nós Lhe rogámos devotamente para que, com as Suas
preces, nos auxilie em nossas mentes e almas.

PSALMUS CXXI

*Lætatus sum In his, quæ dicta sunt mihi:
in domum Domini ibimus.
Stantes erant pedes nostri,
in atrils tuis Jerusalem.
Jerusalem, quæ ædificatur ut civitas
cujus participatio ejus in idipsum.
Illuc enim ascenderunt tribus,
tribus Domini:
testimonium Israel
ad confitendum nomini Domini.
Quia illic sederunt sedes in judicio,
sedes super domum David.
Rogate quæ ad pacem sunt Jerusalem:
et abundantia diligentibus te;
Fiat pax in virtute tua:
et abundantia in turribus tuis.
Propter fratres meos et proximos meos,
loquebar pacem de te:
Propter domum Domini Dei nostri,
quæsvi bona tibi.
Gloria Patri et Filio
et Spiritui Sancto.
Sicut erat in principio
et nunc et semper,
et jn sæcula sæculorum. Amen.*

CONCERTO

(Prov 8, 23-31)

*Ab æterno ordinata sum
et ex antiquis antequam terra fieret,
necdum erant abyssi, et ego iam concepta eram,
necdum fontes aquarum eruperant,
necdum montes gravi mole constiterant,
ante omnes colles ego parturiebar.
Adhuc terram non fecerat, et flumina,
et cardines orbis terræ.
Quando preparabat cœlos aderam,
quando certa lege et gyro vallabat abyssos,
quando æthera firmabat sursum,
et librabat fontes aquarum,
quando circumdabat mari terminum suum
et legem ponebat aquis ne transirent fines suos,
quando appendebat fundamenta terræ:
cum eo eram cuncta componens
et delectabor per singulos dies,
ludens coram eo omni tempore,
ludens in orbem terrarum,
et deliciæ meæ esse cum filiis hominum.*

ANTIPHONA IV

*Corde et animo Christo canamus gloriam in hac sacra
solemnitate præcelsæ Genitricis Dei Mariæ.*

SALMO 121

Alegrei-me quando me disseram:
Vamos à casa do Senhor!
Os nossos pés detiveram-se
às tuas portas, Jerusalém!
Jerusalém, construída como uma cidade
cujas partes se interligam.
Para aí sobem as tribos,
as tribos do Senhor:
segundo a Lei de Israel
para celebrar o nome do Senhor.
Aí foram estabelecidos os tronos para o
julgamento, os tronos da casa de David.
Rogai para que a paz seja com Jerusalém;
aqueles que te amam viverão com prosperidade.
Que haja paz entre as tuas muralhas
e prosperidade nas tuas fortalezas.
Por amor dos meus irmãos e dos meus próximos
eu te digo: a Paz esteja contigo!
Por amor à Casa do Senhor nosso Deus,
peço para ti a felicidade.
Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo,
como era no princípio
e agora e sempre
pelos séculos dos séculos. Amen.

CONCERTO

(Prov 8, 23-31)

Desde a eternidade fui formada,
desde as origens, antes dos primórdios da terra.
Ainda não havia os abismos e eu já tinha sido concebida;
ainda as fontes das águas não tinham brotado;
antes que as montanhas fossem implantadas,
antes de haver outeiros, eu já tinha nascido.
Ainda Ele não tinha criado a terra nem os rios,
nem os primeiros elementos do mundo.
Quando Ele formava os céus,
quando colocava a abóbada por cima do abismo,
quando condensava as nuvens, nas alturas,
quando continha as fontes do abismo,
quando fixava ao mar os seus limites,
para que as águas não ultrapassassem a sua orla;
quando assentou os fundamentos da terra,
eu estava com Ele como arquiteto,
e era o seu encanto, todos os dias,
brincando continuamente em sua presença;
brincava sobre a superfície da Terra,
e as minhas delícias é estar junto dos seres humanos.

4.ª ANTÍFONA

Com o nosso coração e a nossa alma cantemos o louvor
de Cristo nesta santa solenidade de Maria, grandiosa Mãe
de Deus.

PSALMUS CXXVI

*Nisi Dominus ædificaverit domum,
In vanum laboraverunt qui ædificant eam.
Nisi Dominus custodierit civitatem,
frustra vigilat qui custodit eam.
Vanum est vobis ante lucem surgere:
surgite posiquam sederitis,
qui manducatis panem dobris.
Cum dederit dilectis suis sonnum:
ecce hereditas Domini filii;
merces, fructus ventris.
Sicut sagittæ in manu potentis,
ita filii excussorum.
Beatus vir qui implevit
desiderium suum ex ipsa:
non confundetur
cum loquetur inimicis suis in porta.
Gloria Patri et Filio
Et Spiritui Sancto.
Sicut erat in principio et nunc et semper
et in sæcula sæculorum. Amen.*

CONCERTO

*Audi, cœlum, verba mea
plena desiderio
et perfusa gaudio.
– Audio.
Dic, quæso, mihi:
Quæ est ista,
quæ consurgens ut aurora rutilat
ut benedicam?
– Dicam.
Dic nam ista pulchra
ut luna electa
ut sol replet lætitia
terras, coelos, Maria
– Maria.
Maria virgo ilia dulcis
prædicata de propheta Ezechiel
porta Orientalis.
– Talis.
Illa sacra et felix porta
per quam mors fult expulsa,
introduxit autem vita
– Ita.
Quæ semper tutum est medium
inter homines et Deum
pro culpæ remedium.
– Medium.
Omnes hanc ergo sequamur,
qua cum gratia mereamur
vitam æternam.
Consequamur
– Sequamur.
Præstet nobis Deus,
Pater hoc et Filius*

SALMO 126

Se o Senhor não edificar a casa,
aqueles que a edificam trabalham em vão.
Se o Senhor não guardar a cidade,
aquele que a guarda vela inutilmente.
Em vão vos levantais antes do nascer do dia:
levantai-vos depois de repousardes,
vós que comeis o pão da dor.
Ele dá o gozo aos que ama:
assim os filhos são a herança do Senhor,
o fruto do ventre é a Sua dádiva.
Como flechas numa mão poderosa,
assim são os filhos gerados na juventude.
Feliz o homem que
dele encheu a sua aljava:
não se confundirá
quando falar aos seus inimigos à sua porta.
Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo,
como era no princípio e agora e sempre.
pelos séculos dos séculos. Amen.

CONCERTO

Escuta, ó céu, as minhas palavras,
cheias de desejo
e repletas de alegria.
– Escuto.
Diz-me, peço-te:
Quem é esta
que resplandece, subindo como a aurora,
para que eu a celebre?
– Vou dizer-to.
Diz-me, porque é ela bela,
e única como a Lua,
e como o Sol enche de alegria
a terra, os céus e os mares.
– Maria.
Aquela doce Virgem Maria
anunciada pelo profeta Ezequiel
como a porta do Oriente.
– Essa.
Aquela porta sagrada e feliz
por onde a morte foi expulsa
e por onde entrou a vida.
– A mesma.
Que é sempre mediadora segura
entre os homens e Deus
para remissão das nossas culpas.
– A mediadora.
Sigamo-la, pois, todos,
porque pelas suas graças
obteremos
a vida eterna.
– Sigamo-la.
Que Deus nos proteja,
o Pai e o Filho,

*et Mater, cujus nomen invocamus dulce
miseris solamen.
– Amen.
Benedicta es, virgo Maria,
in sæculorum sæcula.*

ANTIPHONA V

*Cum jucunditate Nativitatem beatæ Mariæ celebremus,
ut ipsa pro nobis intercedat ad Dominum Jesum
Christum.*

PSALMUS CXLVII

*Lauda, Jerusalem, Dominum:
lauda Deum tuum, Sion.
Quoniam confortavit seras
portarum tuarum:
benedixit fillis tuis in te.
Qui posuit fines tuos pacem:
et adipe frumenti satiat te.
Qui emittit eloquium suum terræ:
velociter currit sermo ejus.
Qui dat nivem sicut lanam:
nebulam sicut cinerem spargit.
Mittit cristallum suam sicut buccellas:
ante faciem frigoris ejus quis sustinebit?
Emittet verbum suum, et liquefacit ea:
flabit spiritus ejus, et fluent aquae.
Qui annuntiat verbum suum Jacob:
justitias et judicium sua Israel.
Non fecit taliter omni nationi:
el judicium sua non manifestavit eis.
Gloria Patri et Filio
et Spiritui Sancto,
Sicut erat in principio et nunc et semper
et in sæcula sæculorum. Amen.*

CAPITULUM

(Ecclus 24, 14)

*Ab initio et ante saecula creata sum
et usque ad futurum saeculum non desinam,
et in habitatione sancta coram ipsi ministravi.
– Deo gratias.*

HYMNUS

*Ave maris stella,
Dei mater alma,
atque semper Virgo,
felix coeli porta.*

*Sumens illud Ave
Gabrielis ore
funda nos in pace,
mutans Evæ nomen.*

*Solve vinela reis
profer lumen cæcis,*

e a Mãe, cujo doce nome invocamos,
conforto dos miseráveis.
– Amen.
Bendita és tu, Virgem Maria
pelos séculos dos séculos.

5.ª ANTÍFONA

Com alegria celebremos a natividade de Santa Maria,
para que interceda por nós junto de Nosso Senhor Jesus
Cristo.

SALMO 147

Louva, Jerusalém, o Senhor;
louva o teu Deus, Sião.
Pois reforçou os ferrolhos
das tuas portas:
abençoou os teus filhos no teu seio.
Estabeleceu a paz nas tuas fronteiras:
saciou-te com o melhor do trigo.
Ele envia as suas ordens à terra:
e a Sua palavra corre velozmente.
Faz cair a neve como flocos de lã:
e espalha a geadas como cinza.
Lança o granizo como migalhas:
quem pode resistir ao Seu frio?
Envia a Sua palavra e elas derretem-se:
faz soprar o Seu vento e as águas correm.
Anunciou a Sua palavra a Jacob:
as Suas leis e ordens a Israel.
Não fez assim com as outras nações:
e não lhes manifestou as suas ordens.
Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo,
como era no princípio e agora e sempre
pelos séculos dos séculos. Amen.

CAPÍTULO

(Sir 24, 9-10)

Ele criou-me desde o princípio, antes de todo os séculos,
e não deixarei de existir até ao fim dos séculos, e exerci
diante dele o meu ministério no tabernáculo santo.
- Graças a Deus.

HINO

Ave, estrela do mar,
Doce Mãe de Deus
e sempre Virgem,
feliz porta do céu.

Recebendo aquele Avé
que ouviste da boca de Gabriel,
firma-nos na paz
Por esta mudança do nome de Eva.

Desata os laços dos pecadores,
dá luz aos cegos,

*mala nostra pelle,
bona cuncta posce.*

*Monstra te esse matrem,
sumat per te precem
qui pro nobis natus
tulit esse tuus.*

*Virgo singularis,
inter omnes mitis
nos culpis solutos
mites fac et castos.*

*Vitam præsta puram,
iter para tutum,
ut videntes Jesum
semper collætetur.*

*Sit laus Deo Patri,
summo Christus decus
Spiritus Sancto
tribus honor unus. Amen.*

RESPONSORIUM

*Nativitas est hodie sanctæ Mariæ Virginis:
– Cujus vita inclyta cunctas illustrat ecclesias.*

ANTIPHONA AD MAGNIFICAT

*Nativitas tua Dei genitrix virgo.
Gaudium annuntiavit universo mundo.
Ex te enim ortus est sol iustitiæ
Christus Deus noster qui solvens maledictionem
dedit benedictionem, et confundens mortem
donavit nobis vitam sempiternam.*

MAGNIFICAT (Lc 1, 46-55)

*(1) Magnificat anima mea Dominum.
(2) Et exultavit spiritus meus
in Deo salutari meo.
(3) Quia respexit humilitatem
ancillæ suæ:
Ecce enim ex hoc beatam me dicent
omnes generationes.
(4) Quia fecit mihi magna qui potens est:
et sanctum nomen ejus.
(5) Et misericordia ejus a progenie
in progenies timentibus eum.
(6) Fecit potentiam in brachio suo:
dispersit superbos mente cordis sui.
(7) Deposuit potentes de sede,
et exaltavit humiles;
(8) Esurientes implevit bonis:
et divites dimisit inanes.
(9) Suscepit Israel puerum suum
recordatus misericordiæ suæ.*

afasta os nossos males,
obtém-nos todos os bens.

Mostra que és nossa Mãe
para que Ele receba por ti a nossa oração,
Ele que por nós
Quis ser teu filho.

Virgem sem igual,
Doce entre todos os seres
faz com que, livres das nossas culpas,
sejamos doces e castos.

Concede-nos uma vida pura,
protege o nosso caminho,
para que, vendo Jesus,
sempre rejubilemos.

Louvado seja Deus Pai,
glória a Cristo Supremo
e ao Espírito Santo
honra sem igual aos três. Amen.

RESPONSÓRIO

Hoje é a natividade da Santa Virgem Maria:
– Cujas vidas iluminam todas as Igrejas.

ANTÍFONA DO MAGNIFICAT

A tua natividade, ó Virgem Mãe de Deus,
anunciou a alegria a todo o universo.
Pois de Ti se ergueu o sol da justiça,
Cristo, nosso Deus, o qual abolindo a maldição
nos trouxe a bênção e, confundindo a morte,
nos ofereceu a vida eterna.

MAGNIFICAT (Lc 1, 46-55)

(1) A minha alma glorifica o Senhor.
(2) E o meu espírito rejubila em Deus,
meu Salvador.
(3) Porque desceu o Seu olhar
sobre a condição humilde da sua serva:
Por isso todas as gerações
me chamarão bem-aventurada.
(4) Porque o Todo-Poderoso fez por mim grandes coisas:
e o Seu nome é santo.
(5) E a Sua misericórdia estende-se
de geração em geração sobre os que O temem.
(6) Usou a força do Seu braço: e dispersou os que ti-
nham no coração pensamentos orgulhosos.
(7) Depôs os poderosos dos seus tronos,
e elevou os humildes.
(8) Cobriu de bens os famintos:
e mandou embora de mãos vazias os ricos.
(9) Socorreu Israel, Seu servidor,
recordando-se da Sua misericórdia.

*(10) Sicut locutus est ad patres nostros,
Abraham et semini ejus un sæcula.*

*(11) Glória Patri fet Filio
et Spiritui Sancto.*

*(12) Sicut erat in principio
et nunc et semper
et in sæcula sæculorum. Amen.*

CONCERTO

Sancta Maria ora pro nobis.

ORATIO & BENEDICTIO

*Dominus vobiscum:
– Et cum spiritu tuo.*

*Oremus. Famulis tuis, quæsumus Domine, cælestis
gratiæ munus impertire: ut quibus beatæ Virginis
partus extitit salutis exordium, Nativitas ejus votiva
solemnitas pacis tribuat incrementum.
Per Dominum Jesum Christum Filium tuum,
qui tecum vivit et regnat in unitate
Spiritus Sancti Deus, per omnia sæcula sæculorum.
– Amen.*

*Dominus vobiscum:
– Et cum spiritu tuo.*

*Benedicamus Domino:
– Deo gratias.*

*Benedicat et custodiat nos omnipotens et misericors
Dominus, Pater, et Filius, et Spiritus Sanctus:
– Amen.*

CONCERTO

(Is 6, 3 / Jo 1, 5, 7-8)

*Duo Seraphim clamabant alter ad alterum:
Sanctus Dominus Deus Sabaoth.
Plena est omnis terra gloria ejus.
Tres sunt qui testimonium dant in coelo:
Pater, Verbum et Spiritus Sanctus.
Et hi tres unum sunt.
Sanctus Dominus Deus Sabaoth.
Plena est omnis terra gloria ejus.*

ANTIPHONA BEATÆ MARIÆ VIRGINIS

*Salve, Regina, Mater misericordiæ,
vita, dulcedo, et spes nostra, salve.
Ad te clamamus exsules filii Hevæ,
Ad te suspiramus, gementes et flentes
in hac lacrimarum valle.
Eia, ergo, advocata nostra, illos tuos
misericordes oculos ad nos converte;
Et Jesum, benedictum fructum ventris tui,
nobis post hoc exilium ostende.*

(10) Como fora dito aos nossos pais,
a Abraão e à sua posteridade, para sempre.

(11) Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo.

(12) Como era no princípio
e agora e sempre,
pelos séculos dos séculos. Amen.

CONCERTO

Santa Maria, roga por nós.

ORAÇÃO & BÊNÇÃO

O Senhor esteja convosco:
– E com o teu espírito.

Oremos. Nós Te rogamos, Senhor, concede aos Teus
servos o dom da Tua graça celestial, e àqueles a quem
revelaste a fonte da Salvação como fruto de uma Virgem
Santa, concede nesta solenidade da Sua Natividade um
aumento do dom da paz.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Teu Filho, que contigo
vive e reina na unidade do Espírito Santo,
por todos os séculos dos séculos.
– Amen.

O Senhor esteja convosco:
– E com o teu espírito.

Dêmos graças ao Senhor:
– Graças a Deus.

Abençoa-nos e protege-nos, Senhor Deus onipotente
e misericordioso, Pai, Filho e Espírito Santo.
– Amen.

CONCERTO

(Is 6, 3/1ª Jo 5, 7-8)

Dois serafins clamavam um para o outro:
Santo é o Senhor Deus dos Exércitos!
Toda a terra está cheia da sua glória!
Três são aqueles que dão testemunho nos céus:
o Pai, o Verbo e o Espírito Santo;
e estes Três são Um.
Santo é o Senhor Deus dos Exércitos!
Toda a terra está cheia da Sua glória!

ANTÍFONA MARIANA

Salvé, Rainha, Mãe de misericórdia,
vida, doçura e esperança nossa, salve!
A Ti clamamos os degradados filhos de Eva,
a Ti suspiramos, gemendo e chorando
neste vale de lágrimas.
Eia, pois, advogada nossa,
esses Teus olhos misericordiosos a nós volte.
E Jesus, bendito fruto do Teu ventre,
mostra-nos depois deste desterro.

O clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria.

Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix:

– *Ut digni efficiamur promissionibus Christi.*

Oremus.

Divinum auxilium maneat semper nobiscum:

– *Et cum fratribus nostris absentibus. Amen, Alleluia.*

BIOGRAFIAS

LUDOVICE ENSEMBLE

É um grupo especializado na interpretação de Música Antiga, sediado em Lisboa e criado em 2004 por Fernando Miguel Jalôto e Joana Amorim, com o objetivo de divulgar o repertório de câmara vocal e instrumental dos séculos XVII e XVIII através de interpretações historicamente informadas, usando instrumentos antigos. O nome do grupo presta homenagem ao arquiteto e ourives alemão Johann Friedrich Ludwig (1673-1752), conhecido em Portugal como Ludovice. O grupo trabalha regularmente com os melhores intérpretes portugueses especializados e, também, com prestigiados artistas estrangeiros.

O Ludovice Ensemble apresenta-se regularmente em Portugal – Viana do Castelo, Braga, Porto, Gaia, Leiria, Alcobça, Óbidos, Lisboa, Évora, Beja, Loulé, Tavira, Lagos e Funchal – e é uma presença regular nas duas principais salas de Lisboa, o CCB e a Fundação Calouste Gulbenkian. O Ludovice Ensemble apresentou-se ainda no festival Laus Polyphoniae na Bélgica (AMUZ, Antuérpia); no festival Oude Muziek de Utreque (Países Baixos); nos festivais de La Chaise-Dieu, Musiques en Vivarais-Lignon e Festes Baroques (França); no Festival de Música Barroca de Praga (República Checa); nos Festivais de Música Antiga de Aranjuez, Vitoria-Gasteiz, Daroca, Peñíscola, Jaca, Ciclo de las Artes de Lugo, Febrero Lírico do Real Coliseo Carlos III de San Lorenzo del Escorial e o Festival Ibérico de Badajoz (Espanha). Em 2016, apresentou-se em Israel, onde também apresentou uma ópera de F. Caccini em colaboração com o grupo belga Huelgas Ensemble e dois concertos dirigidos pelo famoso violinista italiano Enrico Onofri, dedicados ao P.º António Vieira. O seu primeiro CD, editado pela conceituada editora franco-belga Ramée[Outhere, foi calorosamente recebido pelo público e pela crítica especializada em Espanha, França, Suíça, Países Baixos e Alemanha, sendo nomeado para os prestigiados ICMA (International Classical Music Awards), em 2013, na categoria de Barroco Vocal. Para 2017, espera-se o lançamento de mais duas gravações, dedicadas ao Barroco Alemão e Ibérico. Nesta temporada, o Ludovice Ensemble regressa ao Grande Auditório da Fundação Gulbenkian com dois concertos excecionais dedicados à música barroca judaica de tradição sefardita e à ópera francesa de Lully e Charpentier; estreia-se no Festival de Polifonia Portuguesa da Fundação Cupertino de Miranda, no Norte do País, e regressa aos Festivais de Outono em Aveiro.

www.ludoviceensemble.com

Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria.

Ora por nós, Santa Mãe de Deus:

– Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos.

O auxílio divino permaneça conosco para sempre:

– E com os nossos irmãos ausentes. Ámen, Aleluia.

TRADUÇÕES LIVRES DE FERNANDO MIGUEL JALÔTO
A PARTIR DOS TEXTOS LITÚRGICOS.

FERNANDO MIGUEL JALÔTO

Completoou os diplomas de Bachelor of Music e de Master of Music em Cravo no Departamento de Música Antiga e Práticas Históricas de Interpretação do Conservatório Real da Haia (Países Baixos) na classe do professor Jacques Ogg. Frequentou *master-classes* com Gustave Leonhardt, Olivier Baumont, Ilton Wjuniski, Laurence Cummings e Ketil Haugsand. Estudou órgão barroco e clavicórdio, e foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura. É Mestre em Música pela Universidade de Aveiro e, presentemente, frequenta o programa de Doutoramento em Ciências Musicais | Musicologia Histórica da Universidade Nova de Lisboa, como Bolseiro da FCT.

É fundador e diretor artístico do Ludovice Ensemble, um dos mais ativos e prestigiados grupos nacionais de Música Antiga. É membro da Orquestra Barroca da Casa da Música (Porto) e colabora com grupos especializados internacionais, como os Oltremontano e La Galania. Apresentou-se em vários festivais e inúmeros concertos em Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Reino Unido, Noruega, Alemanha, Áustria, Polónia, Bulgária e Japão. Toca regularmente com a Orquestra Gulbenkian (Lisboa) e apresentou-se com a Lyra Baroque Orchestra (Minnesota), a Real Escolania de San Lourenço d’El Escorial, a Orquestra da Radiotelevisão Norueguesa, a Camerata Academica Salzburg, a Orquestra de Câmara da Sinfónica da Galiza, a Orquestra Sinfónica Nacional do Porto e a Orquestra Metropolitana de Lisboa, entre outras. Foi membro da Académie Baroque Européenne de Ambronay e da Orquestra Barroca Divino Sospiro. Trabalhou sob a direção de Ton Koopman, Roy Goodman, Christina Pluhar, Christophe Rousset, Fabio Biondi, Antonio Florio, Harry Christophers, Andrew Parrott, Rinaldo Alessandrini, Chiara Banchini, Enrico Onofri, Alfredo Bernardini, Laurence Cummings, Jaap ter Linden, Elizabeth Wallfish, Christophe Coin, Dirk Snellings, Wim Becu e Paul McCreech, entre muitos outros. Gravou para a Ramée/Outhere, Glossa Music, Brilliant Classics, Dynamic e Anima & Corpo, bem como para a Mezzo, a Arte e a RTP.

16 SET

GRANDE AUDITÓRIO | 21H

ORFEU

Claudio Monteverdi *L’Orfeo*

NOTAS AO PROGRAMA

Na noite de 24 de fevereiro de 1607, os aposentos privados do duque de Mântua abriram-se para um exercício musical a que hoje chamaríamos “experimental”. Tratava-se de ouvir e ver representada uma *favola in musica* encomendada pelo duque Francesco Gonzaga ao compositor Claudio Monteverdi, autor de cinco famosos livros de madrigais. Se passasse a prova da audição privada, a obra deveria ser apresentada em público, como foi, uma semana depois, integrada nas comemorações do Carnaval mantuano. Essa noite ficaria célebre: foi aí que se estreou *L’Orfeo*, que muitos têm como a primeira ópera no sentido moderno. Ao apresentar a sua *favola in musica*, Monteverdi fizera questão de dar à partitura e, sobretudo, ao canto, um papel que até aí estava fora das preocupações dos seus contemporâneos.

A *favola* de Monteverdi, com libreto do poeta Alessandro Striggio, retomava o mito de *Orfeu e Euridice*, caro aos poetas e aos músicos do Renascimento, mas, em vez de o tratar como tragédia declamada ou recitativo acompanhado por música, como acontecera, anos antes, com a *Eurydice* de Jacopo Peri, apresentada em Florença por ocasião dos esponsais de Maria de Médicis com Henrique II de França, propunha uma apropriação musical do mito e o seu tratamento em forma de drama musical. *Prima la musica...*

Uma característica distintiva da música de Monteverdi é “dar vida à palavra e ao gesto, mas também e sobretudo às personagens, aos seus estados de alma, que afloram nas entrelinhas”: a sua música é “a expressão simultânea de uma emoção espiritual e gestual” (Silke Leopold), e esse vai ser, durante um século e meio, em toda a Europa, o programa da música a que hoje chamamos barroca.

LETRAS

Claudio Monteverdi
L’ORFEO

Toccatà

Prologo

LA MUSICA

RITORNELLO

*Dal mio Permesso amato a voi ne vegno,
Incliti eroi, sangue gentil de regi,
Di cui narra la Fama eccelsi pregi,
Nè giunge al ver perch’è tropp’ alto il segno.*

RITORNELLO

*Io la Musica son, ch’ ai dolci accenti
So far tranquillo ogni turbato core,
Et hor di nobil ira et hor d’amore
Poss’ infiammar le più gelate menti.*

Claudio Monteverdi
ORFEO

Toccatà

Prologo

A MÚSICA

Ritornelo

Das margens do meu amado Permesso até vós venho,
Inclitos heróis, nobre sangue real,
Cujos excelsos valores a Fama narra,
Sem chegar à verdade, pois alto de mais é o alvo.

Ritornello

Eu sou a Música, que com os meus doces sons
Apaziguo todo o coração perturbado,
E, ora de nobre ira, ora de amor,
Posso inflamar as mais geladas mentes.

RITORNELLO

*Io su cetera d'or cantando soglio
Mortal orecchio lusingar tal'ora,
E in questa guisa a l'armonia sonora
De la lira del Ciel più l'alme invoglio.*

RITORNELLO

*Quinci a dirvi d'Orfeo desio mi sprona,
D'Orfeo che trasse al suo cantar le fere,
Servo fe' l'Inferno a sue preghiere,
Gloria immortal di Pindo e d'Elicona.*

RITORNELLO

*Hor mentre i canti alterno or lieti, or mesti,
Non si mova augellin fra queste piante,
Né s'oda in queste rive onda sonante,
Et ogni aurette in suo cammin s'arresti.*

RITORNELLO

ATTO PRIMO

PASTORE [I]

*In questo lieto e fortunato giorno
Ch'ha posto fine a gl'amorosi affanni
Del nostro Semideo,
Cantiam, Pastori, in sì soavi accenti
Che sian degni d'Orfeo nostri concenti.
Oggi fatta è pietosa
L'alma già si sdegnosa
De la bella Euridice.
Oggi fatto è felice
Orfeo nel sen di lei, per cui già tanto
Per queste selve ha sospirato e pianto.*

*Dunque in sì lieto e fortunato giorno
Ch'ha posto fine a gl'amorosi affanni
Del nostro Semideo,
Cantiam, Pastori, in sì soavi accenti
Che sian degni d'Orfeo nostri concenti.*

CHORO [DI NINFE E DI PASTORI]

*Vieni Imeneo, deh, vieni,
E la tua face ardente
Sia quasi un sol nascente
Ch'apporti a questi amanti i dì sereni,
E lunge homai disgombre
De gl'affanni e del duol gl'orrori e l'ombre.*

NINFA

*Muse, honor di Parnaso, amor del cielo,
Gentil conforto a sconcolato core,
Vostre cetre sonore
Squarcino d'ogni nube
Il fosco velo:*

Ritornelo

Eu com a dourada cítara, cantando, costume
O mortal ouvido por vezes lisonjeiar,
E desta forma, para a sonora harmonia
Da lira celeste, mais desperto nas almas o desejo.

Ritornelo

Aqui me incita o desejo a falar-vos de Orfeu,
De Orfeu que puxou as feras para o seu canto,
Tornou o Inferno servo com as suas preces,
Glória imortal de Pindo e de Elicona.

Ritornelo

Agora, enquanto alterno cantos alegres e tristes,
Nem um pássaro se mova entre estas plantas,
Não se ouça nestas margens onda sonante,
E toda a brisa pare no seu caminho.

Ritornelo

PRIMEIRO ATO

PASTOR [I]

Neste dia feliz e afortunado
Que pôs fim às ânsias amorosas
Do nosso Semideus,
Cantemos, Pastores, com sons tão suaves
Que sejam dignas de Orfeu as nossas melodias.
Hoje se fez piedosa
A alma então desdenhosa
Da bela Euridice.
Hoje está feliz Orfeu
No seio daquela por quem já tanto,
Por estas selvas, andou em suspiros e pranto.

Neste dia feliz e afortunado
Que pôs fim às ânsias amorosas
Do nosso Semideus,
Cantemos, então, Pastores, com sons tão suaves
Que sejam dignas de Orfeu as nossas melodias.

CORO [DE NINFAS E PASTORES]

Vem, Himeneu, sim, vem,
E que a tua chama ardente
Seja quase um sol nascente
Que traga a estes amantes dias serenos
E afaste finalmente
Das ânsias e da dor os horrores e as sombras.

NINFA

Musas, honra de Parnaso,
Amor do céu,
Gentil conforto para um coração desconsolado,
As vossas cítaras sonoras
Rasguem das nuvens todas o escuro véu;

*E mentre oggi propizio al nostro Orfeo
Invochiamo Imeneo,
Su ben temprate corde
Sia il vostro canto al nostro suon concorde.*

CHORO [DI NINFE E DI PASTORI]

*Lasciate i monti,
Lasciate i fonti,
Ninfe vezzos' e liete,
E in questi prati
Ai balli usati
Vago il bel pié rendete.*

*Qui miri il sole
Vostre carole
Più vaghe assai di quelle
Ond'a la luna,
La notte bruna,
Danzano in Ciel le stelle.*

Ritornelo

*Lasciate i monti,
Lasciate i fonti,
Ninfe vezzos' e liete,
E in questi prati
Ai balli usati
Vago il bel pié rendete.*

*Poi di bei fiori
Per voi s'honori
Di questi amanti il crine,
C'hor dei martiri
Dei lor desiri
Godon beati al fine.*

Ritornelo

PASTORE [II]

*Ma tu, gentil cantor, s'a' tuoi lamenti
Già festi lagrimar queste campagne,
Perch'ora al suon de la famosa cetra
Non fai teco gioir le valli e i poggi?*

*Sia testimon del core
Qualche lieta canzon che detti Amore.*

ORFEO

*Rosa del Ciel, vita del mondo, e degna
Prole di lui che l'Universo affrena,
Sol ch'il tutto circonda e'l tutto miri,
Da gli stellanti giri,
Dimmi, vedesti mai
Di me più lieto e fortunato amante?
Fu ben felice il giorno,
Mio ben, che pria ti vidi,
E più felice l'ora*

E enquanto hoje, propício ao nosso Orfeu,
Invocamos Himeneu,
Em bem temperadas cordas
Seja o vosso canto concorde com o nosso som.

CORO [DE NINFAS E PASTORES]

Deixai os montes,
Deixai as fontes,
Ninfas graciosas e alegres.
E nestes prados
Com as vossas danças usuais
Fazei girar o belo pé.

Aqui contemple o Sol
As vossas danças de roda,
Muito mais belas do que aquelas
Em que sob a lua,
Na noite sombria,
Dançam no céu as estrelas.

Ritornelo

Deixai os montes,
Deixai as fontes,
Ninfas graciosas e alegres.
E nestes prados
Com as vossas danças usuais
Fazei girar o belo pé.

Para que com belas flores
Possais enfeitar
As cabeleiras destes amantes,
Que livres dos martírios
Os seus desejos
Gozam felizes.

Ritornelo

PASTOR [II]

Mas tu, gentil cantor, se com os teus lamentos
Já fizeste verter lágrimas a estes campos,
Porque não fazes, ao som da famosa cítara,
Regozijar contigo morros e vales?

Seja testemunha do coração
Alguma alegre canção por Amor ditada.

ORFEU

Rosa do Céu, vida do mundo e digna
Prole daquele que rege o Universo,
Sol que tudo cinges e tudo vê,
Lá das celestes esferas,
Diz-me, já viste, do que eu,
Amante mais feliz e afortunado?
Bem feliz foi o dia,
Meu bem, em que pela primeira vez te vi,
E mais feliz a hora

*Che per te sospirai,
Poich'al mio sospirar tu sospirasti;
Felicissimo il punto
Che la candida mano
Pegno di pura fede a me porgesti,
Se tanti cori avessi
Quant'occh'il Ciel eterno e quante chiome
Han questi colli ameni il verde maggio,
Tutti colmi sarieno e traboccanti
Di quel piacer ch'oggi mi fa contento.*

EURIDICE

*Io non dirò qual sia
Nel tuo gioir, Orfeo, la gioia mia,
Ché non ho meco il core
Ma teco stassi in compagnia d'Amore.
Chiedilo dunque a lui s'intender brami
Quanto lieta gioisca a quanto t'ami.*

CHORO [DI NINFE E DI PASTORI]

*Lasciate i monti,
Lasciate i fonti,
Ninfe vezzos' e liete,
E in questi prati
Ai balli usati
Vago il bel piè rendete.
Qui miri il sole
Vostre carole
Più vaghe assai di quelle
Ond'a la luna,
La notte bruna,
Danzano in Ciel le stelle.*

RITORNELLO

CHORO [DI NINFE E DI PASTORI]

*Vieni Imeneo, deh, vieni,
E la tua face ardente
Sia quasi un sol nascente
Ch'apporti a questi amanti i dì sereni,
E lunge omai disgombre
De gli affanni e del duol gli orrori e l'ombre.*

PASTORE [I]

*Ma s'il nostro gioir dal Ciel deriva,
Com'è dal ciel ciò che qua giù n'incontra,
Giust'è ben che devoti*

*Gl'offriam incensi e voti.
Dunque al Tempio ciascun rivolga i passi
A pregar Lui ne la cui destra è il Mondo,
Che lungamente il nostro ben conservi.*

Em que por ti suspirei,
Pois ao meu suspirar tu suspiraste;
Felicíssimo o ponto
Em que a cândida mão,
Sinal de pura fé, me estendeste,
Se tivesse tantos corações
Quantos olhos tem o Céu eterno e quantas ramagens
Têm estas amenas colinas no verde Maio,
Todos estariam repletos e trasbordantes
Daquele prazer que hoje me faz contente.

EURÍDICE

Não posso dizer quanto
No teu regozijar, Orfeu, é grande o meu regozijo,
Pois o meu coração não está comigo
Mas sim contigo, em companhia do Amor.
Pergunta então se queres ouvir
Quanto estou feliz e quanto te amo.

CORO [DE NINFAS E PASTORES]

Deixai os montes,
Deixai as fontes,
Ninfas graciosas e alegres,
E nestes prados
Com as vossas danças usuais
Fazei girar o belo pé.
Aqui contemple o sol
As vossas danças de roda,
Muito mais belas do que aquelas
Em que sob a lua,
Na noite sombria,
Dançam no céu as estrelas.

Ritornelo

CORO [DE NINFAS E PASTORES]

Vem, Himeneu, sim, vem,
E que a tua chama ardente
Seja quase um sol nascente
Que traga a estes amantes dias serenos
E afaste finalmente
Das ânsias e da dor os horrores e as sombras.

PASTOR [I]

Mas se a nossa alegria vem do Céu,
Assim como do Céu vem aquilo que cá em baixo
se encontra,
É justo que nós, devotos,
Lhe ofereçamos incensos e votos.
Encaminhem-se todos, então, para o Templo
Para rezar Àquele em cuja mão direita está o Mundo,
Para que preserve o nosso bem por muito tempo.

CHORO

RITORNELLO

[PASTORI I E III]

*Alcun non sia che disperato in preda
Si doni al duol, benché talor n'assaglia
Possente sì che nostra vita inforsa.*

RITORNELLO

[NINFA, PASTORI II E IV]

*Ché, poiché nembo rio gravido il seno
D' atra tempesta inorridito ha il Mondo,
Dispiega il Sol più chiaro i rai lucenti.*

RITORNELLO

[PASTORI II E III]

*E dopo l'aspro gel del Verno ignudo
Veste di fior la Primavera i campi.*

[NINFA E PASTORI I, II, III, IV]

*Ecco Orfeo cui pur dianzi
Furon cibo i sospir, bevanda il pianto,
Oggi felice è tanto
Che nulla è più che da bramar gli avanzi.*

IL FINE DEL PRIMO ATTO

ATTO SECONDO

Sinfonia

ORFEO

*Ecco pur ch'a voi ritorno,
Care selve e piagge amate,
Da quel Sol fatte beate
Per cui sol mie notti han giorno.*

Ritornelo

PASTORE [I]

*Mira ch'a sè n'alletta
L'ombra, Orfeo, de que' faggi
Hor che infocati raggi
Febo dal Ciel saetta.*

RITORNELLO

*Su quell'herbosa sponda
Posiamci, e in varii modi
Ciascun sua voce snodi
Al mormorio de l'onde.*

CORO

Ritornelo

[PASTORES I E III]

Que ninguém se abandone, desesperado,
À dor, embora, talvez, com tal violência nos assalte
Que a nossa própria vida possa em risco ser posta.

Ritornelo

[NINFA, PASTORES II E IV]

Porque, depois de uma nuvem hostil,
A tropejar na horrível tempestade, ter apavorado o Mundo,
O Sol estende mais claro os seus raios brilhantes.

Ritornelo

[PASTORES II E III]

E depois do áspero gelo do despido inverno
Veste a primavera com flores os campos.

[NINFA, PASTORES I, II, III E IV]

Eis Orfeu que, então,
Teve por alimento os suspiros e por bebida o pranto,
Hoje, feliz é tanto
Que nada mais tem para desejar.

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Sinfonia

ORFEO

A vós regresso, por fim,
Selvas queridas, declives amados,
Tornados ditosos pelo mesmo Sol
Que das minhas noites faz nascer os dias.

Ritornelo

PASTOR [I]

Olha como é convidativa,
Orfeu, a sombra daquelas faias,
Agora que Febo lança do céu
Raios de fogo.

Ritornelo

Naquela margem arrelvada
Estendamo-nos, e em vários modos
Cada um a sua voz solte
Sobre o murmurar das ondas.

RITORNELLO**DUE PASTORI [I E III]**

*In questo prato adorno
Ogni selvaggio Nume
Sovente ha per costume
Di far lieto soggiorno.*

RITORNELLO

*Qui Pan Dio de' Pastori,
S'udi talor dolente
Rimembrar dolcemente
Suoi sventurati amori.*

RITORNELLO**DUE PASTORI [I E III]**

*Qui le Napee vezzose
(Schiera sempre fiorita)
Con le candide dita
Fur viste a coglier rose.*

RITORNELLO**CHORO [NINFA E PASTORI I, II, III, IV]**

*Dunque fa' degn', Orfeo,
Del suon de la tua lira
Questi campi ove spira
Aura d'odor Sabeo.*

RITORNELLO**ORFEU**

*Vi ricorda, o boschi ombrosi,
De' miei lunghi aspri tormenti,
Quando i sassi ai miei lamenti
Rispondean, fatti pietosi?
Vi ricorda, o boschi ombrosi?*

RITORNELLO

*Dite, allor non vi sembrai
Più d'ogn'altro sconsolato?
Hor fortuna ha stil cangiato
Ed ha volto in festa i guai.
Dite, allor non vi sembrai
Più d'ogni altro sconsolato?*

RITORNELLO

*Vissi già mesto e dolente,
Hor gioisco, e quegli affanni
Che sofferti ho per tant'anni
Fan più caro il ben presente.
Vissi già mesto e dolente*

RITORNELLO

*Sol per te, bella Euridice,
Benedico il mio tormento,
Dopo il duol vi è più contento,*

Ritornelo**DOIS PASTORES [I E III]**

Neste prado ornado
Vêm os Numes da selva
Com prazer
Passar o seu tempo.

Ritornelo

Aqui Pã, Deus dos Pastores,
Foi ouvido, por vezes,
Relembrar com doce tristeza
Os seus infelizes amores.

Ritornelo**DOIS PASTORES [I E III]**

Aqui as Napeias encantadoras
(Companhia sempre florida)
Com os cândidos dedos
Foram vistas colher rosas.

Ritornelo**CORO [NINFA E PASTORES I, II, III, IV]**

Torna então, Orfeu, dignos
Do som da tua lira
Estes campos onde sopra
Aura de perfumes sabeus.

Ritornelo**ORFEU**

Recordais, bosques sombreados,
Os meus longos, cruéis tormentos,
Quando só as pedras, aos meus lamentos,
Respondiam, piedosas?
Recordais, bosques sombreados?

Ritornelo

Dizei, não vos pareci, então,
Mais do que qualquer outro desconsolado?
Agora a sorte mudou
E as desgraças em alegrias tornou.
Dizei, não vos pareci, então,
Mais do que qualquer outro desconsolado?

Ritornelo

Já vivi triste e dolente,
Agora regozijo, e aquelas ânsias
Que sofri por tantos anos
Tornam mais valioso o bem presente.
Já vivi triste e dolente

Ritornelo

Só por ti, bela Euridice,
Bendigo o meu tormento,
Depois da dor há mais contentamento,

Dopo il mal vi è più felice.

PASTORE [I]

*Mira, deh mira Orfeo, che d'ogni intorno
Ride il bosco e ride il prato,
Segui pur col plettr' aurato
D'addolcir l'aria in si beato giorno.*

MESSAGGIERA

*Ahi caso acerbo, ahi fat'empio e crudele,
Ahi Stelle ingiuriose, ahi Cielo avaro!*

PASTORE [I]

Qual suon dolente il lieto di perturba?

MESSAGGIERA

*Lassa, dunque debb'io,
Mentre Orfeo con sue note il Ciel consola
Con le parole mie passargli il core?*

PASTORE [II]

*Queste è Silvia gentile,
Dolcissima compagna
De la bell' Euridice: oh quanto è in vista
Dolorosa: or che fia? deh, sommi Dei,
Non torcete da noi benigno il guardo.*

MESSAGGIERA

*Pastor lasciate il canto,
Ch'ogni nostr'allegrezza in doglia è volta.*

ORFEU

*Donde vieni? Ove vai?
Ninfa, che porti?*

MESSAGGIERA

*A te ne vengo Orfeo,
Messaggiera infelice
Di caso più infelice e più funesto!
La tua bella Euridice...*

ORFEU

Ohimè, che odo?

MESSAGGIERA

La tua diletta sposa è morta!

ORFEU

Ohimè!

MESSAGGIERA

*In un fiorito prato
Con l'altre sue compagne
Giva cogliendo fiori
Per farne una ghirlanda a le sue chiome,*

Depois do mal há mais felicidade.

PASTOR [I]

*Olha, sim, olha Orfeu, como à tua volta,
Ri o bosque e ri o prado,
Continua, com o plectro dourado,
A tornar o ar mais doce num dia tão feliz.*

MENSAGEIRA

*Ai doloroso caso, ai fado ímpio e cruel,
Ai injuriosas Estrelas, ai Céu avaro!*

PASTOR [I]

Que triste som vem perturbar o alegre?

MENSAGEIRA

*Pobre de mim, sou eu então quem devo,
Enquanto Orfeu com as suas notas o Céu consola,
Com as minhas palavras trespassar-lhe o coração?*

PASTOR [II]

*Esta é a gentil Silvia,
Dulcíssima companhia
Da bela Euridice: oh, como parece aflita:
Que será agora? Ó Deuses supremos,
Não afasteis de nós o vosso olhar benigno.*

MENSAGEIRA

*Pastores, deixai o canto,
Pois toda a nossa alegria se transformou em dor.*

ORFEU

*De onde vens? Para onde vais?
Ninfa, que trazes?*

MENSAGEIRA

*Para ti venho, Orfeu,
Mensajeira infeliz
De caso mais infeliz e mais funesto!
A tua bela Euridice...*

ORFEU

Ai de mim, que ouço?

MENSAGEIRA

A tua querida esposa morreu!

ORFEU

Ai de mim!

MENSAGEIRA

*Num prado florido
Com as suas companheiras
la apanhando flores
Para enfeitar o cabelo,*

Quand' angue insidioso,
Ch'era fra l'erbe ascoso,
Le punse un piè con velenoso dente.
Ed ecco immantinente
Scolorirsi il bel viso a nei suoi lumi
Sparir quei lampi, ond'ella al Sol fea scorno.
Allor noi tutte sbigottite e meste
Le fummo intorno, richiamar tentando
Gli spirti in lei smarriti
Con l'onda fresca e con possenti carmi;
Ma nulla valse, ah! lassa!
Ch'ella i languidi lumi alquanto aprendo,
E te chiamando, Orfeo,
Dopo un grave sospiro
Spirò fra queste braccia, ed io rimasi
Piena il cor di pietade e di spavento.

PASTORE [I]

Ahi caso acerbo, ah! fat' empio e crudele!
Ahi stelle ingiuriose, ah!, Cielo avaro!

PASTORE [III]

A l'amara novella
Rassembra l'infelice un muto sasso,
Che per troppo dolor non può dolersi.

PASTORE [I]

Ahi ben haverbebe un cor di Tigre o d'Orsa
Chi non sentisse del tuo mal pietade,
Privo d'ogni tuo ben, misero amante!

ORFEU

Tu se' morta, se' morta mia vita, ed io respiro?
Tu se' da me partita, se' da ma partita
Per mai più non tornare, ed io rimango?
No, che se i versi alcuna cosa ponno
N'andrò sicuro a' più profondi abissi,
E intenerito il cor del Re de l'Ombre
Meco trarrotti a riveder le stelle:
O se ciò negherammi empio destino
Rimarrò teco in compagnia di morte.
A dio terra, a dio Cielo, e Sole a dio.

CHORO [NINFA E PASTORI I, II, III, IV]

Ahi caso acerbo, ah! fato empio e crudele!
Ahi stelle ingiuriose, ah! Cielo avaro!
Non si fidi uom mortale
Di ben caduco e frale
Che tosto fugge, e spesso
A gran salita il precipizio è presso.

MESSAGGIERA

Ma io ch'in questa lingua
Ho portato il coltello
Ch'ha svenata d'Orfeo l'anima amante,

Quando uma cobra insidiosa,
Entre as relvas escondida,
Lhe mordeu o pé com um dente envenenado.
E eis que, imediatamente,
O seu rosto empalideceu e os seus olhos
Perderam aquele brilho com que causava inveja ao Sol.
Nós, então, todas apavoradas e tristes
Corremos em torno dela, tentando chamar
De volta os espíritos nela perdidos,
Com água fresca e com poderosos encantos;
Mas de nada valeu, ai pobre!
Pois ela abrindo os lânguidos olhos um pouco,
E chamando por ti, Orfeu,
Depois de um grave suspiro,
Expirou entre os meus braços, e eu fiquei
Com o coração cheio de piedade e de pavor.

PASTOR [I]

Ai doloroso caso, ai fado ímpio e cruel,
Ai injuriosas Estrelas, ai Céu avaro!

PASTOR [III]

A amarga notícia
Fez o infeliz parecer-se com uma muda pedra,
Que pela demasiada dor lamentar-se não consegue.

PASTOR [I]

Ai, só poderia ter um coração de Tigre ou de Ursa
Quem não sentisse piedade pela tua dor,
Miseró amante, privado de todo o teu bem.

ORFEU

Tu estás morta, estás morta, minha vida, e eu respiro?
Tu partiste de mim, partiste de mim
Para nunca mais voltar, e eu fico?
Não, porque se os versos têm algum poder,
Irei sem medo até ao mais fundo dos abismos,
E, enternecido o coração do Rei das Sombras,
Levar-te-ei comigo a rever as estrelas:
Ou, se ímpio destino isto me negará,
Quedar-me-ei contigo em companhia da morte.
Adeus terra, adeus Céu, e Sol adeus.

CHORO [NINFA, PASTORES I, II, III E IV]

Ai doloroso caso, ai fado ímpio e cruel,
Ai injuriosas Estrelas, ai Céu avaro!
Não confie homem mortal
No bem incerto e frágil,
Pois logo foge e, muitas vezes,
Por detrás de uma grande subida está o precipício.

MENSAGEIRA

E eu que nesta língua
Trouxe a faca
Que abriu as veias da alma amante de Orfeu,

Odiosa ai pastori e a le Ninfe,
Odiosa a me stessa, ove m'ascondo?
Nottola infausta, il Sole
Fuggirò sempre e in solitario speco
Menerò vita al mio dolor conforme.

Sinfonia

CHORO

[PASTORI I E III]

Chi ne consola, ah! lassi?
O pur chi ne concede
Ne gl'occhi un vivo fonte
Da poter lagrimar come conviensi
In questo mesto giorno,
Quanto più lieto già, tant' or più mesto?
Oggi turbo crudele
I due lumi maggiori
Di queste nostre selve,
Euridice e Orfeo
L'una punta da l'angue,
L'altro dal duol trafitto, ah! lassi ha spenti.

[NINFA E PASTORI I, II, III, IV]

Ahi caso acerbo, ah! fato empio e crudele!
Ahi stelle ingiuriose, ah! Cielo avaro!

[PASTORI I E III]

Ma dove, ah dove or sono
De la misera Ninfa
Le belle e fredde membra,
Dove suo degno albergo
Quella bell'alma elesse
Ch'oggi è partita in su 'l fiorir de' giorni?
Andiam, pastori, andiamo
Pietosi a ritrovarle,
E di lagrime amare
Il dovuto tributo
Per noi si paghi almeno al corpo esangue.

[NINFA E PASTORI I, II, III, IV]

Ahi caso acerbo, ah! fato empio e crudele,
Ahi stelle ingiuriose, ah! Cielo avaro!

Ritornello

(Qui si muta la Scena.)

Odiosa aos pastores e às ninfas,
Odiosa a mim própria, onde me esconderei?
Coruja infausta, do Sol
Sempre fugirei e em solitária caverna
Levarei uma vida conforme à minha dor.

Sinfonia

CORO

[PASTORES I E III]

Quem nos consola, ai de nós?
Ou quem fará jorrar
Dos nossos olhos uma viva fonte
Para que possamos chorar condignamente
Neste triste dia,
Quanto mais alegre foi, tanto mais triste é agora?
Um turbilhão cruel
As duas luzes maiores
destas nossas selvas,
Eurídice e Orfeu,
Uma mordida pela cobra,
O outro trespassado pela dor, ai deles, apagou.

[NINFA E PASTORES I, II, III E IV]

Ai doloroso caso, ai fado ímpio e cruel!
Ai injuriosas Estrelas, ai Céu avaro!

[PASTORES I E III]

Mas onde, onde está agora
Da infeliz Ninfa
O corpo belo e frio,
Que como seu digno abrigo
Elegera a bela alma
Que hoje partiu, no desabrochar da vida?
Vamos, pastores, vamos
Piedosos, em busca dele,
E de lágrimas amargas
O devido tributo
Seja, ao menos, pago por nós ao corpo exangue.

[NINFA E PASTORES I, II, III E IV]

Ai doloroso caso, ai fado ímpio e cruel,
Ai injuriosas Estrelas, ai Céu avaro!

Ritornello

(Aqui muda-se a cena.)

IL FINE DEL SECONDO ATTO

ATTO TERZO

Sinfonia

ORFEO

Scorto da te, mio Nume,
Speranza, unico bene
Degli afflitti mortali, homai son giunto
A questi mesti e tenebrosi regni
Ove raggio di Sol giammai non giunse.
Tu, mia compagna e duce,
In così strane e sconosciute vie
Reggesti il passo debole e tremante,
Ond'oggi ancora spero
Di riveder quelle beate luci
Che sol'a gl'occhi miei portan il giorno.

SPERANZA

Ecco l'atra palude, ecco il nocchiero
Che trae l'ignudi spirti a l'altra riva,
Dove ha Pluton de l'ombre il vasto impero.
Oltre quel nero stagno oltre quel fiume,
In quei campi di pianto e di dolore,
Destin crudele ogni tuo ben t'asconde.
Hor d'uopo d'un gran cuor e d'un bel canto:
Io fin qui t'ho condotto, hor più non lice
Teco venir, ch'amara legge ti vieta.
Legge scritta col ferro in crudo sasso
De l'ima reggia in su l'orribil soglia,
Che in queste note il fiero senso esprime:
"Lasciate ogni speranza o voi ch'entrate".

Dunque, se stabilito hai pur nel core
Di porre il piè nella Città dolente,
Da te me'n fuggo e torno
A l'usato soggiorno.

ORFEO

Dove, ah, dove te'n vai,
Unico del mio cor dolce conforto?
Poiché non lunge omai
Del mio lungo cammin si scopre il porto,
Perché ti parti e m'abbandoni, ah! lasso,
Sul periglioso passo?
Qual bene hor più m'avanza
Se fuggi tu, dolcissima Speranza?

CARONTE

O tu ch'innanzi morte a queste rive
Temerario te'n vieni, arresta i passi;
Solcar quest'onde ad huom mortal non dassi,
Né può co' morti albergo haver chi vive.
Che? Vuoi forse nemico al mio Signore,

FIM DO SEGUNDO ATTO

TERCEIRO ATO

Sinfonia

ORFEU

Escoltado por ti, meu Nume,
Esperança, único bem
Dos aflitos mortais, cheguei
A estes tristes e tenebrosos reinos
Onde nunca penetrou raio de Sol.
Tu, minha companheira e guia,
Por tão estranhas e desconhecidas vias,
Seguraste o passo incerto e tremente,
Onde, ainda hoje, espero
Rever aqueles ditosos olhos
Que só eles podem trazer o dia aos meus olhos.

ESPERANÇA

Eis o lúgubre pântano, eis o barqueiro
Que leva as almas defuntas para a outra margem,
Onde Plutão rege o vasto império das sombras.
Para além daquele negro charco, para além daquele rio,
Naqueles campos de pranto e de dor,
Cruel destino todo de teu bem esconde.
Agora necessitas de um grande coração e de um belo canto:
Trouxe-te até aqui, mas não me é permitido
Ir além contigo, severa lei o proíbe.
Lei escrita com ferro em dura pedra
Na horrível soleira deste profundo reino
Que nestas palavras exprime o seu cruel sentido:
"Abandonai toda a esperança, vós que entráis."

Portanto, se no teu coração decidiste
Entrar na Cidade desolada,
Afasto-me de ti e regresso
Ao meu lugar habitual.

ORFEU

Onde, sim, onde vais tu,
Único doce conforto do meu coração?
Agora que não longe daqui
Se entrevê já o porto do meu longo caminho,
Porque partes e me abandonas, ai de mim,
Neste perigoso lugar?
Que ajuda me resta
Dulcíssima Esperança, se tu me foges?

CARONTE

Ó tu que diante da morte a estas margens
Vens, temerário, retém os passos;
A homem mortal não é dado sulcar estas ondas,
Nem com os mortos pode conviver quem estiver vivo.
E que pretendes? Inimigo do meu Senhor, queres talvez

Cerbera trar da le Tartaree porte?
O rapir brami sua cara consorte,
D'impudico desire accesso il core?
Pon freno al foll'ardir, ch'entr'al mio legno
Non accorrò più mai corporea salma,
Se de gli antichi oltraggi ancor ne l'alma
Serbo acerba memoria e giusto sdegno.

Sinfonia

ORFEO

Possente Spirto e formidabil Nume,
Senza cui far passaggio a l'altra riva
Alma da corpo sciolta in van presume.

RITORNELLO

Non viv'io no, che poi di vita è priva
Mia cara sposa, il cor non è più meco,
E senza cor com'esser può ch'io viva?

RITORNELLO

A lei volt'ho il cammin per l'aer cieco,
A l'Inferno non già, ch'ovunque stassi
Tanta bellezza, il Paradiso ha seco.

RITORNELLO

Orfeo son io, che d'Euridice i passi
Seguo per queste tenebrose arene,
Ove già mai per uom mortal non vassi.

O de le luci mie luci serene,
S'un vostro sguardo può tornarmi in vita,
Ahi chi niega il conforto a le mie pene?

Sol tu nobile Dio puoi darmi aita,
Né temer dei, che sopra un'aurea Cetra
Sol di corde soavi armo le dita
Contra cui rigida alma invan s'impetra.

CARONTE

Ben mi lusinga alquanto
Dilettandomi il core,
Sconsolato Cantore,
Il tuo pianto e 'l tuo canto.
Ma lunge, ah, lunge sia da questo petto
Pietà, di mio valor non degno affetto.

ORFEO

Ahi, sventurato amante,
Sperar dunque non lice
Ch'odan miei prieghi i Cittadin d'Averno?
Onde qual ombra errante
D'insepulto cadavere infelice
Privo sarò del Cielo e de l'Inferno?
Cosi vuol empia sorte

Afastar Cérbero das tartáreas portas?
Ou, com o coração aceso por um impudico desejo,
Queres raptar a sua querida esposa?
Trava esta louca ousadia, pois dentro do meu barco
Nunca mais acolherei o corpo de algum mortal,
Pois dos antigos ultrajes ainda guardo na alma
Amarga memória e justo desdém.

Sinfonia

ORFEU

Poderoso Espírito e espantoso Nume,
Sem o qual em vão espera passar para a outra margem
A alma liberta do corpo.

Ritornelo

Eu não vivo, porque vida já não tem
A minha querida esposa, e já não tenho, por isso, coração.
E, sem coração, como posso eu viver?

Ritornelo

Para ela dirigir o meu caminho através das trevas
Mas não para o Inferno, porque, onde quer que
Tanta beleza esteja, o Paraíso está com ela.

Ritornelo

Eu sou Orfeu, que os passos de Eurídice
Sigo por estas tenebrosas terras
Por onde nunca passou homem mortal.

Ó olhos serenos dos meus olhos,
Se um olhar vosso pode devolver-me à vida,
Quem poderia negar conforto às minhas penas?

Só tu, nobre Deus, podes dar-me ajuda,
E nada tens que recear, pois sobre uma áurea Cítara
Apenas armo os meus dedos de cordas suaves
Contra as quais rígida alma em vão resiste.

CARONTE

Bem me lisonjeiam,
Deleitando o meu coração,
Ó desconsolado Cantor,
O teu pranto e o teu canto.
Mas longe, longe esteja deste peito
Piedade, sentimento indigno do meu valor.

ORFEU

Ai, desventurado amante,
Não me é então permitido esperar
Que ouçam as minhas preces os habitantes do Averno?
Onde terei que vaguear como a sombra
De infeliz cadáver não sepultado
Sem Céu nem Inferno?
Assim quer a impia sorte

*Ch'in questi orror di morte
Da te, cor mio, lontano
Chiami tuo nome invano,
E pregando e piangendo io mi consumi?
Redetemi il mio ben, Tartarei Numi.*

Sinfonia

ORFEO

*Ei dorme, e la mia cetra
Se pietà non impetra
Ne l'indurato core, almen il sonno
Fuggir al mio cantar gli occhi non ponno.*

*Su dunque, a che più tardo?
Tempo è ben d'approdar su l'altra sponda
S'alcun non è ch'il nieghi
Vaglia l'ardir, se foran vani i prieghi.
E' vago fior del Tempo
L'occasion, ch'esser dee colta a tempo.*

(Qui entra nella barca e passa cantando.)

*Mentre versan quest'occhi amari fiumi,
Redetemi il mio ben, Tartarei Numi.*

Sinfonia

CHORO DI SPIRITI INFERNALI

*Nulla impresa per huom si tenta invano
Né contro a lui più sa natura armarse,
Ei de l'instabil piano
Arò gli ondosi campi, e 'l seme sparse
Di sue fatiche, ond'aurea messe accolse.
Quinci, perché memoria
Vivesse di sua gloria,
La Fama a dir di lui sua lingua sciolse,
Ch'ei pose freno al mar con fragil legno,
Che sprezzò d'Austro e d'Aquilon lo sdegno.*

Sinfonia

IL FINE DEL TERZO ATTO

ATTO QUARTO

PROSERPINA

*Signor, quell'infelice
Che per queste di morte ampie campagne
Va chiamand'Euridice,
Ch'udit'hai pur tu dianzi
Così soavemente lamentarsi,
Moss'ha tanta pietà dentr'al mio core,
Ch'un'altra volta io torno a porger prieghi
Perché il tuo Nume al suo pregar si pieghi.*

Que nestes horrores de morte
Longe de ti, meu coração,
Chame o teu nome, em vão,
e orando e chorando eu me consuma?
Devolvei-me o meu bem, Tartáreos Numes.

Sinfonia

ORFEU

Ele dorme, e se a minha cítara
Não infunde piedade
Naquele coração empedernido, pelo menos do sono,
Com o meu cantar, não podem os seus olhos fugir.

Então, porque me demoro?
É tempo de acostar na outra margem,
Se não houver ninguém que o impeça,
Chegue a ousadia onde não chegaram as preces.
É a ocasião uma bela flor do Tempo
Que deve ser colhida na devida altura.

(Entra no barco e passa cantando)

Enquanto vertem estes olhos amargos rios,
Devolvei-me o meu bem, Tartáreos Numes.

Sinfonia

CORO DE ESPÍRITOS INFERNALIS

O homem nada tenta em vão
E contra ele a natureza já não se sabe armar,
Da instável planície
Arou os ondedados campos, espalhou a semente
Colhendo, das suas fadigas, áurea seara.
E ainda, para que perdurasse
Memória da sua glória,
A Fama soltou a língua para falar nele,
Dominou o mar com frágil barco,
Que desdenhou da indignação de Austro e de Aquilão.

Sinfonia

FIM DO TERCEIRO ATO

QUARTO ATO

PROSÉRPINA

Senhor, aquele infeliz
Que por estas amplas planícies de morte
Vai chamando Euridice,
Que, há pouco, também ouviste
Tão suavemente queixar-se,
Nascer tanta piedade no meu coração,
Que venho, mais uma vez, rogar
Que o teu Nume ceda ao seu orar.

*Deh, se da queste luci
Amorosa dolcezza unqua traesti,
Se ti piacqui' il seren di questa fronte
Che tu chiami tuo Cielo, onde mi giuri
Di non invidiar sua sorte a Giove,
Pregoti per quel foco
Con cui già la grand'alma Amor t'accese,
Fa ch'Euridice torni
A goder di quei giorni
Che trar solea vivendo in feste e in canto,
E del misero Orfeo consola 'l pianto.*

PLUTONE

*Benché severo ed immutabil fato
Contrasti amata sposa i tuoi desiri,
Pur null'homai si nieghi
A tal beltà congiunta a tanti prieghi.
La sua cara Euridice
Contra l'ordin fatale Orfeo ricovri.
Ma pria che tragga il piè da questi abissi
Non mai volga ver lei gli avidi lumi,
Che di perdita eterna
Gli sia certa cagion un solo sguardo.
Io così stabilisco. Hor nel mio Regno
Fate, o Ministri, il mio voler palese
Si che l'intenda Orfeo
E l'intenda Euridice,
Né di cangiarlo altrui sperar più lice.*

CHORO DI SPIRITI INFERNALI

[SPIRITO I]

*O de gli habitator de l'ombre eterne,
Possente Re legge ne sia tuo cenno,
Che ricercar altre cagioni interne
Di tuo voler nostri pensier non denno.*

[SPIRITO II]

*Tarrà da quest'orribili caverne
Sua sposa Orfeo, s'adoprerà suo ingegno,
Si che nol vinca giovenil desio.
Né i gravi imperi tuoi sparga d'oblio.*

PROSERPINA

*Quali grazie ti rendo
Hor che sì nobil dono
Concedi a' prieghi miei, Signor cortese?*

*Sia benedetto il di che pria ti piacqui,
Benedetta la preda e' il dolce inganno,
Poiché per mia ventura
Feci acquisto di te perdendo il Sole.*

PLUTONE

*Tue soavi parole
D'Amor l'antica piaga*

Se destes olhos
Amorosa doçura alguma vez levaste,
Se gostaste da serenidade desta fronte
A que chamas teu Céu e que te faz jurar
não invejares a tua sorte a Júpiter,
Rogo-te, por aquele fogo
Com que Amor a tua grande alma inflamar,
Faz como que Euridice volte
A gozar aqueles dias
Que costumava viver em festas e em canto,
E do infeliz Orfeu consola o pranto.

PLUTÃO

Embora severo e imutável fado
Contraste com os teus desejos, amada esposa,
Já nada seja negado
A tal beleza junta com tantas preces.
A sua querida Euridice,
Contra a ordem fatal, Orfeu tenha de volta.
Mas, antes de ter saído destes abismos,
Nunca ele vire os seus ávidos olhos para ela,
Que de perda eterna
Um só olhar seria razão segura.
Eu assim o determino. Agora, no meu reino,
Ministros, dai a conhecer a minha vontade
A Orfeu, que a entenda
E que a entenda Euridice,
E que ninguém espere poder mudá-la.

CORO DE ESPÍRITOS INFERNALIS

[ESPÍRITO I]

Ó, dos habitantes das sombras eternas,
Poderoso Rei, lei para nós seja um teu sinal,
Que não devem os nossos pensamentos
Outras razões procurar além da tua vontade.

[ESPÍRITO II]

Tirárá destas horríveis cavernas
A sua esposa Orfeu, o seu talento permitir-lhe-á
Não ser vencido pelo juvenil desejo,
E não cobrir pelo esquecimento as tuas graves ordens.

PROSÉRPINA

Como te posso agradecer
Agora que tão nobre prenda
Concedeste às minhas preces, cortês Senhor?

Abençoado seja o dia em que gostaste de mim,
Abençoada a presa e o doce engano,
Porque por minha sorte
Ganhei-te a ti, perdendo o Sol.

PLUTÃO

As tuas doces palavras
Refrescam, no meu coração,

Rinfrescan nel mio core,
Così l'anima tua non sia più vaga
Di celeste diletto,
Si ch'abbandoni il marital tuo letto.

CHORO DI SPIRITI [INFERNALI]

Pietade oggi e Amore
Trionfan ne l'Inferno.

[SPIRITO I]

Ecco il gentil cantore
Che sua sposa conduce al ciel superno.

RITORNELLO

ORFEO

Qual honor di te fia degno,
Mia cetra onnipotente,
S'hai nel Tartareo Regno
Piegar potuto ogn'indurata mente?

RITORNELLO

Luogo havrai fra le più belle
Imagini celesti,
Ond'al tuo suon le stelle
Danzeranno in giri hor tardi hor presti.

RITORNELLO

Io per te felice a pieno,
Vedrò l'amato volto,
E nel candido seno
De la mia Donna oggi sarò raccolto.
Ma mentre io canto, ohimè, chi m'assicura
Ch'ella mi segua? Ohimè, chi mi nasconde
De l'amate pupille il dolce lume?
Forse d'invidia punte
Le Deità d'Averno
Perch'io non sia qua giù felice a pieno
Mi tolgono il mirarvi,
Luci beate e liete,
Che sol col sguardo altrui bear potete?
Ma che temi, mio core?
Ciò che vieta Pluton, comanda Amore.
A Nume più possente,
Che vince uomini e Dei,
Ben ubbidir dovrei.

(Qui si fa strepito dietro la tela)

Ma che odo? Ohimè lasso?
S'arman forse a' miei danni
Con tal furor le Furie innamorate
Per rapirmi il mio ben, ed io 'l consento?

A antiga chaga do Amor;
Que a tua alma não volte a ser atraída
Pelos celestes deleites,
Quando abandonas o teu leito conjugal.

CORO DE ESPÍRITOS [INFERNAIS]

Hoje Piedade e Amor
Triunfam no Inferno.

[ESPÍRITO I]

Eis o gentil cantor
Que a sua esposa leva para o eterno céu.

Ritornelo

ORFEU

Que honra será digna de ti,
Minha cítara onnipotente
Se do Tartáreo Reino
Conseguiste dobrar a endurecida mente?

Ritornelo

Terás lugar entre as mais belas
Imagens celestes,
E assim, ao teu som, as estrelas
Dançarão, ora em lentas, ora em rápidas voltas.

Ritornelo

Eu, por ti plenamente feliz,
Verei o amado rosto,
E no cândido seio
Da minha Senhora hoje me aconchegarei.
Mas, enquanto vou cantando, quem me assegura
Que ela me siga? Ai de mim, quem me esconde
Das amadas pupilas a doce luz?
Talvez picadas pela inveja,
As Divindades do Averno,
Para que cá em baixo não seja plenamente feliz,
Não deixam que eu vos mire,
Olhos lindos e felizes,
Que com um só olhar podeis fazer os outros felizes?
Mas que receias tu, meu coração?
Aquila que Plutão veta, Amor comanda.
Ao poderoso Nume
Que vence homens e Deuses,
Bem deveria eu obedecer.

(Ouve-se um ruído por detrás do cenário)

Mas o que ouço? Ai de mim!
Armam-se talvez contra mim,
Com tanto furor, as Fúrias enamoradas?
Para raptar o meu bem, e eu consinto?

(Qui si volta Orfeo)

O dolcissimi lumi, io pur vi veggio,
Io pur: ma qual Eclissi, ohimè, v'oscura?

UNO SPIRITO [III]

Rott'hai la legge e se' di grazia indegno.

EURÍDICE

Ahi, vista troppo dolce e troppo amara!
Così per troppo amor dunque mi perdi?
Et io, misera perdo
Il Poder più godere
E di luce e di vita, e perdo insieme
Te, d'ogni ben più caro, o mio Consorte.

UNO SPIRITO [I]

Torna a l'ombre di morte
Infelice Euridice,
Né più sperar di riveder le stelle,
Ch'homai fia sordo a' prieghi tuoi l'Inferno.

ORFEO

Dove t' 'n vai mia vita? Ecco io ti seguo.
Ma chi me' l' nieg'ohimè:
Sogn' o vaneggio?
Qual occulto poter di questi orrori,
Da questi amati orrori
Mal mio grado mi tragge, e mi conduce,
A l'odiosa luce?

Sinfonia

CHORO DI SPIRITI

È la virtute un raggio
Di celeste bellezza,
Pregio de l'alma ond'ella sol s'apprezza.

Questa di Temp'oltraggio
Non teme anzi maggiore
Ne l'huom rendono gl'anni il suo splendore.

Orfeo vinse l'Inferno e vinto poi
Fu da gli affetti suoi.
Degno d'eterna gloria
Fia sol colui ch'havrà di sé vittoria.

Sinfonia

IL FINE DEL QUATRO ATTO

(Orfeu vira-se)

Ah dulcíssimos olhos, por fim vos vejo,
Mas que Eclipse, ai de mim, vos obscurece?

UM ESPÍRITO [III]

Quebraste a lei e és indigno da graça.

EURÍDICE

Ai visão demasiado doce e demasiado amarga
Assim, por demasiado amor me perdes?
E eu, infeliz, perco
O Poder de alguma vez mais gozar
Da luz e da vida e, ao mesmo tempo,
Perco-te a ti, bem mais querido, meu Consorte.

UM ESPÍRITO [I]

Volta para as sombras da morte,
Infeliz Euridice,
E jamais penses em voltar a ver as estrelas,
Que já é surdo às tuas preces o Inferno.

ORFEU

Onde vais, minha vida? Eis-me, eu sigo-te.
Mas quem me impede, ai de mim?
Sonho ou devaneio?
Que occulto poder destes horrores,
Para fora destes amados horrores, contra a minha
vontade, me puxa
para a odiosa luz?

Sinfonia

CORO DE ESPÍRITOS

É a virtude um raio
De celeste beleza,
Qualidade da alma que só por si lhe dá o valor.

Esta do Tempo a agressão
Não receia, pois no homem os anos tornam
Maior o seu esplendor.

Orfeu venceu o Inferno e foi vencido
Depois pelos seus afectos.
Digno de glória eterna
Será só quem se vencer a si próprio.

Sinfonia

FIM DO QUARTO ATTO

ATTO QUINTO

Ritornello

ORFEO

Questi i campi di Tracia e quest'è il loco
Dove passomm' il core
Per l'amara novella il mio dolore.
Poi che non ho più speme
Di ricovar pregando,
Piangendo e sospirando
Il perduto mio bene,
Che posso io più? Se non volgermi a voi,
Selve soavi, un tempo
Conforto a' miei martir mentr' al Ciel piacque,
Per farvi per pietà meco languire
Al mio languire?
Voi vi doleste, o Monti, e lagrimaste
Voi, sassi, al dipartir del nostro sole,
Ed io con voi lagrimerò mai sempre.
E mai sempre dorrommi, ah! doglia, ah! pianto.

ECO

Ahi pianto

ORFEO

Cortese Eco amorosa,
Che sconsolata sei
E consolar mi vuoi ne' dolor miei;
Benché queste mie luci
Sien già per lagrimar fatte due fonti
In così grave mia fiera sventura
Non ho pianto però tanto che basti.

ECO

Basti.

ORFEO

Se gli occhi d'Argo havessi
E spandessero tutti un Mar di pianto,
Non fora il dual conforme a tanti guai.

ECO

Ahi.

ORFEO

S'hai del mio mal pietade, io ti ringrazio
Di tua benignidade.
Ma, mentr' io mi quero, lo,
Deh, perché mi rispondi
Sol con gl' ultimi accenti?
Rendimi tutti integri i miei lamenti.
Ma tu, anima mia, se mai ritorna
La tua fredd'ombra a quest'amiche piagge,
Prendi da me queste tue lodi estreme,

QUINTO ATO

RITORNELO

ORFEU

Estes são os campos da Trácia e este é o lugar
Onde foi trespassado o meu coração,
Pela amarga notícia, a minha dor.
Agora que já não tenho esperança
De reaver, rogando,
Chorando e suspirando,
O meu bem perdido,
Que mais posso eu? Se não virar-me para vós,
Suaves selvas, noutros tempos
Conforto aos meus martírios, enquanto o Céu permitiu,
Por piedade, comigo partilhar
O meu sofrer?
Haveis lamentado ó Montes, e haveis chorado,
Ó pedras, o desaparecer do nosso Sol,
E eu convosco chorarei para todo o sempre.
E para todo o sempre chorarei, ai dor, ai pranto.

ECO

Ai pranto

ORFEU

Gentil Eco amoroso,
Que estás desconsolado
E me queres consolar nas minhas dores,
Embora estes meus olhos
Já se tenham tornado duas fontes para verter lágrimas,
Nesta minha tão grave e feroz desventura,
Não tenho, no entanto, pranto que chegue.

ECO

Chegue.

ORFEU

Se de Argo tivesse os olhos
E todos jorrassem um Mar de pranto,
A dor não seria conforme a tantos ais.

ECO

Ai.

ORFEU

Se tens dó do meu mal, agradeço-te
A tua bondade.
Mas, enquanto eu me queixo,
Porque respondes tu
Só com as últimas palavras?
Devolve-me inteiros os meus lamentos.
Mas tu, minha alma, se jamais voltar
A tua gélida sombra a estes declives amigos,
Leva de mim estes teus louvores extremos,

Ch'or a te sacro la mia cetra e 'l canto
Come a te già sopra l'altar del core
Lo spirito acceso in sacrificio offersi.
Tu bella fusti e saggia, e in te ripose
Tutte le grazie sue cortese il Cielo
Mentre ad ogn'altra de' suoi don fu scarso,
D'ogni lingua ogni lode a te conviensi
Ch'albergasti in bel corpo alma più bella,
Fastosa men quanto d'honor più degna.
Hor l'altre Donne son superbe e perfide,
Ver' chi le adora dispietate instabili,
Prive di senno e d'ogni pensier nobile.
Ond'a ragione opra di lor non lodansi;
Quinci non fia giammai che per vil femina
Amor con aureo stral il cor trafiggami.

Sinfonia

APOLLO (descende in una nuvola cantando)

Perch'a lo sdegno e al dolor in preda
Così ti doni, o figlio?
Non è, non è consiglio
Di generoso petto
Servir al proprio affetto.
Quinci biasmo e periglio
Già sovrastar ti veggio
Onde movo dal ciel per darti aita.
Hor tu m'ascolta e n'havrà lode e vita.

ORFEO

Padre cortese, al maggior uopo arrivi,
Ch'a disperato fine
Con estremo dolore
M'havean condotto già sdegno ed Amore.
Eccomi dunque attento a tue ragioni,
Celeste padre hor ciò che vuoi m'imponi.

APOLLO

Troppo, troppo gioisti
Di tua lieta ventura,
Hor troppo piagni
Tua sorte acerba e dura.
Ancor non sai
Come nulla quaggiù diletta e dura?
Dunque se goder brami immortal vita,
Vientene meco al ciel ch'a sé t'invita.

ORFEO

Si non vedrò più mai
De l'amata Euridice i dolci rai?

APOLLO

Nel sole e nelle stelle
Vagheggerai le sue sembianze belle.

Que eu agora a ti vou consagrar esta cítara e o canto,
Como, sobre o altar do coração,
O espírito aceso em sacrifício já te ofereci.
Bela foste e sábia, em ti posou
Todas as suas graças o Céu gentil,
Enquanto, para as outras, não foram tão pródigos os seus dons.
De todos recebeste louvores
Que num belo corpo acolheste uma alma ainda mais bela,
De honra tanto mais digna, porque menos aparatosa.
As outras mulheres são soberbas e pérfidas,
Instáveis e sem piedade para com quem as adora,
Desprovidas de siso e de qualquer nobre pensamento.
Por isso, com razão, as obras delas não são louvadas;
jamais por vil fêmea
Amor com sua áurea seta o meu coração trespassa.

Sinfonia

APOLLO (desce numa nuvem cantando)

Porque ao desdém e à dor
Assim te abandonas, ó filho?
Não é, não é sinal
De generoso coração,
Ser escravo do próprio afecto.
Desaprovo-te e um perigo
Vejo pairar sobre ti,
Por isso desço do Céu para te ajudar.
Agora escuta-me e terás louvor e vida.

ORFEU

Pai gentil, chegas no momento de maior necessidade,
Que para um desesperado fim,
Com extrema dor,
Já me tinham conduzido desdém e Amor.
Ei-me então atento às tua razões,
Celeste pai, impõe agora aquilo que desejas.

APOLLO

Demais, demais te regozijaste
Com a tua felicidade,
Agora choras demais
A tua sorte cruel e dura.
Ainda não aprendeste
Que cá em baixo nada deleita e dura?
Se queres gozar vida imortal,
Então vem comigo para o Céu que te convida.

ORFEU

Nunca mais verei, assim,
Da amada Euridice, os doces olhos?

APOLLO

No sol e nas estrelas
Imaginarás os seus belos traços.

ORFEO

*Ben di cotanto padre,
Sarei non degno figlio,
Se non seguissi
Il tuo fedel consiglio.*

APOLLO & ORFEO (ascende al Cielo cantando)

*Saliam cantando al cielo,
Dove ha virtù verace
Degno premio di sé, diletto e pace.*

CHORO [DE' PASTORI CHE FECERO LA MORESCA NEL FINE]

RITORNELLO

*Vanne Orfeo, felice a pieno
A goder celeste honore,
La 've ben non mai vien meno,
La 've mai non fu dolore,
Mentr'altari, incensi e voti
Noi t'offriam lieti e devoti.*

RITORNELLO

*Così va chi non s'arretra
Al chiamar di Nume eterno,
Così grazia in ciel impetra
Chi qua giù provò l'Inferno
E chi semina fra doglie
D'ogni grazia il frutto coglie.*

MORESCA

IL FINE DEL QUINTO ATTO

ORFEU

De tanto, pai,
Não seria digno filho
Se não seguisse
O teu fiel conselho.

APOLO E ORFEU (sobe ao Céu cantando)

Subamos cantando para o Céu,
Onde a verdadeira virtude
Tem como digno prémio deleite e paz.

CORO [DOS PASTORES QUE FIZERAM A MOURESCA NO FIM]

RITORNELLO

Vai Orfeu, em plena felicidade,
Gozar a honra celeste
Lá onde o bem nunca falta,
Lá onde nunca houve dor,
Enquanto altares, incensos e votos
Nós te oferecemos felizes e devotos.

RITORNELLO

Assim vai quem não recua
Ao apelo de um Nume eterno,
Assim implora no Céu a graça
Quem cá em baixo provou o Inferno;
E quem semeia na dor,
De todas as graças colhe o fruto.

MOURESCA

FIM DO QUINTO ATO

BIOGRAFIAS

LA VENEXIANA

Fundado por Claudio Cavina, este grupo é, atualmente, o mais importante intérprete do Madrigal.

Inspirando-se na obra anónima da Renascença, os La Venexiana almejam integrar na sua interpretação musical a teatralidade, a atenção à linguagem em toda a sua sutileza e na exultação do jogo de contrastes entre o requinte e o popular, o sagrado e o profano que caracteriza a nossa cultura atual. Desde o início de 1998, os La Venexiana colaboram exclusivamente para a etiqueta espanhola Glossa.

A série intitulada *O Madrigal Italiano*, que inclui os *Livros de Madrigais* de Monteverdi, Luzzaschi, Luca Marenzio, D'India, De Wert, foi galardoada internacionalmente com o Prémio Cecilia 1999, Prémio Cini 2000, Prémio Amadeus 2000, Gramophone Award 2001, Cannes Classical Award 2002, Grand Prix du Disque Académie Charles Cross 2003, o Amadeus CD of the Year 2001, Deutscheschallplattenkritik 2005 e 2006 e Choc of Year 2006; todos eles proclamaram o *ensemble* La Venexiana como "o novo Orfeu do repertório do madrigal italiano".

Em 2007-2008, os La Venexiana apresentaram o *Ballo delle Ingrate* e *Era la Notte* (produção de Paola Reggiani) no Festival Van Vlanderen, Vevey, Hamburgo, Cremona Festival Monteverdi, Eilat, Madrid Teatro Real, Postdam Sansoucci, Concertbegouw em Amsterdão.

Em 2008, concluiu a gravação da edição de Monteverdi, que suscitou comentários importantes pela imprensa especializada.

A digressão com o *L'Orfeo* de Monteverdi obteve grande êxito nas salas de Londres, Melk, Regensburg, Lyon, Weingarten, Jerez, Brugge, Udine, Modena, St. Gallen, Viterbo, Eilat e, em 2008-2009, foi apresentada em Sablé, Chatilly, Seattle.

A gravação desta ópera obteve os seguintes prémios: Choc de Le Monde de la Musique, First Choice of BBC Classical Music, Gramophone's Editor Choice 2007 e o Gramophone Award 2008 (ópera barroca).

Em 2008, os La Venexiana apresentaram uma outra ópera, *Incoronazione di Poppea*, uma produção de 2008, gravada para a Glossa, e apresentada em Herne, Paris, Regensburg, Milão e Perigueux.

Entre outros dos seus projetos passados, estão: *Artemisia*, de Francesco Cavalli (apresentada em 2010 no Hannover Herrenhausen e no Festival Montpellier/Radio France) e *Il ritorno d'Ulisse in patria* de Monteverdi (apresentada, em 2011, no Regensburg Tage Alte Musik, no Paris Cité de la Musique e no Concertgebouw Amsterdam).

Já a gravação de *Round M: Monteverdi Meets Jazz* recebeu críticas muito entusiásticas um pouco por todo o mundo.

Em 2013, os La Venexiana participaram no Misteria Paschalia Krakov e no Enescu Festival, em Bucareste, onde apresentaram *L'Orfeo*, de Claudio Monteverdi, e no Styriarte Graz Festival com o *Livro VII* de Monteverdi.

Em 2014, atuaram na Ravenna Festival, onde interpretaram *Il combattimento di Tancredi et Clorinda* em Halle com os Duetos de Câmara de Händel, no Dortmund KlagVocal com *L'Orfeo* de Monteverdi, no Schaffhausen Bachfest com *Wedding Cantatas* de Bach, no Laus Polyphoniae, em Antuérpia, nas celebrações de Monteverdi, no Berlin Konzerthaus com o *Livro VIII dos Madrigais* de Monteverdi, além de terem feito uma digressão no Japão com

L'Incoronazione di Poppea.

Os novos repertórios interpretados pelos La Venexiana incluem as oratórias de Scarlatti, as cantatas de Bach ou a música vocal de Händel e Vivaldi, programação que realça o estilo inimitável dos La Venexiana.

Os La Venexiana estabeleceram um novo estilo na interpretação de música antiga italiana: uma fusão calorosa e verdadeiramente mediterrânica de declamação textual, cor retórica e refinamento harmónico.

DAVIDE POZZI

Obteve o diploma de Cravo, Fortepiano e Clavicórdio, e Órgão e Composição para Órgão, com as mais altas distinções no Conservatório G. Verdi, em Milão. No mesmo Conservatório, conseguiu um diploma de primeira classe em Órgão. Completou os seus estudos em Música Antiga na Civica Scuola di Musica di Milano e na Schola Cantorum, em Basileia.

Depois de ter sido distinguido em vários concursos nacionais de órgão e cravo, ganhou o segundo prémio como cravista do conjunto Estro Cromatico no concurso internacional Bonporti, em Rovereto, e o prémio Bärenreiter no Telemann Wettbewerb, em Magbeburg, cujo presidente, em ambos os concursos, foi Gustav Leonhardt.

A sua atividade concertística levou-o a tocar em toda a Europa, México, Israel, EUA e Japão, atuando em algumas das salas mais prestigiadas do mundo, nomeadamente: Tage Alte Musik Regensburg, Museu de Instrumentos Musicais em Berlim, Salle Gaveau, Salle Pleyel e Cité de la Musique de Paris, Konzerthaus de Berlim e de Viena, Concertgebouw de Amsterdão, Tonhalle Zurich, Società del Quartetto Milano, Teatro alla Scala Milano, Teatro Regio Parma, Teatro Real de Madrid, Auditorium di Milano, etc.

Foi convidado a colaborar com grupos como Il Giardino Armonico, The Mahler Chamber Orchestra Il Pomodoro, La Venexiana, L'Aura Soave Kammerorchester Basel, Kammerorchester Zürich, I Barocchisti, Kammerakademie Potsdam, a Orquestra Sinfónica e Barroca "La Verdi" de Milão e La Magnifica Comunità, entre outros.

Como cravista, interpretou programas a solo nas mais prestigiadas salas de concerto: Filarmónica de Berlim, Filarmónica de Essen, Kurhaus Baden Baden, Nikolaisaal e Schlosstheater Potsdam, Teatro Regio Parma, Auditorium di Milano, Palazzo della cultura Messina, etc.

Já gravou mais de 45 CD e muitos programas para a Rai TV, rádio Rai 3, Decca, Sony, Erato, Stradivarius, Naive, Glossa, Chandos, Amadeus, Bongiovanni, Tactus, Bottega Discantica, Arts e, ao vivo, para vários programas de rádio e televisão de todo o mundo. Depois de todas estas experiências, começou a dirigir repertório barroco italiano e alemão.

Este ano, foi convidado a dirigir a trilogia de óperas de Monteverdi para o Radio Festival de Schwetzingen, na Alemanha, com os La Venexiana.

É maestro do Mailänder Kantorei, *ensemble* vocal e instrumental da principal igreja cristã protestante em Milão.

É também professor no Conservatório G. Verdi, em Como.

MASSIMO ALTIERI

Nasceu em Rovigo, em 1984, e formou-se em Guitarra Clássica, em 2004, no Conservatório de Bolonha.

Nesse mesmo ano, iniciou a sua abordagem ao canto, sob a orientação de Marco Scavazza e Vittorio Zanon.

Desde 2007, trabalha ativamente com importantes *ensembles*

italianos e internacionais na prática e difusão do repertório vocal antigo, incluindo: La Compagnia del Madrigale, Il Canto di Orfeo, Cantarlontano, De Labiryntho, Odhecaton, Ghislieri Choir & Consort e La Venexiana.

Altieri é membro fundador do *ensemble* Rossoporpora (dirigido por Walter Testoolin), com quem gravou, recentemente, um álbum dedicado a Luca Marenzio. Tem, entre os planos futuros imediatos, a publicação do Livro VI dos *Madrigais* de Claudio Monteverdi e uma coletânea dedicada a Biagio Marini.

Desde 2013, faz parte do coro da RSI (Rádio e Televisão Suíça Italiana). Com esta formação, fez uma digressão europeia de *Norma*, que começou em 2013, em Salzburgo, e terminou em 2016. Em setembro de 2016, estreou-se como solista, com as *Vésperas de Nossa Senhora*, de Claudio Monteverdi, no festival Vicenza in Lirica, sob a direção de Francesco Erle.

No final de 2016, gravou para a Archive (Deutsche Grammophon) a integral de *Contrafacta* (Monteverdi/Coppini) com o grupo Nova Ars Cantandi, sob a orientação de Giovanni Acciai.

Recentemente, integrou a digressão europeia de *La Cenerentola*, de Gioacchino Rossini, com o novo grupo Les Musiciens du Prince (direção artística de Cecilia Bartoli e dirigida pelo maestro Gianluca Capuano), projeto que ainda está ativo e em desenvolvimento. Em maio deste ano, estreou a trilogia de óperas de Monteverdi nos papéis de Pastore/Secondo/Spirito (*L'Orfeo*), Soldato Secondo/Famigliare di Seneca (*L'Incoronazione di Poppea*), Giove/Eumete (*Il Ritorno di Ulisse in Patria*), no festival de música antiga de Schwetzingen, com os La Venexiana, sob a direção musical de Davide Pozzi.

Altieri continua os seus estudos técnico-vocais e estilísticos com Anna Maria di Micco.

Por vezes, alterna a atividade de cantor com a prática de tocar instrumentos antigos (tiorba e guitarra barroca).

GUGLIELMO BUONSANTI

Iniciou os seus estudos musicais, em Vicenza, com Margherita Dalla Vecchia. De forma a melhorar as suas técnicas musicais, continuou a estudar Órgão e Composição no Conservatório de Música de Vicenza, até, finalmente, começar a ter aulas de canto com Lia Serafini, Marco Scavazza, Walter Testolin e Baltazar Zuniga. Em fevereiro de 2010, licenciou-se em Musicologia pela Universidade de Pavia, em Cremona.

Em fevereiro de 2015, obteve o grau de mestre em Canto Renascentista e Barroco, sob a orientação de Patrizia Vaccari e Lia Serafini, no Conservatório de Música de Vicenza.

Em abril de 2016, concluiu o mestrado em Estudos Avançados de Conjunto Vocal, realizado por Anthony Rooley e Evelyn Tubb na Schola Cantorum Basiliensis, em Basileia.

Buonsanti participou em várias *masterclasses* com importantes músicos e maestros, como Diego Fratelli, Roberto Gini, Ton Koopman, Christopher Hogwood, Christopher Stanbridge, Roy Godmann, Alfredo Bernardini, Michael Radulescu, Sara Mingardo, Rinaldo Alessandrini e Pedro Memelsdorf.

Trabalha regularmente com vários *ensembles*, como De labyrintho, Concerto Italiano, Ghislieri Choir & Consort, Cantar Lontano, Il Canto d'Orfeo, Costanzo Porta, Ricerchere Ensemble, Odhecaton e Micrologus.

Além disso, é membro do Dramatodia, um *ensemble* dirigido por Alberto Allegrezza, cujo objetivo é reavaliar obras importantes do repertório vocal e teatral do Renascimento e do Barroco italiano. É também cofundador do RossoPorpora Ensemble, um *ensemble* formado por jovens músicos especializados no repertório vocal re-

nascentista e barroco, em particular numa componente musical-chave do período renascentista, os Madrigais.

EMANUELA GALLI

Nasceu em Milão e licenciou-se em Canto no Conservatório de Música di Mantova. Não obstante os estudos tradicionais, uma paixão por *La Liederistica* e uma grande curiosidade pelos mais diversos caminhos que a voz pode tomar, Galli focou a sua atenção no repertório barroco e na interpretação fascinante e emocionante de um número infinito de manuscritos.

Teve o prazer de trabalhar com um grande número de maestros, como O. Dantone, F. Biondi, A. Florio, F. Bonizzoni, G. Leonhardt, E. Gatti, J. Tubery, D. Fasolis, G. Garrido, C. Cavina, M. Fentross, J. Savall, J. E Gardiner, S. Toni, S. Aresi, P. Kopp e E. Sartori.

Tem também trabalhado com vários *ensembles*, entre eles: Accademia Bizantina, Europa Galante, la Cappella della Pietà dei Turchini, Elyma, La Risonanza, La Venexiana, La Fenice di Sens (França), Piccolo Concerto Wien, Milano Classica, I Sonatori della Gioiosa Marca e Silete Venti.

Em 2016, em Milão, e este ano, em Florença, cantou na ópera *Don Giovanni*, de W. A. Mozart, interpretando o papel de Donna Elvira, sob a direção do maestro Simone Toni.

Já em 2017, interpretou os papéis de Poppea, Minerva, Euridice e Musoica na trilogia de óperas de Monteverdi: *L'incoronazione di Poppea*, *Il ritorno di Ulisse in patria* e *L'Orfeo*.

Em 2010, cantou no Royal Albert Hall, em Londres, para o BBC Proms, sob a direção de J. E. Gardiner.

Galli já gravou um número impressionante de discos para editoras como Opus 111, Glossa, Amadeus, Agorà, Stradivarius e Lucevan Le Stelle. Com esta última, gravou dois discos de música renascentista, *Liquid perle* e *Languir me fault*, ambos eleitos pela revista *Amadeus* como os melhores discos do mês.

Recentemente, gravou a obra *Giulio Cesare*, de Händel, interpretando o papel de Cleópatra, sob a direção do maestro George Petrou.

Já em Milão, gravou *Stabat Mater*, de Pergolesi, com o maestro Simone Toni.

Já colaborou com a Rai3 (Itália), a ORF (Áustria) e a Rádio Televisão Suíça Italiana, com a qual – além de inúmeras iniciativas musicais – participou num programa de televisão para crianças, como cantora convidada e atriz.

JAROMÍR NOSEK

Licenciou-se em Direção Coral pela Faculdade de Educação da Universidade Carolina de Praga. Após essa formação, focou-se por completo em estudos de canto no Conservatório de Praga e na Academia de Artes Performativas de Praga. Participou em cursos com bolsas de estudo na Dartington International Summer School, na Accademia Chigiana, em Siena, e no Conservatorio Santa Cecilia, em Roma.

Jaromir tem-se especializado, principalmente, em interpretação do repertório renascentista, barroco e classicista. É membro de *ensembles* reconhecidos internacionalmente, nomeadamente o Cappella Mariana e o Collegium Vocale 1704. Tem ainda colaborado com outros *ensembles* checos e internacionais, como Musica Florea, Wrocławská Orkiestra Barokowa, Douce Mémorie, Les Talens Lyriques, Gli Angeli Genève, Vox Luminis e o Collegium Vocale Gent. Já participou como solista e cantor de *ensemble* num grande número de festivais de música, incluindo o Prague Spring, Festival d'Ambronay, Settimana Musicale Senese, Festival Alte Musik Zürich, Música Sacra de Bilbao, Festival Oude Muziek

Utrecht, etc.

Como cantor de ópera, já interpretou o papel principal da sere-nata *La Senna Festeggiante*, de Vivaldi, Mephistofeles na ópera *Faust*, de Louis Spohr, Il Commendatore em *Don Giovanni*, de Mozart, ou Sarastro em *Die Zauberflöte*.

LUCIA CORTESE

Nasceu em Génova, onde se licenciou, ainda muito jovem, em trombone no Conservatório N. Paganini, em Génova.

Depois de começar os seus estudos na área do canto, licenciou-se com a mais alta distinção no Istituto Superiore di Studi Musicali di Cremona Claudio Monteverdi onde, em dezembro de 2015, obteve o 2.º nível de pós-graduação em Canto Barroco.

Lucia melhorou o seu repertório barroco com a soprano Roberta Invernizzi e com a contralto Sara Mingardo.

Como membro do Piacenza City Theatre's Choir, colaborou com vários artistas importantes, como Riccardo Muti, Donato Renzetti, Kazushi Ono, Nicola Pazkowski e Andrea Battistoni. Também participou em iniciativas importantes: no Ravenna Festival, no Alto Adige Festival, no Piacenza City Theatre e no Alighieri Theatre, em Ravenna.

Neste período, fez uma audição, em Pisa, para *Catone in Utica*, uma produção do grupo Auser Musici, tendo sido escolhida para o papel de Marzia.

Durante o Festival Monteverdi, em Cremona, em atuou com os Cremona Antiqua, sob a direção de Antonio Greco, e, em junho deste ano, participou no *Il ballo delle ingrate* e no *Combattimento di Tancredi e Clorinda*, sob a direção de Roberto Perata.

Em maio de 2017, cantou com a contralto Sara Mingardo e com o grupo musical Virtuosi Italini no Ristori Theatre, em Verona. Também já interpretou o papel de Melanto em *Il ritorno di Ulisse* e de Amore e Valetto em *L'incoronazione di Poppea*, ambos de Monteverdi, durante o Schwetzingen Festival, no Rokoko Theatre, em Schwetzingen, com os La Venexiana.

Colabora com a Accademia del Ricercare, de Turim, e com a Accademia d'Arcadia, que têm uma intensa atividade tanto em Itália como em França, onde alguns concertos terão lugar em 2018.

RAFFAELE PE

Eleito pela crítica como um dos artistas italianos emergentes no meio operático, a voz versátil de Raffaele abrange um repertório que vai de *Recitar cantando* até às obras operáticas pós-século XVIII. Nascido em Itália, iniciou os estudos em canto e órgão quando era corista no Lodi Cathedral, sob a direção de Pietro Panzetti. Continuou a sua formação em Bolonha, com Fernando Cordeiro Opa, tendo participado em *masterclasses* com James Bowman, Sarah Walker e Sonia Prina.

Raffaele colabora com importantes maestros como Sir John Eliot Gardiner, William Christie, René Jacobs, Nicholas McGegan, Ottavio Dantone, Jean-Christophe Spinosi, Paul McCreech, Vaclav Luks, Andrea Battistoni, Antonio Florio, Claudio Cavina e Leonardo García Alarcón. Alguns dos recentes destaques do seu percurso contemplam: a interpretação do papel de Linceo em *Ipermestra*, de Cavalli, no Glyndebourne Opera Festival, com o maestro William Christie e direção de Graham Vick; a estreia nos EUA no Spoleto Festival, como Delio em *Veremonda*, de Cavalli, sob a direção de Stefano Viziosi; a interpretação de larba em *La Didone abbandonata*, de Vinci, no Maggio Musicale Fiorentino, em Florença; e de Oberon em *A midsummer night's dream*, de Britten, no Teatro Ponchielli, em Cremona. Entre os seus compromissos futuros, está a participação na *Paixão segundo São*

Marcos, de Bach, sob a batuta de Jordi Savall, e em *Maddalena ai piedi di Cristo*, de Caldara, com o maestro Vaclav Luks e o grupo Collegium 1704.

A discografia de Raffaele engloba várias raridades da música barroca, como os duetos operáticos menos conhecidos de Cavalli, gravados com os La Venexiana, e *John Passion* de Gaetano Veneziano, sob a direção de Antonio Florio. As suas atuações já foram transmitidas por algumas das mais importantes estações de rádio e televisão, incluindo a BBC, MezzoTV, Culturebox, Radio France, RAI, RSI, ORF, WDR e DRK.

ROBERTO RILIEVI

Nascido perto de Milão, em 1983, estuda Técnica Vocal sob a orientação de Fulvio Bettini, enquanto estuda Teoria e Polifonia Renascentista no Departamento de Música Antiga da Civica Scuola di Musica Claudio Abbado, em Milão.

Especializado em repertório renascentista e barroco, já interpretou Testo em *Combattimento di Tancredi e Clorinda*, de Claudio Monteverdi, no Castello Sforzesco, em Milão, com Lorenzo Ghielmi. Desde 2003, atua regularmente como solista com o Ensemble Biscantores (Milão), sob a direção de Luca Colombo, e na Basílica de Santa Maria Maggiore, em Bergamo, dirigido por Cristina Gentilini.

Atua também com grupos como o Coro Costanzo Porta, Ensemble Elyma, Ghislieri Choir & Consort e Il Canto di Orfeo.

Já participou como cantor de coro em diferentes produções operáticas, como *Le Nozze di Figaro* e *Così fan tutte*, de Mozart, *Don Pasquale*, de Donizetti, *Il Turco in Italia*, de Rossini, *Dido and Aeneas*, de Purcell, e *L'Orfeo*, de Monteverdi.

SOPHIA PATSI

Esta jovem cantora versátil, aclamada pelo seu “registro baixo rico e aveludado”, Sophia Patsi atuou como solista e membro de *ensemble* em palcos internacionais e festivais como Festival d'Ambronay, Auditorium de Lyon, Grand Opera d'Avignon, Concertgebouw, Ljubljana Early Music Festival, Utrecht Early Music Festival, Göttingen International Händel Festspiele, Stockholm Early Music Festival, International Bach Chamber Music Festival em Riga, Heinrich Schütz Musikfest em Dresden, Opera Noord Holland, etc.

Recentemente, interpretou os papéis de Speranza (*L'Orfeo*) e Ericeia (*Il ritorno d'Ulisse*), num tríptico de Monteverdi no Schwetzingen Swr Festspiele, na Alemanha, numa colaboração com o *ensemble* La Venexiana, dirigidos por Davide Pozzi.

Tem colaborado com alguns dos mais importantes *ensembles* da Holanda, onde vive atualmente, como a Dutch National Opera, Nederlands Kamerkoor, Musica Temprana, Nederlandse Bachvereniging, Amsterdam Baroque, etc.

É cantora residente do *ensemble* de música antiga Seconda Pratica. Já atuou em produções na Holanda, Alemanha, Portugal, Grécia, Itália, República Checa, Hungria, França, Áustria, tendo trabalhado com maestros como Gabriel Garrido, Leonardo García Alarcón, Adrián Rodríguez van der Spael, Quentin Clare, Richard Egarr, Andres Locatelli, Alfredo Bernardini, Sigiswald Kuijken, Marcus Creed, Ivo Meinen, Teunis van der Zwart e Menno van Delft, entre outros.

Em disco, pode ser ouvida no coro de *Le temple et le désir*, em música de Mazzochi com o Ensemble Elyma (sob a batuta de Gabriel Garrido), cantando a música de Gaetano Veneziano no coro de *Christmas in Naples* do Ensemble Odyssee (dirigido por Andrea Friggi), e no primeiro CD dos Seconda Pratica, *Nova Europa* (2016). Foi ainda convidada para cantar no primeiro CD do

ensemble Musica Temprana.

Nascida em Thessaloniki, na Grécia, numa família de músicos, concluiu o Bacharelato com a mais alta distinção em Canto Clássico e Ópera no Conservatório Estatal da sua terra natal, em 2009; em 2015, terminou o Mestrado em Canto de Música Antiga, no Conservatório de Amsterdão, sob a orientação de Xenia Meijer.

RICCARDO PISANI

Nascido em Roma, licenciou-se com alta distinção em Canto Renascentista e Barroco no Conservatório de Santa Cecília, em Roma, onde estudou com Sara Mingardo. Entre 2000 e 2003, foi *puer cantor* na Cappella Musicale Pontificia Sistina e iniciou os seus estudos vocais com Claudia Nizza. Participou em *masterclasses* e *workshops* com René Jacobs, Victor Torres, Rinaldo Alessandrini, Furio Zanasi, Alfredo Bernardini e Alessandro Quarto.

Em 2012, foi distinguido com o prémio especial no International Competition of Sacred Music.

Já cantou com grupos reconhecidos como La Venexiana, Concerto Romano, Concerto Italiano, Cappella Mediterranea, Cantar Lontano, Mala Punica, Arte Musica, La Fonte Musica, Festina Lente, l'Armonia degli Affetti, De Labyrinth, Il Canto di Orfeo, e com maestros como Jonathan Webb, René Jacobs, Diego Fasolis, Carlo Ipata, Pedro Memelsdorff e Francesco Cera.

Já gravou para as editoras Ambronay Éditions, Bottega Discantica, Armonia Universal, Melos Antiqua e Dynamic e para as rádios Vatican Radio, Deutschlandfunk e ORF. Atuou ainda em festivais de prestígio como o Utrecht Early Music Festival, Rheingau Musik Festival, Festival dei Due Mondi, Resonanzten at Wiener Konzerthaus, DeSingel Antwerpen, Festival d'Ambronay, Sagra Musicale Umbra, Misteria Paschalia in Krakow, Urbino Musica Antica, Sagra Musicale Malatestiana, Festival Van Vlandereen, Festival Monteverdi Vivaldi, Rheinvoikal, MA Festival Bruges, etc.

Entre os destaques recentes do seu percurso, estão: a interpretação das *Vésperas de Nossa Senhora*, de Monteverdi, com os Concerto Italiano e Rinaldo Alessandrini; o papel de Ulisse em *Il Ritorno di Ulisse in Patria*, de Monteverdi, com os La Venexiana; o papel de Pastore em *La Dafne*, de Marco da Gagliano com os Cappella Mediterranea; tenor na *Missa em Dó menor*, K27, de Mozart; o papel de Evangelista em *Brockes Passion*, de Telemann, com Silete Ventili; o papel de marinheiro em *Dido e Eneias*, de Purcell, no Teatro dell'Opera di Roma; o papel de Jonas e Dives em *Jonas e Dives Malus*, de Carissimi; os papéis de Mercurio – em *Calisto* – e Asdrubale – em *Scipione l'Africano* –, duas óperas de Francesco Cavalli, para a apresentação da edição crítica da Bärenreiter no International Congress of Musicology 2012, no Auditorium Parco della Musica, em Roma; o papel de Apollo em *L'Orfeo*, de Monteverdi, com a Ambronay Baroque Academy, sob direção musical de Leonardo García Alarcón.

Entre os seus planos futuros, estão os papéis de Orfeo em *Orfeo dolente*, de Domenico Belli; o papel principal em *Il ritorno di Ulisse in patria* e o papel de Apollo em *L'Orfeo*, de Monteverdi, no Schwetzingen Festspiele; os papéis de Ormondo e Odoardo em *Il girello*, de Jacopo Melani com Auster Musici e Puppetry Company Carlo Colla; Il Testo em *Combattimento of Tancredi e Clorinda*, de Monteverdi, e a gravação de *Dixit Dominus*, de Händel, para a Sony DHM, e de *Le musiche a una e due voci*, de Sigismondo d'India, para a Brilliant Classics.

SILVIA SUSAN ROSATO FRANCHINI

É licenciada e especializada em canto de ópera pelo Conservatório Tito Schipa, de Lecce, e tem uma intensa atividade concertística. De 2009 a 2015, foi solista no Coro Polifónico da Universidade de Salento e no Coro Polifónico da Vivaldi Association, sob a direção de Luigi De Luca.

Em 2013, recebeu uma bolsa do Clube Rotário de Gallipoli, destinada aos melhores estudantes do Conservatório.

Em abril, interpretou o papel principal na ópera contemporânea de Francesco Libetta, *800. The Conquest of Otranto*, encenada com grande sucesso no Koreja Teater.

A 5 de outubro de 2015, foi a estrela da ópera contemporânea de Claudio Gaj, *Three random things about love*, composta para a 58.ª edição da Bienal de Veneza e encenada no Teatro Piccolo Arsenale.

A 22 de outubro do mesmo ano, fez a sua estreia como solista no *Requiem* de Mozart para a inauguração do ano académico de 2014-2015 do Conservatório de Lecce, no Teatro Politeama Greco, em Lecce.

A 2 de setembro, estreou-se no papel de Donna Anna em *Don Giovanni*, de W. A. Mozart, no claustro de Theatines de Lecce, sob a direção musical de Francesco Libetta e dirigida por Amelia Felle. Em setembro, foi ainda convidada para dar dois concertos a solo na Expo 2015, em Milão.

Em março de 2016, estreou-se no papel de Octavia em *L'incoronazione di Poppea*, de C. Monteverdi, e no State Theater MSG de Maribor, na Eslovénia, sob a direção de E. Mihajlovic. Após um verão cheio de concertos na Alemanha, na Eslovénia e em Itália, foi novamente convidada a participar na 59.ª edição da Bienal de Veneza para encetar um novo trabalho com repertório contemporâneo. Em dezembro, venceu o 2.º prémio da competição de ópera Valerio Gentile.

Estudou e participou em cursos com vários artistas internacionais, como Barbara Frittoli, Amelia Felle, Mariella Devia, Josep Ribot, Gabriella Sborgi e Gianluca Belfiori Doro.

ALESSIO TOSI

Formou-se em Canto e Música de Câmara Vocal no Conservatório Lucio Campiani, em Mântua, tendo depois frequentado *masterclasses* com Ulf Bästlein, Ulrich Eisenlohr, Erik Battaglia, Julius Drake, Dalton Baldwin, Irwin Gage, Walter Moore, Helge Dorsch e Charles Spencer.

Já foi distinguido nas principais competições internacionais: Internationaler Liedwettbewerb Husum em 2009 e 2010 (finalista); 5.ª Competição Internacional de Canto Giulio Neri Torrita di Siena (finalista e certificado de mérito); 6.ª Competição Internacional de Canto Barroco Francesco Provenzale, em Nápoles (3.º prémio); 24.ª Competição Internacional de Música de Câmara Vocal Città di Conegliano (2.º prémio); Competição Internacional de Canto Francisco Viñas Barcelona 2011 (finalista); e no concurso do Conservatório de Mântua para Música de Câmara, em 2010 (1.º prémio).

Trabalha regularmente com o *ensemble* La Venexiana, dirigido por Claudio Cavina, com os La Risonanza, dirigidos por Fabio Bonizzoni, com o Centro di Musica Antica Pietà de' Turchini, em Nápoles, com o Collegium 1704 Prague, sob direção de Vaclav Lucks, com o Luthers Bach Ensemble Groningen, dirigido por T.J. Bronda, e com o RTSI Choir Lugano, dirigido por Diego Fasolis. Já atuou em festivais internacionais e salas de espetáculo como MITO de Milão e Turim, Folle Journée Nantes, Tage Alte Musik Regensburg, Styriarte Graz, Händel-Festspiele Halle, Misteria Pas-

chalia Cracow, Enescu Festival Bucharest, Paris Cité de la Musique, Concertgebouw Amsterdam, Pushkin Palace St. Petersburg, Salzburg Mozarteum, Wiener Konzerthaus, Berliner Philharmonie, Kölner Philharmonie, Hamburger Leiszhalle, Rudolphinum Prague, Tokyo Opera House, entre outros.

Estreou-se em Viena no papel principal de *Tirsi*, de Giovanni Battista Constanzi, seguido do papel de Polidoro em *Erminia*, de Alessandro Scarlatti, em Nápoles, sob a batuta de Marcello Di Lisa, e no papel principal da ópera *Creonte*, de Dmitri Bortnianski, em São Petersburgo, sob a batuta de Črtomir Šiškovič.

Em palco, tem sido especialmente aclamado pelas óperas de Monteverdi: *L'Orfeo* (Pastore, Spirito e Apollo) em Santander, Dortmund, Bucareste e Vicenza; *Il ritorno di Ulisse in patria* (Pisandro e Feacio) no Theater Regensburg, Theaterhaus Stuttgart e no Cité de la Musique de Paris; *L'incoronazione di Poppea* (Nutrice) no Teatro Parenti Milan, em Tóquio. O seu repertório de música sacra inclui as *Paixões* de Bach (Evangelista e Tenor), *Missa em Si menor* de Bach, *Oratório de Natal* de Bach, várias cantatas de Händel, como *Messias*, *Israel no Egipto*, *Ode para o Dia de Santa Cecília* e *Theodora*, e o *Requiem* de Mozart.

Muito aclamado como intérprete de *lied*, o seu repertório inclui obras-primas do repertório de canções em alemão, francês, espanhol, italiano e russo.

Alessio já gravou para a Sony, Brilliant Classics, Dynamic, Classic Voice, Velut Luna, Philips e a Tactus. Os seus concertos já foram transmitidos pela RAI Radio 3, BBC, NDR, ORF 1 e Radio France.

A sua última gravação de todas as óperas de câmara de Gaspare Spontini para a editora Tactus, numa edição de 5CD, foi muito apreciada pelos críticos. Também já gravou duetos de câmara de Alessandro Stradella com Emma Kirkby (Brilliant Classics), de Benedetto Marcello com Silvia Fragato (edição ORF) e de Agostino Steffani com Elena Bertuzzi (Brilliant Classics).

Continua os seus estudos com Sara Mingardo.

Entre os seus projetos futuros, estão: *Alcina*, de Händel, no Teatro Comunale Ferrara, sob a direção de R. Zarpellon, a *Missa Solene* de G. Rossini, em Vicenza, *La finta semplice*, de W. A. Mozart, na Gdanski Philharmonie, e uma digressão europeia com o Collegium 1704, sob a direção de V. Lucks.

16 E 17 SET

SALA LUÍS DE FREITAS BRANCO

11H, 14H30, 17H, 21H

MADRIGAIS

Claudio Monteverdi *Madrigais*

16 SET

11H Coro Ricercare – Livro III

14H30 Coro Ricercare – Livro IV

17H Grupo Vocal Olisipo – Livro V

17 SET

11H Officium Ensemble – Livro I

14H30 Officium Ensemble – Livro II

17H Grupo Vocal Olisipo – Livro VI

21H La Venexiana – Seleção dos Livros VII e VIII

LIVRO III (1592)

1. La giovinetta pianta

ANÓNIMO

*La giovinetta pianta
si fa più bell'al sole,
quando men arder suole.
Ma se fin dentro sente
il vivo raggio ardente,
dimostran fuor le scolorite spoglie
l'intern'ardor che la radice accoglie.
Così la verginella
amando si fa bella,
quand'Amor la lusinga e non l'offende.
Ma se 'l suo vivo ardore
la penetra nel core,
dimostra la sembianza impallidita
ch'ardente è la radice de la vita.*

2. O come è gran martire

BATTISTA GUARINI

*O come è gran martire
a celar suo desire,
quando con pura fede
s'ama chi non se 'l crede.
O soave mio ardore,
o giusto mio desio,
s'ognun ama il suo core
e voi sete il cor mio,
allor non fia ch'io v'ami
quando sarà che viver più non brami.*

3. Sovra tenere erbette e bianchi fiori

ANÓNIMO

*Sovra tenere erbette e bianchi fiori
stava Filli sedendo
ne l'ombra d'un alloro,
quando li dissi: "Cara Filli, io moro".
Ed ella a me volgendo
vergognosetta il viso,
frenò frangendo fra le rose il riso
che per gioia dal core
credo ne trasse Amore.
Onde lieta mi disse:
"Baciami, Tirsi mio,
che per desir sento morirmi anch'io".*

4. O dolc'anima mia, dunque è pur vero

BATTISTA GUARINI

*O dolc'anima mia, dunque è pur vero
che cangiando pensiero
per altrui m'abbandoni?
Se cerchi un cor che più t'adori ed ami,
ingiustamente brami;
se cerchi lealtà, mira che fede,
amar quand'altrui doni
la mia cara mercede
e la sperata tua dolce pietate.
Ma se cerchi beltate,
non mirar me, cor mio, mira te stessa
in questo volto, in questo cor impressa.*

5. Stracciami pur il core

BATTISTA GUARINI

*Stracciami pur il core;
ragion è ben, ingrato,
che se t'ho troppo amato
porti la pena del commess'errore.
Ma perché stracci fai de la mia fede?
Che colp'ha l'innocente?
Se la mia fiamma ardente
non merita mercede,
ah, non la merta il mio fedel servire?
Ma straccia pur, crudele:
non può morir d'amor alma fedele.
Sorgerà nel morir quasi fenice
la fede mia più bell'e più felice.*

6. O rossignuol ch'in queste verdi fronde

PIETRO BEMBO

*O rossignuol ch'in queste verdi fronde
sovrà 'l fugace rio fermar ti suoli,
e forse a qualche noia ora t'involi
dolce cantando al suon de le roche onde;
alterna teco in not'alt'e profonde
la tua compagna, e par che ti consoli.
A me, perch'io mi strugga e pianti e duoli
versi ad ognor, nissun già mai risponde,
né di mio danno si sospira o geme.
E te s'un dolor preme,
può ristorar un altro piacer vivo,
ma io d'ogni mio ben son cass'e privo.*

7. Se per estremo ardore

BATTISTA GUARINI

*Se per estremo ardore
morir potesse un core,
saria ben arso il mio
fra tanto incendio rio.
Ma come salamandra nel mio foco
vivo per la mia donna in festa e 'n gioco.
E se m'avien talora
che per dolcezza i' mora,
mercé d'Amor risorgo qual fenice
sol per viver ardend'ognor felice.*

8. Vattene pur, crudel, con quella pace

TORQUATO TASSO

*Vattene pur, crudel, con quella pace
che lasci a me; vattene, iniquo, omai.
Me tosto ignudo spirt'ombra seguace
indivisibilmente a tergo avrai.
Nova furia, co' serpi e con la face
tanto t'agiterò quanto t'amai.
E s'è destin ch'esca del mar, che schivi
li scogli e l'onde e che a la pugna arrivi.*

9. Là tra'l sangue

TORQUATO TASSO

*Là tra'l sangu'e le morti egro giacente
Mi pagherai la pen'empio guerriero,
Per nom'Armida chiamerai sovente
Negl'ultimi singulti udìr ciò spero.
Hor qui mancò lo spirito a la dolente
Né quest'ultimo suono espresse intero;
E cade tramortita e si diffuse
Di gelato sudor'e i lumi chiuse...*

10. Poi ch'ella in sé tornò, deserto e muto

TORQUATO TASSO

*Poi ch'ella in sé tornò, deserto e muto
Quanto mirar potè d'intorno scorse,
"Ito se n'è pur", disse "e ha potuto
Me qui lasciar de la mia vita in forse?
Né un moment'indugiò né un brev'aiuto
Nel caso estrem'il traditor mi porse?
Et io pur anco l'amo e 'n questo lido
Invendicata ancor piang'e m'assido?"*

11. O primavera, gioventù de l'anno

BATTISTA GUARINI

*O primavera, gioventù de l'anno,
bella madre de' fiori,
d'erbe novelle e di novelli amori,
tu ben, lasso, ritorni,
ma senza i cari giorni
de le speranze mie.
Tu ben sei quella
ch'eri pur dianzi, sì vezzosa e bella;
ma non son io quel che già un tempo fui,
sì caro a gli occhi altrui.*

12. Perfidissimo volto

BATTISTA GUARINI

*Perfidissimo volto,
Ben l'usata bellezza in te si vede
Ma non l'usata fede.
Già mi parevi dir: "Quest'amorose
Luci che dolcemente
Rivolgo à te, sì bell'e sì pietose
Prima vedrai tu spente,
Che sia spento il desio ch'à te le gira."
Ahi, che spento è'l desio,
Ma non è spento quel per cui sospira
L'abbandonato core!
O volto troppo vago e troppo rio,
Perchè se perdi amore
Non perdi ancor' vaghezza
O non hai pari alla beltà fermezza?*

13. Ch'io non t'ami cor mio?

BATTISTA GUARINI

Ch'io non t'ami cor mio?
Ch'io non sia la tua vita e tu la mia,
che per nuovo desio]2
e per nuova [bellezza]3 io t'abbandoni?
Prima che questo sia,
morte non mi perdoni.
[Ma]1 se tu sei quel cor onde la vita
M'è sì dolce e gradita,
Fonte d'ogni mio ben, d'ogni desire,
Come [posso]4 lasciarti, e non morire?

14. Occhi, un tempo mia vita

BATTISTA GUARINI

Occhi, un tempo mia vita;
occhi, di questo cor fido sostegno,
voi mi negate, ahimè, l'usata aita?
Tempo è ben di morire; a che più tardo?
A che torcete il guardo?
Forse per non mirar come v'adoro?
Mirate almen ch'io moro.

15. Vivrò fra i miei tormenti e le mie cure,

TORQUATO TASSO

Vivrò fra i miei tormenti e le mie cure,
mie giuste furie, forsennato, errante;
paventarò l'ombre solinghe e scure
che 'l primo error mi recheranno inante,
e del sol che scopri le mie sventure,
a schivo ed in orrore avrò il sembiante.
Temerò me medesimo; e da me stesso
sempre fuggendo, avrò me sempre appresso.

16. Ma dove o lasso me

TORQUATO TASSO

Ma dove, oh lasso me, dove restaro
Le reliquie del corpo e bello e casto?
Ciò ch'in lui sano i miei furor lasciaro
Dal furor de le fere è forse guasto.
Ahi troppo nobil preda! ahi dolc'e caro
Troppo e pur troppo pretioso pasto!
Ahi, sfortunato, in cui l'ombr'e le selve
Irritaron me prima e poi le belve.

17. Io pur verrò là dove sete

TORQUATO TASSO

Io pur verrò là dove sete; e voi
Meco havrò s'anco sete amate spoglie.
Ma s'egli avien ch'i vaghi membri suoi
Stati sian cibi di ferine voglie,
Vuo' che la bocca stessa anco m'ingoi
E 'l ventre chiuda me che lor raccoglie:
Honorata per me tomba felice
Ovunque sia, s'esser con lor mi lice."

18. Lumi, miei cari lumi

BATTISTA GUARINI

Lumi, miei cari lumi,
che lampeggiate sì veloce sguardo
Ch'a pena mir'e fuggie,
E poi torna sì tardo
Che'l mio cor se ne strugge,
Volgete a me quei fuggitivi rai.
Ch'oggetto non vedrete
In altra parte mai, con sì giusto desio
Che tanto vostro sia quanto son io.

19. Rimanti in pace

LIVIO CELIANO

Rimanti in pace, a la dolente e bella Fillida,
Tirsi sospirando disse:
"Rimanti, io me ne vo' tal mi prescrisse
Legge empio fato aspra sorte e rubella".
Ed ella, hora da l'una e l'altra stella,
Stillando amar' humore i lume af sse
Ne i lumi del suo Tirsi, e gli tra sse
Il cor di pietosissime quadrella...

20. Ond'ei di morte la sua faccia impressa

LIVIO CELIANO

Ond'ei di morte la sua faccia impressa,
Disse: "Ahi, come n'andrò senz'il mio sole
Di martir in martir, di doglie in doglie?"
Ed ella, da singhiozzi e piant'oppressa,
Fievolmente formò queste parole:
"Deh, cara anima mia chi mi ti toglie."

LIVRO IV (1603)

1. Ah dolente partita

**GIOVANNI BATTISTA GUARINI,
IL PASTOR FIDO III, 3**

Ah! dolente partita!
ah, fin de la mia vita!
da te parto e non moro? E pur i' provo
la pena de la morte
e sento nel partire
un vivace morire,
che dà vita al dolore
per far che moia immortalmente il core.

2. Cor mio, mentre vi miro

BATTISTA GUARINI

Cor mio, mentre vi miro,
visibilmente mi trasform'in voi;
E trasformato poi
In un solo sospir l'anima spiro
O bellezza mortale!
O bellezza vitale!
Poi che si tosto un core
per te rinasce, e per te nato more.

3. Cor mio, non mori? e mori!

ANÓNIMO

Cor mio, non mori? e mori!
L'idolo tuo, ch'è tolto
a te, fia tosto in altrui braccia accolto.
Deh, spezzati, mio core!
lascia, lascia con l'aura anco l'ardore;
ch'esser non può che ti riserbi in vita
senza speme e aita.
Su, mio cor, mori! lo moro, io vado; a Dio,
dolcissimo ben mio.

4. Sfogava con le stelle

OTTAVIO RINUCCINI

Sfogava con le stelle
un'inferno d'Amore
sotto notturno ciel il suo dolore,
e dicea fisso in loro:
O imagini belle de l'idol mio ch'adoro
se com'a me mostrate,
mentre così splendete,
la sua rara beltate
così mostrast'a lei
i vivi ardori miei
la fareste col vostr'aureo sembiante
pietosa si come me fat'amante.

5. Volgea l'anima mia soavemente

GUARINI

Volgea l'anima mia soavemente
quel suo caro, e lucente
sguardo, tutto beltà tutto desire,
verso me scintillando, e pareo dire:
"Damm'il tuo cor, ché non altronde io vivo."
E mentre il cor sen vola ove l'invita
quella beltà infinita,
sospirando gridai: "Misero, e privo
del cor, chi mi dà vita?"
Mi rispos'ella in un sospir d'amore:
"Io, che son il tuo core."

6. Anima mia perdona

GUARINI, IL PASTOR FIDO, III, 4

Anima mia, perdona
a chi t'è cruda sol dove pietosa
esser non può; perdona a questa,
nei detti e nel sembiante
Rigida tua nemica,
Ma nel core
Pietosissima amante;
E, se pur hai desio di vendicarti,
Deh! qual vendetta aver puoi tu maggiore
Del tuo proprio dolore?

7. Che se tu se' 'l cor mio

GUARINI, IL PASTOR FIDO

Che se tu se' 'l cor mio,
come se' pur mal grado
del cielo e della terra,
qualor piangi e sospiri,
quelle lagrime tue sono il mio sangue,
que' sospiri il mio spirito e quelle pene
e quel dolor, che senti,
son miei, non tuoi, tormenti.

8. Luci serene e chiare

RIDOLFO ARLOTTI

Luci serene e chiare,
voi m'incendete, voi, ma prov'il core
nell'incendio diletto, non dolore.
Dolci parole e care,
voi mi ferite, voi, ma prova il petto
non dolor ne la piaga, ma diletto.
O miracol d'amore:
Alma ch'è tutta foco e tutta sangue
si strugg'e non si duol, muor e non langue.

9. La piaga c'ho nel core

AURELIO GATTI

La piaga c'ho nel core,
donna, onde lieta sei,
colpo è de gl'occhi tuoi, colpa de i miei.

*Gl'occhi miei ti miraro,
gl'occhi tuoi mi piagaro,
ma come avvien che sia
comune il fallo e sol la pena mia?*

10. Voi pur da me partite

GUARINI

*Voi pur da me partite, anima dura,
né vi duol il partire.
Ohimè! quest'è un morire
crudele, e voi gioite?
Quest'è vicino aver l'ora suprema,
e voi non lo sentite.
O meraviglia di durezza estrema:
esser alma d'un core
e separarsi, e non sentir dolore!*

11. A un giro sol

GUARINI

*A un giro sol de' begl'occhi lucenti
ride l'aria d'intorno,
e 'l mar s'acqueta e i venti,
e si fa il ciel d'un altro lume adorno,
sol io le luci ho lagrimose e meste.
Certo quando nasceste
Così crudel e ria,
nacque la morte mia.*

12. Ohimè, se tanto amate

GUARINI

*Ohimè, se tanto amate
di sentir dir Ohimè, deh perché fate
chi dice Ohimè morire?
S'io moro un sol potrete
languido, e doloroso Ohimè sentire;
Ma se, cor mio, volete
che vita abbia da voi, e voi da me,
avrete mille e mille dolci Ohimè.*

13. Io mi son giovinetta

ANÓNIMO

*"Io mi son giovinetta,
e rido e canto alla stagion novella",
cantava la mia dolce pastorella;
quando subitamente
a quel canto, il cor mio
cantò quasi augellin vago e ridente:
"Son giovinett'anch'io,
e rido e canto alla gentil e bella
primavera d'amore
che ne' begl'occhi tuoi fiorisce." Ed ella:
"Fuggi se saggio sei", disse, "l'ardore:
Fuggi, ch'in questi rai
primavera per te non sarà mai".*

14. Quell'augellin, che canta

GUARINI, IL PASTOR FIDO I, 1

*Quell'augellin, che canta
si dolcemente, e lascivetto vola
or da l'abete al faggio
ed or dal faggio al mirto,
s'avesse umano spirito,
direbbe: "Ardo d'amore, ardo d'amore
Ma ben arde nel core
e chiama il suo desio.
che gli risponde: "Ardo d'amore anch'io."
Che sii tu benedetto,
Amoroso gentil vago augelletto.*

15. Non piú guerra, pietate

GUARINI

*Non piú guerra, pietate,
occhi miei belli, occhi miei trionfanti!
A che v'armate
contr'un cor ch'è già preso, e vi si rende?
Ancidete i rubelli,
ancidete chi s'arma e si difende,
non chi, vinto, v'adora.
Volete voi ch'io mora?
Morrò pur vostro, e del morir l'affanno
sentirò sí, ma sarà vostr' il danno.*

16. Sí ch'io vorrei morire

MAURIZIO MORO

*Sí ch'io vorrei morire
ora che bacio, Amore,
la bella bocca del mio amato core.
Ahi, cara e dolce lingua,
datemi tant'umore,
che di dolcezz'in questo sen m'estingua!
Ahi, vita mia, a questo bianco seno,
deh, stringetemi fin ch'io venga meno!
Ahi bocca, ahi baci, ahi lingua, torn'a dire:
Sí ch'io vorrei morire.*

17. Anima dolorosa che vivendo

ANÓNIMO

*Anima dolorosa che vivendo
tanto peni e tormenti
quant'odi e parli e pensi e miri e senti,
ancor spiri? Che speri? Ancor dimori
in questa viva morte? in quest'inferno
de le tue pene eterno?
Mori, misera, mori!
Che tardi piú? che fai?
Perché, mort'al piacer, vivi al martire?
Perché vivi al morire?
Consuma il duol che ti consuma omai,
di questa morte che par vita uscendo.
Mori, meschina, al tuo morir morendo.*

18. Anima del cor mio

ANÓNIMO

*Anima del cor mio,
poichè da me, misera me, ti parti,
s'ami conforto alcun a' miei martiri,
non isdegnar ch'almen ti segua anch'io,
solo co'miei sospiri
e sol per rimembrarti
ch'in tante pene e in così fiero scempio
vivrò d'amor, di vera fede esempio.*

19. Longe da te, cor moi

ANÓNIMO

*Longe da te, cor mio,
struggomi di dolore,
di dolcezz'e d'amore.
Ma torna omai, deh torna! E se'l destino
strugger vorrammi ancor a te vicino,
sfavilli e splenda il tuo bel lume amato
ch'io n'arda e mora, e morirò beato.*

20. Piagn'e sospira

TORQUATO TASSO,

GERUSALEMME CONQUISTATA

*Piagn'e sospira, e quand'í caldi raggi
fuggon le greggi a la dolce ombr'assise,
ne la scorza de' pini o pur de' faggi
segnò l'amato nome in mille guise;
e de la sua fortuna i gravi oltraggi
e i vari casi in dura scorza incise,
e in rileggendo poi le proprie note
spargea di pianto le vermiglie gote.*

NOTAS AO PROGRAMA LIVRO V

O título original do *Quinto libro de madrigali a cinque voci* (1605) de Claudio Monteverdi indica-nos claramente tudo aquilo que torna esta obra tão especial do ponto de vista histórico: O *Quinto libro de madrigais a cinco* vozes, por Claudio Monteverdi, mestre de música de Sua Graça o Duque de Mântua, com baixo contínuo para cravo, *chitarrone* ou outros instrumentos similares, feito em particular para os últimos seis (madrigais) *ad libitum*. Esta inovação marca claramente uma nova forma de encarar a música que nos afasta da escrita polifónica tradicional e nos leva para a chamada *Seconda Pratica* e para o início do Barroco.

Na dedicatória do livro ao Duque, Monteverdi agradece o apoio do seu patrono contra as línguas daqueles que procuram destruir o trabalho de outros homens, referindo-se aos ataques públicos feitos pelo teórico Giovanni Artusi contra o seu estilo de composição. Monteverdi defende-se destes ataques num manifesto incluído também neste *Quinto libro*. O compositor afirma que o seu uso da dissonância, cromatismo, ambiguidades modais e secções pouco melódicas e quase declamadas não é revolucionário, mas antes parte de uma longa tradição com mais de 50 anos. O objectivo do compositor era aumentar a expressividade e a compreensão do texto e o seu impacto emocional no ouvinte. Monteverdi alinha-se assim com os princípios da *Seconda Pratica* que afirmava que *Oratio harmoniae Domina absolutissima*, ou seja, a Palavra é a Senhora absoluta da música. Monteverdi reafirma, no entanto, a validade da obra de mestres do passado como Josquin de Prez e Palestrina e a valência da música por si própria, mantendo a importância dos princípios da *Prima Pratica* e fazendo uma ponte entre as duas correntes. É este equilíbrio delicado e perfeito entre palavra e música que caracteriza as bellíssimas obras do Quinto livro de madrigais, uma obra única que junta o melhor de dois mundos.

ARMANDO POSSANTE

O AUTOR ESCREVE SEGUNDO A ANTIGA ORTOGRAFIA

LIVRO V (1605)

Crud'Amarilli, che col nom'ancora

*Crud'Amarilli, che col nom'ancora
D'amar, ah! lasso! amaramente insegni,
Amarilli, del candido ligustro
Più candida più bella,
Ma de l'àspero sordo
E più sorda più fèra e più fugace,
Poi che col dir t'offendo,
I' mi morrò tacendo.*

*Ma grideran per me le piagge e i monti
E questa selva, a cui
Si spesso li tuo bel nome
Di risonar insegno.
Per me piangendo i fonti
E mormorando i venti,
Diranno i miei lamenti;
Parlerà nel mie volto
La pietate e 'l dolore;
E se fia muta ogn'altra cosa, al fine
Parlerà il mio morire,
E ti dirà la morte il mio martire.*

O Mirtillo, Mirtillo, anima mia

*O Mirtillo, Mirtillo, anima mia,
se vedessi qui dentro
come sta il cor di questa
che chiami crudelissima Amarilli,
so ben che tu di lei
quella pietà, che da lei chiedi, avresti.
Oh anime in amor troppo infelici!
che giova a te, cor mio, l'esser amato?
che giova a me l'aver sì caro amante?
Perché, crudo destino,
ne disunisci tu, s'Amor ne strigne?
e tu, perché ne strigni,
se ne parte il destin, perfido Amore?*

Era l'anima mia

*Era l'anima mia
già presso a l'utim'ore
e languia come langue alma che more;
quando anima più bella e più gradita
volsse lo sguardo in sì pietoso giro,
che mi [ritenne]! in vita.
Parean dir que' bei lumi,
"Deh. perché ti consumi?
Non m'è sì caro il cor, ond'io respiro,
come se' tu, cor mio;
se mori, ohimè, non mori tu, mor'io.*

Ecco, Silvio, colei che 'n odio hai tanto

*Ecco, Silvio, colei che 'n odio hai tanto,
eccola in quella guisa
che la volevi a punto.
Bramastila ferir: ferita l'hai;
bramastila tua preda: eccola preda;
bramastila alfin morta: eccola a morte.
Che vuoi tu più da lei? che ti può dare
più di questo Dorinda? Ah garzon crudo!
Ah cor senza pietà! Tu non credesti
la piaga che per te mi fece Amore:
puoi questa or tu negar de la tua mano?
Non hai creduto il sangue
ch'ì versava dagli occhi:
crederai questo, che 'l mio fianco versa?*

Ma, se con la pietà non è in te spenta

*Ma, se con la pietà non è in te spenta
gentilezza e valor, che teco nacque,
non mi negar, ti prego,
anima cruda sì, ma però bella,
non mi negar a l'ultimo sospiro
un tuo solo sospir. Beata morte,
se l'addolcissi tu con questa sola
voce cortese e pia:
"Va' in pace, anima mia!"*

Dorinda, ah! dirò "mia" se mia non sei

*Dorinda, ah! dirò "mia" se mia non sei
se non quando ti perdo e quando morte
da me ricevi, e mia non fosti allora
ch'ì ti potei dar vita?
Pur «mia' dirò, ché mia
sarai mal grado di mia dura sorte;
e, se mia non sarai con la tua vita,
sarai con la mia morte.*

Ecco, piegando le ginocchia a terra

*Ti disprezzai superbo:]
ecco, piegando le ginocchia a terra,
riverente t'adoro
e ti chieggo perdon, ma non già vita.
Ecco gli strali e l'arco;
ma non ferir già tu gli occhi o le mani,
colpevoli ministri
d'innocente voler; ferisci il petto,
ferisci questo mostro,
di pietate e d'amore aspro nemico;
ferisci questo cor che ti fu crudo:
eccoti il petto ignudo.*

Ferir quel petto, Silvio?

*Ferir quel petto, Silvio?
Non bisognava agli occhi miei scovrirlo,
s'avevi pur desio ch'io tel ferissi.*

*O bellissimo scoglio,
già da l'onda e dal vento
de le lagrime mie, de' miei sospiri
sí spesso invan percosso,
è pur ver che tu spiri
e che senti pietate? o pur m'inganno?
Ma sii tu pure o petto molle o marmo,
già non vo' che m'inganni
d'un candido alabastro il bel semblante,
come quel d'una fèra
oggi ingannato ha il tuo signore e mio.
Ferir io te? te pur ferisca Amore,
ché vendetta maggiore
non so bramar che di vederti amante.
Sia benedetto il di che da prim'arsi!
benedette le lagrime e i martiri!
di voi lodar, non vendar, mi voglio.*

Ch'ì t'ami, e t'ami piú de la mia vita

*Ch'ì t'ami, e t'ami piú de la mia vita,
se tu nol sai, crudele,
chiedilo a queste selve,
che tel diranno, e tel diran con esse
le fère loro e i duri sterpi e i sassi
di questi alpestri monti,
ch'ì ho sí spesse volte
inteneriti al suon de' miei lamenti.*

Deh! bella e cara e sí soave un tempo

*Deh! bella e cara e sí soave un tempo
cagion del viver mio, mentre a Dio piacque,
volgi una volta, volgi
quelle stelle amorose,
come le vidi mai, così tranquille
e piene di pietà, prima ch'ì moia,
ché 'l morir mi sia dolce.
E dritto è ben che, se mi fùro un tempo
dolci segni di vita, or sien di morte
que' begli occhi amorosi;
e quel soave sguardo,
che mi scorse ad amare,
mi scorga anco a morire;
e chi fu l'alba mia,
del mio cadente dí l'espero or sia.*

Ma tu, piú che mai dura

*Ma tu, piú che mai dura,
favilla di pietà non senti ancora;
anzi t'inaspri piú, quanto piú prego.
Cosí senza parlar dunque m'ascolti?
A chi parlo, infelice? a un muto marmo?
S'altro non mi vuoi dir, dimmi almen: "Mori!"
e morir mi vedrai.
Questa è ben, empio Amor, miseria estrema,
che sí rigida ninfa*

[e del mio fin sí vaga, perché grazia di lei non sia la morte mia, morte mi neghi,] [né]2 mi risponda, e l'armi d'una sola sdegnosa e cruda voce sdegni di proferire al mio morir.

Che dar piú vi poss'io?

*Che dar piú vi poss'io?
Caro mio ben, prendete, eccovi il core,
pegno della mia fede e del mio amore.
E se per darli vita a voi l'invio,
no'l lasciate morire;
nudritel di dolcissimo gioire,
ché vostril fece amor, natura mio.
Non vedete, mia vita,
che l'immagine vostr'è in lui scolpita?*

M'è piú dolce il penar per Amarilli

*M'è piú dolce il penar per Amarilli,
che il gioir di mill'altre;
e se gioir di lei
mi vieta il mio destino, oggi si moia
per me pure ogni gioia.
Viver io fortunato
per altra donna mai, per altro amore?
né, volendo, il potrei
né, potendo, il vorrei.
E, s'esser può che «n alcun tempo mai
ciò voglia il mio volere
o possa il mio potere,
prego il cielo ed Amor che tolto pria
ogni voler, ogni poter mi sia.*

Ahi, come a un vago sol cortese giro

*Ahi, come a un vago sol cortese giro
[di quei]1 begli occhi, ond'io
sofferarsi il primo, e dolce stral d'amore,
pien d'un nuovo desio,
sí pronto a sospirar, torna il mio core!
Lasso, non val ascondersi, ch'omai
conosco i segni, [ch'il]2 mio cor m'addita
de l'antica ferita,
ed è gran tempo pur che la saldai:
Ah, che piaga d'Amor non sana mai!*

Troppo ben può questo tiranno Amore

*Troppo ben può questo tiranno Amore,
poiché non val fuggire
a chi no'l può soffrire.
Quando i' penso talor com'arde, e punge,
i' dico: "Ah core stolto,
non l'aspettar; che fai?
Fuggilo sí, che non ti prenda mai."
Ma non so com'il lusinghier mi giunge,
ch'io dico: "Ah core stolto,*

*perché fuggito l'hai?
Prendilo sí, che non ti fugga mai."*

Amor, se giusto sei

*Amor, se giusto sei,
fa che la donna mia
anch'ella giusta sia.
Io t'amo, tu il conosci, ed ella il vede,
ma piú mi strazia e mi trafigge il core,
e per piú mio dolore
e per dispregio tuo, non mi dà fede.
Non sostener, Amor, che nel tuo regno
là dov'io ho sparta fede mieta sdegno,
ma fa, giusto signore,
ch'in premio dell'amor io colga amore.*

T'amo, mia vita "la mia cara vita

*T'amo, mia vita" la mia cara vita
dolcemente mi dice, e «n questa sola
sí soave parola
par che trasformi lietamente il core,
per farmene signore.
O voce di dolcezza, e di diletto!
Prendila tosto, Amore;
stampala nel mio petto.
Spiri solo per lei l'anima mia;
T'amo, mia vita" la mia vita sia.*

E così a poco a poco

*E così a poco a poco
torno farfalla semplicetta al foco,
e nel fallace sguardo
un'altra volta mi consum'e ardo:
Ah, che piaga d'amore
quanto si cura piú tanto men sana.
Ch'ogni fatica è vana,
quando fu punto un giovinetto core
dal primo, e dolce strale;
chi spegne antico incendio il fa immortale.*

Questi vaghi concetti

*Questi vaghi concetti
che l'augellett'intorno
vanno temprando a l'apparir del giorno
sono, cred'io, d'amor desiri ardenti;
sono pene e tormenti;
e pur fanno le selv'e'l ciel gioire
al lor dolce languire.*

*Deh! se potessi anch'io
cosí dolce dolermi
per questi poggi solitari e ermi,
che quell'a cui piacer sola desio
gradiss'il pianger mio,
io bramerei sol per piacer a lei
eterni i pianti miei.*

LIVRO I (1587)

1. Ch'io ami la mia vita

ANÓNIMO

*Ch'ami la vita mia nel tuo bel nome Par che si
legg'ogn'hora
Ma tu voi pur ch'io mora. Se'l ver porti in te scritto,
Acqueta co'í begli occhi il cor afflitto, Acciò letto non sia
Ch'ami la morte e non la vita mia.*

2. Se per havervi oimè

ANÓNIMO

*Se per avervi, ohimè, donato il core, nasce in me
quell'ardore,
donna crudel, che m'ard'in ogni loco, tal che son tutto
foco.
E se per amar voi, l'aspro martire mi fa di duol morire,
miser, che far debb'io
privo di voi che sete ogni ben mio?*

3. A che tormi il ben mio

ANÓNIMO

*A che tormi il ben mio s'io dico di morire?
Questo, madonna, è troppo gran martire. Ahi vita, ahi
mio tesoro!
E perderò il ben mio con dir ch'io moro?*

4. Amor per tua mercè

ANÓNIMO

*Amor per tua mercè vattene à quella Che m'è così rubella
E con una saetta
Passale il cor, e fa di me vendetta Dille come potete
unqua patire
Chi tanto v'ama far, Donna, morire.*

5. Baci soavi e cari

BATTISTA GUARINI

*Baci soavi e cari, cibi della mia vita,
ch'or m'involate or mi rendete il core: per voi convien
ch'impari
come un'alma rapita
non senta il duol di mort'e pur si more. Quant'ha di dolce
amore,
perché semp'io vi baci, o dolcissime rose,
in voi tutto ripose;
e s'io potessi ai vostri dolci baci la mia vita finire,
o che dolce morire!*

6. Se pur non mi consenti

LUIGI GROTO

*Se pur non mi consenti
Ch'io ami te sí come Amor m'invita*

*Donna non mi consenti
Per giust'almen ch'io ami la mia vita*

*Se ciò consenti ancor consentir dei Ch'io ami te che la mia
vita sei.*

7. Filli cara e amata

ALBERTO PARMA

*Filli cara e amata, Dimmi per cortesia
Questa tua bella bocca non è mia?*

*Ahi non rispondi ingrata E col silenzio nieghi D'ascoltar i
miei prieghi.*

*Piacciati almen, se taci,
D'usar in vece di risposta i baci.*

8. Poi che del mio dolore

ANÓNIMO

*Poi che del mio dolore Tanto ti nutri Amore
Libera mai quest'alma non vedrai Fin che per gl'occhi fore
Lasso non venga il core.*

9. Fumia la pastorella

ANTONIO ALLEGRETTI

Prima parte

*Fumia la pastorella Tessendo ghirlandetta
Sen gia cantando in un prato di fiori Intorno, intorno a
quella Scherzavan per l'herbetta
Ciprigna, il figlio e i pargoletti amori Ella rivolt'al sole
Dicea queste parole.*

Seconda parte

*Almo divino raggio Della cui santa luce Questa lieta stagion
s'alluma e'ndora
E'l bel mese di Maggio Oggi per te conduce
Dal ciel in terra la tua vaga Flora Deh quel che sí ci annoia
Cangia in letizia e in gioia.
Terza parte
All'ora i pastor tutti
Del Tebro e Ninfe a schiera Corsero a l'harmonia lieti, e
veloci E di fior e di frutti
Che porta Primavera
Gli porgean doni e con rozze alte voci Cantavan tuttavia
Le lodi di Fumia.*

10. Se nel partir da voi, vita mia

GIOVANNI MARIA BONARDO

*Se nel partir da voi, vita mia, sento così grave tormento,
deh, prima che pensar mai di partire, donna, poss'io morire.
E se da voi partend'ho tanti guai, poss'io prima
morir che partir mai.*

11. Tra mille fiamme

ANÓNIMO

Tra mille fiamme e tra mille catene,
onde n'accend'e lega,
Amor a le mie pene
scelse la più gentil e la più bella amorosa fiammella,
che si soavemente
m'impiegò il cor, che per beltà gradita morir m'è dolce
e non sperar aita.

12. Usciam Ninfe homai fuor di questi boschi

ANÓNIMO

Usciam Ninfe homai fuor di questi boschi E di fior
bianch'e gialli
Tessiam ghirlande e cingiansene i crini Che dopo horrida
e fiera
Stagion con fiori, e frondi Torna la desiata primavera
Orsù facciam le valli
Sonar col canto e su le verdi herbetto Guidiam con dolce
suon in giro i balli.

13. Questa ordi il laccio

GIOVAN BATTISTA STROZZI

Questa ordi il laccio questa
Si bella man fra fiori, e l'herba il teso E questa il cor mi
prese e fù si presta A trarlo in mezz'a mille fiamm'accese

Hor che l'hò qui ristretta Vendetta, Amor, vendetta.

14. La vaga pastorella sen va tra fiori

ANÓNIMO

La vaga pastorella
Sen va tra fiori e l'herbe
Cantando dolcemente ond'io sospiro Che la veggio sì bella
E carco di martiro La seguo tuttavia. Deh pastorella mia,
Ti prego non fuggire
Ch'io mi sento a morire.

15. Amor, s'il tuo ferire

ANÓNIMO

Amor s'il tuo ferire Desse tanto martire Quanto di Filli i
sguardi A tuoi pongenti dardi
Non restarebbe alcun amante in vita Che con beltà
infinita
Se giace ò mira ò move ò parla ò ride Atterra accora
impiega arde e uccide.

16. Donna, s'io miro voi, ghiaccio divengo

ANÓNIMO

Donna s'io miro voi, ghiaccio divengo, Si di mirar
m'astengo
D'un infinito ardore mi si consuma il core.
Non so che m'abbi luoco:
Mirar m'è ghiaccio, non mirar m'è fuoco.

17. Ardo, sì, ma non t'amo

BATTISTA GUARINI

Ardo, sì, ma non t'amo Perfida e dispietata, Indegnamente
amata Da un sì leale amante.

Ne sarà più che del mio duol ti vante Perch'ho
già sano il core
E s'ardo, ardo di sdegn' e non d'amore.

18. Ardi ò gela a tua voglia [Riposta]

TORQUATO TASSO

Ardi ò gela a tua voglia Perfido et impudico
Hor amante, hor nemico
Che d'inconstante ingegno
Poco l'amor i'stimo, e men lo sdegnò E se l'amor fu vano
Van fia lo sdegnò del tuo cor insano.

19. Ardi ò gela a tua voglia [Contrariposta]

TORQUATO TASSO

Arsi ed alsì a mia voglia, Leal non impudico,
Amante non nemico,
E s'al tuo lieve ingegno
Poco cale d'amor e men lo sdegnò Sdegn'e amor farà vano
L'altiero suon del tuo parlar insano

LIVRO II (1590)

1a. Non si levava ancor

TORQUATO TASSO

Prima parte

Non si levava ancor l'alba novella né spiegavan le piume
gli augelli al novo lume,
ma fiammeggiava l'amorosa stella, quando i duo vaghi, e
leggiadretti amanti, ch'una felice notte aggiunse insieme,
come Acanto si volge in vari giri,
divise il novo raggio; e i dolci piante nell'accoglienze estreme,
mescolavan con baci e con sospiri mille ardenti pensier,
mille desiri.

Mille voglie non paghe, in quelle luci vaghe,
scopria quest'alma innamorata, e quella.

1b. E dicea l'una sospirando

TORQUATO TASSO

Seconda parte

E dicea l'una sospirand'allora: anima, a dio, con languide
parole. E l'altra: vita, a dio, le rispondea,
a dio, rimanti. E non partiansi ancora inanzi al novo sole,
e inanzi a l'alba che nel ciel sorgea, e questa e quella
impallidir vedea le bellissime rose
ne le labr' amorose,
e gl'occhi scintillar come facella

e come d'alma che si part'e svella, fu la partenza loro:
a dio che part'e moro,
dolce languir, dolce partita e fella.

2. Bevea Fillide mia

GIROLAMO CASONI

Bevea Fillide mia
e nel ber dolcemente
baci al dolce liquor porgea sovente.

Tutto quel che rimase lieta mi diede poi misto con baci
suoi:
io 'l bevo, e non so come bevo amore che dolcemente
anch'ei mi bacia il core.

3. Dolcissimi legami

TORQUATO TASSO

Dolcissimi legami di parole amorose
che mi legò da scherzo e non mi scioglie. Così egli
dunque scherza e così coglie?
Così l'alme legate
sono ne le catene insidiose? Almen chi si m'allaccia,
mi leghi ancor fra quelle dolci braccia.

4. Non giacinti o narcisi

GIROLAMO CASONE

Non giacinti o narcisi,
ma piccioletti fior siamo, che Amore manda a voi, di
beltà candido fiore. O, se il sol de' vostri occhi,
pur un poco ne tocchi, saran vil alghe poi
e narcisi e giacint'a fronte a noi.

5. Intorno a due vermiglie

ANÓNIMO

Intorno a due vermiglie e vaghe labra di cui rose
più belle
non ha la Primavera,

volan soavi baci a schiera a schiera.
E son più ch'a le stelle in ciel puro e sereno,
più ch'a le gemme de la terra in seno.

Motti sonori od amorosi o casti, tra tanti un mi negasti,
spietato un bacio solo,
tu, che non spieghi a volo, Amor, insidiando a baci, sì
come augei rapaci
che, sol imaginando han già rapita quest'alma e questa
vita.
Tendi l'insidie, tendi,
et un almen tra mille arditò prendi.

6. Non sono in queste rive

TORQUATO TASSO

Non sono in queste rive fiori così vermigli
come le labbra de la donna mia, né 'l suon de l'aure

estive
tra fonti e rose e gigli
fa del suo canto più dolce armonia. Canto che m'ardi e
piaci, t'interrompano solo i nostri baci!

7. Tutte le bocche belle

FILIPPO ALBERTI

Tutte le bocche belle
in questo nero volto ai baci sfida la mia nemica infida.
Restanvi i baci impressi, quasi amorose stelle
nel vago oscuro velo onde s'amanta il cielo.
O, perchè non poss'io cangiarmi in lui?
Ch'intorno a gli occhi miei
per mille baci mille stelle avrei.

8. Donna, nel mio ritorno

TORQUATO TASSO

Donna, nel mio ritorno
il mio pensiero, a cui nulla pon freno, percorre dove il
ciel è più sereno,
e se ne vien a far con voi soggiorno; né da voi si diparte
giamai la notte e'l giorno,
perché l'annoia ciascun'altra parte. Onde sol per virtù
del pensier mio, mentre ne vengo a voi, con voi son io.

9. Quell'ombra esser vorrei

GIROLAMO CASONI

Quell'ombra esser vorrei
che'l di vi segue leggiadretta e bella, che s'or son servo,
i' sarei vostr'ancella.

E quando parte il sole,
m'asconderei sotto quei bianchi panni: lasso, ben negli
affanni,
ombra ignuda d'uom vivo, Amor, mi fai, ma non mi
giungi a la mia donna mai.

10. S'andasse Amor a caccia

TORQUATO TASSO

S'andasse Amor a caccia,
Grechino a lass'avria per suo diletto e de le dame
sequiria la traccia,
ché vago e pargoletto è questo come quello e
leggiadrett'e bello.

Vezzozetto Grechino, se pur vuol tuo destino ch'egli sia
cacciatore,
prendi costei mentr'ella fugge Amore.

11. Mentre'io mirava fiso

TORQUATO TASSO

Mentre'io mirava fiso
de la mia donna gli occhi ardenti e e belli,
due vaghi spiritelli
fiammeggiando n'uscirono a l'improvviso e leggiadretti

e snelli
facendo mille scherzi e mille giri, mille fughe
d'intorno
e mille agguati dentro al seno adorno, mi trassero dal
cor mille sospiri: onde, con dolci ed amorosi lai
"Pietà, pietà", gridai.

12. Se tu mi lassì TORQUATO TASSO

Se tu mi lassì, perfida, tuo danno: non ti pensar che
sia
misera senza te la vita mia.
Misero ben sarei
se miseria l' stimassi e non ventura perder chi non
mi cura
e ricovar quel che di me perdei. Misera tu, che per
novello amore perdi quel fido core
ch'era più tuo che tu di te non sei; ma il tuo già non
perd'io,
perché non fu mai mio.

13. Ecco mormorar l'onde TORQUATO TASSO

Ecco mormorar l'onde e tremolar le fronde
a l'aura mattutina e gli arboscelli, e sovra i verdi rami
i vaghi augelli cantar soavemente
e rider l'oriente.
Ecco già l'alba appare e si specchia nel mare e
rasserena il cielo
e [le campagne] imperla il dolce gelo, e gli alti monti
indora.
O bella e vaga Aurora, L'aura è tua messaggera, [e
tu de l'aura
ch'ogni arso cor ristaura.

14. La bocca onde ENZO BENTIVOGLIO

La bocca onde l'asprissime parole solean uscir ch'ir
mi facean dolente vie più di quante mai fur sotto
il sole, or nutre l'alma mia soavemente d'odor di
fresche rose e di viole,
cui cede ogn'altro che l'Arabia sente, e d'ambrosia
e di nettare si pasce, ché tra le perle e i bei rubini
nasce.

15. Dolcemente dormiva TORQUATO TASSO

Dolcemente dormiva la mia Clori e 'ntorno al suo bel volto
givan scherzando i pargoletti Amori. Mirav'io, da me
tolto,
con gran diletto lei,
quando dir mi sentii: "Stolto, che fai? Tempo perduto
non s'acquista mai." Allor io mi chinai così pian
piano,
e baciandole il viso
provai quanta dolcezza ha il paradiso.

16. Crudel, perchè mi fuggi?

BATTISTA GUARINI

Crudel, perchè mi fuggi,
s'hai della morte mia tanto desio? Tu sei pur il cor mio?
Credi tu, per fuggire, crudel, farmi morire?
Ah! non si può morir senza dolore, e doler non si può, chi
non ha core.

17. Questo specchio ti dono GIROLAMO CASONI

uesto specchio ti dono, Rosa, tu damm'or che l'età consente,
ch'io colga il tuo bel fior primo ridente. Se ciò non voi, te mira,
cara fanciulla ivi due volt'e poi,
o caduchi onor tuoi,
vermiglia in sul matin, belle e gentile, di sera ti vedrai pallida e
vile.

18. Non mi è grave il morire BARTOLOMEO GOTTIFREDI

Non m'è grave il morire,
donna, per acquetar vostro desire, anzi, il viver m'annoia,
saped'esser voler vostro ch'io moia. Ben morrei più contento,
s'io fossi innanzi a voi di vita spento e vi vedessi a sorte
lagrimar per pietà de la mia morte.

19. Ti spontò l'ali amor la donna mia FILIPPO ALBERTI

Ti spontò l'ali, Amor, la donna mia, Acciò tu gissi solo
Nei suoi begli occhi a volo. Mira se queste sono
Piume de l'ali tue, Ch'io n'ebbi in dono:
O perchè piangi, stolto?
Prendi le piume tue, ma taci pria E gli occhi asciuga e 'l volto.
Ah, tel credevi, Amore!
Se voi le piume tue, rendemi il core.

20. Cantai un tempo PIETRO BEMBO

Cantai un tempo, e se fu dolce il canto questo mi tacerò,
ch'altri il sentiva;
or è ben giunto ogni mia festa a riva, et ogni mio piacer
rivolto in pianto.

O fortunato, chi raffrena in tanto il suo desio,
che riposato viva;
di riposo, di pace il mio mi priva: così va,
ch'in altrui pon fede tanto.

NOTAS AO PROGRAMA LIVRO VI

O *Sexto livro de madrigais* de Claudio Monteverdi foi o primeiro a ser inteiramente concebido como barroco, incluindo o Baixo Continuo em todas as obras, tendo várias secções em *stile recitativo* e uma concepção harmónica claramente tonal, com o arrojo no uso da dissonância e da harmonia que caracterizam o compositor. Para além disto, o livro centra-se em dois ciclos de madrigais que funcionam como pequenas cenas dramáticas, quase pequenas óperas, que já aparentam ter pouco em comum com o Madrigal tradicional, *Lamento d'Arianna* e *Sestina*, *Lagime d'amante al sepolcro dell'amata*.

Ambos os ciclos terão sido compostos alguns anos antes, após a morte da esposa do compositor, Claudia Cattaneo, ocorrida à época da composição da ópera *Arianna*. O *Lamento* é uma adaptação para cinco vozes de uma ária desta mesma ópera (agora desaparecida) à qual o compositor acrescentou mais três secções sobre textos de Ottavio Rinuccini. A dor do compositor é transmitida ao ouvinte pelas palavras da infeliz Arianna, abandonada por Teseu para morrer na ilha de Naxos e também nas de Glauco, personagem central de *Sestina*. Glauco chora na sepultura da sua amada Corinna, e o sofrimento contido nas suas palavras é levado ao ouvinte pela expressividade da música de Monteverdi, ecoando a sua própria dor ao viver a mesma situação.

ARMANDO POSSANTE

O AUTOR ESCREVE SEGUNDO A ANTIGA ORTOGRAFIA

LIVRO VI (1614)

Lamento d'Arianna

PRIMA PARTE

Lasciatemi morire!
E che volete voi che mi conforte
In così dura sorte,
In così gran martire?
Lasciatemi morire!

SECONDA PARTE

O Teseo, O Teseo mio,
Si, che mio ti vo' dir, che mio pur sei,
Benchè t'involi, ahi crudo, a gli occhi miei
Volgiti, Teseo mio,
Volgiti, Teseo,
O Dio!
Volgiti indietro a rimirar colei
Che lasciato ha per te la Patria e il Regno,
E in queste arene ancora,
Cibo di fere dispietate è crude,
Lascierà l'ossa ignude.
O Teseo, O Teseo mio,
Se tu sapessi, O Dio!
Se tu sapessi, ohimè, come s'affanna
La povera Arianna, forse pentito
Rivolgeresti ancor la prora al lito:
Ma con l'aure serene
Tu te ne vai felice e io qui piango.
A te prepara Atene
Liete pompe superbe,
Ed io rimango
Cibo di fere in solitarie arene.
Te l'uno e l'altro tuo vecchio parente

Stringeran lieti, ed io
Più non vedrovi,
O Madre, O Padre mio!

TERZA PARTE

Dove, dov'è la fede
Che tanto mi giuravi?
Così ne balta fede
Tu mi ripon degl'Avi?
Son queste le corone
Onde m'adorni il crine?
Questi gli scettri sono,
Queste le gemme e gl'ori?
Lasciami in abbandono
A fera che mi strazi e mi divori?
Ah Teseo, ah Teseo mio,
Lascierai tu morire
Invan piangendo, invan gridando aita,
La misera Arianna
Ch'a te fidossi e ti diè gloria e vita?

QUARTA PARTE

Ahi, che non pur rispondi!
Ahi, che più d'aspe è sordo a: miei lamenti!
O nembri, O turbi, O venti,
Sommergetelo voi dentr'a quell'onde!
Correte, orche e balene,
E delle membra immonde
Empiete le voragini profonde!
Che parlo, ahi, che vaneggio?
Misera, oimè, che chieggio?
O Teseo, O Teseo mio,
Non son, non son quell'io,
Non son quell'io che i ferì detti sciolse;
Parlò l'affanno mio, parlò il dolore,
Parlò la lingua, sì, ma non già il core.

Misera! Ancor dò loco a la tradita speme?
E non si spegne,
Fra tanto schermo ancor, d'amor
Il foco spegni tu morte, omai, le fiamme indegne!
O Madre, O Padre,
O dell'antico Regno superbi alberghi,
Ov'ebbi d'or la cuna,
O servi, O fidi amici (ahi fato indegno!)
Mirate ove m'ha scort'empia fortuna,
Mirate di che duol m'ha fatto herede
L'amor mio, la mia fede,
E l'altrui inganno,
Così va chi tropp'ama e tropp' crede.

Zefiro torna

Zefiro torna, e' bel tempo rimena,
e i fiori e l'erbe, sua dolce famiglia,
e garrir Progne, e pianger Filomena,
e primavera candida e vermiglia.
Ridono i prati, e' l'ciel si rasserenà;
Giove s'allegra di mirar sua figlia;
l'aria, e l'acqua, e la terra è d'amor piena;
ogni animal d'amar si riconsiglia.
Ma per me, lasso!, tornano i più gravi
sospiri, che del cor profondo tragge
quella ch'al ciel se ne portò le chiavi;
e cantar augelletti, e fiorir piagge,
e'n belle donne oneste atti soavi
sono un deserto, e fere aspre e selvagge.

Una donna fra l'altre onesta e bella

Una donna fra l'altre onesta e bella
vidi nel coro di bellezza adorno
l'armi vibrar, mover il piede intorno,
feritrice d'amor, d'amor rubella.

Uscian dal caro viso auree quadrella,
e 'n quella notte che fe' invidia e scorno
col sol de' suoi belli occhi al chiaro giorno,
si rese ogni alma spettatrice ancella.

Non diede passo allor che non ferisse,
né girò ciglio mai che non sanasse,
né vi fur cor che 'l suo ferir fugisse;

non ferì alcun che risanar bramasse,
né fu sanato alcun che non languisse,
né fu languente alfin che non l'ammasse.

A Dio Florida bella, il cor piagato

A Dio Florida bella, il cor piagato
nel mio partir ti lascio e porto meco
la memoria di te sì come seco
cervo trafitto suol lo strale alato.

Caro mio Floro a Dio, l'amaro stato
consoli amor del nostro viver cieco
Che s'el tuo cor mi resta il mio vien teco
Com'augellin che vola al cibo amato.

Così sul Tebro a lo spuntar del sole
Quinci e quindi confuso un suon s'udia
Di sospiri, di baci e di parole.

Ben mio rimanti in pace, e tu ben mio
vattene in pace e sia quel ch'el ciel vole
A Dio Floro dicea Florida, a Dio.

Sestina

Incenerite spoglie, avara tomba
Fatta del mio bel Sol, terreno Cielo,
Ahi lasso! l' vegno ad inchinarvi in terra.
Con voi chius'è 'l mio cor a marmi in seno,
E notte e giorno vive in foco, in pianto,
In duolo, in ira, il tormentato Glauco.

Ditelo, O fiumi, e voi ch'udiste Glauco
L'aria ferir di grida in su la tomba,
Erme campagne - e' l san le Ninfe e 'l Cielo:
A me fu cibo il duol, bevanda il pianto,
- Letto, O sasso felice, il tuo bel seno -
Poi ch'il mio ben copri gelida terra.

Darà la notte il sol lume alla terra
Splenderà Cintia il dì, prima che Glauco
Di baciar, d'honorar lasci quel seno
Che fu nido d'Amor, che dura tomba
Preme; né sol d'alti sospir, di pianto,
Prodighe a lui saran le fere e 'l Cielo!

Ma te raccoglie, O Ninfa, in grembo 'l Cielo,
lo per te miro vedova la terra
Deserti i boschi e correr fium' il pianto.
E Driade e Napee del mesto Glauco
Ridicono i lamenti, e su la tomba
Cantano i pregi dell'amante seno.

O chiome d'or, neve gentil del seno
O gigli della man, ch'invidio il cielo
Ne rapì, quando chiuse in cieca tomba,
Chi vi nasconde? Ohimè! Povera terra
Il fior d'ogni bellezza, il Sol di Glauco
Nasconde! Ah! Muse! Qui sgorgate il pianto!

Dunque, amate reliquie, un mar di pianto
Non daran questi lumi al nobil seno
D'un freddo sasso? Eco! L'afflittio Glauco
Fa risonar »Corinna«: il mare e 'l Cielo,
Dicano i venti ogn'or, dica la terra
»Ahi Corinna! Ahi Morte! Ahi tomba!«

Cedano al pianto
I detti! Amato seno
A te dia pace il Cielo,
Pace a te, Glauco
Prega, honorato tomba
E sacra terra.

Oimè il bel viso

Oimè il bel viso, oimè il soave sguardo,
oimè il leggiadro portamento altero;
oimè il parlar ch'ogni aspro ingegno et fero
facevi humile, ed ogni huom vil gagliardo!

et oimè il dolce riso, onde uscìo <l dardo
di che morte, altro bene omai non spero:
alma real, dignissima d'impero,
se non fossi fra noi scesa sì tardo!

Per voi conven ch'io arda, e 'n voi respire,
ch'ì' pur fui vostro; et se di voi son privo,
via men d'ogni sventura altra mi dole.

Di speranza m'empie et di desire,
quand'io partì' dal sommo piacer vivo;
ma 'l vento ne portava le parole.

Qui rise, o Tirsi

Qui rise, o Tirsi, e qui ver me rivolse
Le due stelle d'Amor la bella Clori;
Qui per ornarmi il crin, de' più bei fiori
Al suon dele mie canne un grembo colse.
O memoria felice, o lieto giorno.

Qui l'angelica voce e le parole,
C'humiliaro i più superbi Tori;
Qui le Gratie scherzar vidi, e gli Amori
Quando le chiome d'or sparte raccolse.
O memoria felice, o lieto giorno.

Qui con meco s'assise, e qui mi cinse
Del caro braccio il fianco, e dolce intorno
Stringendomi la man, l'alma mi strinse.
Qui d'un bacio ferimmi, e 'l viso adorno
Di bel vermiglio vergognando tinsse.
O memoria felice, o lieto giorno.

Misero Alceo

Misero Alceo, del caro albergo fore
gir pur convienti, e ch'al partir m'appresti.
»Ecco Lidia, ti lascio, e lascio questi
poggi beati, e lascio teco il core.

Tu, se di pari laccio e pari ardore
meo legata fosti e meo ardesti,
fa' che ne' duo talor giri celesti
s'annidi e posi, ov'egli vive e more.

Sì, mentre lieto il cor staratti accanto,
gli occhi, lontani da soave riso,
mi daran vita con l'umor del pianto«.

Così disse il pastor dolente in viso.
La ninfa udillo, e fu in due parti intanto
l'un cor da l'altro, anzi un cor sol, diviso.

Batto, qui pianse Ergasto
»Batto«, qui pianse Ergasto, »ecco la riva
ove, mentre seguia cerva fugace,
fuggendo Clori il suo pastor seguace,
non so se più seguiva o se fuggiva«.

»Deh, mira!« -- egli dicea -- »se fuggitiva
fera pur saettar tanto ti piace,
saetta questo cor che soffre in pace
le piaghe, anzi ti segue e non le schiva.

Lasso, non m'odi?«. E qui tremante e fioco
e tacque e giacque. A questi ultimi accenti
l'empia si volse e rimirollo un poco.

Allor di nove Amor fiamme cocenti
l'accese. Or chi dirà che non sia foco
l'umor che cade da duo lumi ardenti?

Presso un fiume tranquillo

Presso un fiume tranquillo
Disse a Filena Eurillo :
"Quante son queste arene,
Tante son le mie pene !
E quante son quelle onde,
Tante ho per te nel cor piaghe profonde !"

Rispose, d'amor piena,
Ad Eurillo Filena :
"Quante la terro ha foglie
Tante son le mie doglie !
E quante il cielo ha stelle,
Tante ho per te nel cor vive fiammelle !"

Dunque con lieto core
Soggionse indi il pastore :
"Quanti ha l'aria augelletti
Siano i nostri diletti,
E quant'hai tu bellezze,
Tante in noi versi Amor care dolcezze !"

"Sì, sì", con voglie accese
L'un e l'altro riprese,
"Facciam, concordati amanti,
Pari le gioie ai pianti,
A le guerre le paci :
Se fur mille i martiri sian mille i baci!"

NOTAS AO PROGRAMA SELEÇÃO DOS LIVROS VII E VIII

“A Arte do Madrigal” é um percurso musical que, com a publicação do *Sexto Livro* (Veneza 1614), nos leva até à edição do *Oitavo Livro* (Veneza 1638)

Neste anos venezianos, o madrigal de Monteverdi adquire, pouco a pouco, uma nova dimensão. O concerto abre com o famosíssimo *Lamento d’Arianna* a cinco vozes, que é considerado um dos ápices da escrita polifónica de Monteverdi.

Os elementos musicais da personagem cénica são aqui elaborados e fundem-se numa polifonia harmonicamente audaz e, ao mesmo tempo, tão transparente que coloca sempre em evidência, na parte superior, o dramatismo da personagem de Arianna.

A nossa viagem prossegue com alguns madrigais do *Sétimo Livro* onde a própria estrutura do Madrigal já abandonara a tradicional composição polifónica a cinco vozes.

O madrigal *Tempo la cetra*, por exemplo, é uma composição a uma só voz, precedida por uma sinfonia, e apresenta uma estrutura estrófica intervalada por refrães instrumentais.

Se já anteriormente Monteverdi usara baixos obstinados para dar uma estrutura unitária

à composição, na música *Ohimè dov’è il mio ben* Monteverdi oferece-nos, ao desenvolver o tema do Romanesco dado às duas vozes, uma variedade musical surpreendente.

A introdução que aparece na edição do *Oitavo Livro* com *incipit* “Claudio Monteverdi para quem lê” é de facto a manifestação estilística que, ao enunciar a descoberta do estilo “concitato”, nos abre a uma ulterior e nova perspectiva do madrigal que agora, e mais do que nunca, permite representar todas “as nossas paixões, ou afetos da alma”

A coletânea intitulada *Madrigali Guerrieri et Amoros*, onde doçura e furor nos aparecem numa maravilhosa alternância que Monteverdi “desenha” com a sua música tanto que, como por exemplo em *Hor Ch’el Ciel e la Terra*, temos realmente a sensação não só de ouvir, mas também de “ver” a descrição da natureza feita por Petrarca.

Com o *Lamento della Ninfa* feito de expressão, de liberdade absoluta, e ao tempo “dos afetos e da alma”, encerramos na perfeição a nossa maravilhosa viagem.

TRADUÇÃO DE RITA GONÇALVES RAMOS

LETRAS DA SELEÇÃO DOS LIVROS VII E VIII

Il lamento di Arianna

*Lasciatemi morire!
E chi volete voi che mi conforte
In così dura sorte,
In così gran martire?
Lasciatemi morire.
O Teseo, O Teseo mio,
Sì, che mio ti vo’ dir, che mio pur sei,
Benchè t’involi, ahì crudo, a gli occhi miei
Volgiti, Teseo mio,
Volgiti, Teseo, O Dio!
Volgiti indietro a rimirar colei
Che lasciato ha per te la Patria e il Regno,
E in queste arene ancora,
Cibo di fere dispietate e crude,
Lascierà l’ossa ignude!
O Teseo, O Teseo mio,
Se tu sapessi, O Dio!
Se tu sapessi, ohimè, come s’affanna
La povera Arianna,
Forse pentito
Rivolgeresti ancor la prora al lito!
Ma con l’aure serene
Tu te ne vai felice et io qui piango.
A te prepara Atene
Liete pompe superbe, ed io rimango
Cibo di fere in solitarie arene.
Te l’uno e l’altro tuo vecchio parente
Stringeran lieti, et io
Più non vedrovi, O Madre, O Padre mio!
Dove, dov’è la fede
Che tanto mi giuravi?
Così ne l’alta fede
Tu mi ripon degl’Avi?
Son queste le corone
Onde m’adorni il crine?
Questi gli scettri sono,
Queste le gemme e gl’ori?
Lasciarmi in abbandono
A fera che mi strazi e mi divori?
Ah Teseo, ah Teseo mio,
Lascierai tu morire
Invan piangendo, invan gridando ‘aita,
La misera Arianna
Ch’a te fidossi e ti diè gloria e vita?
Ahi, che non pur rispondi!
Ahi, che più d’aspe è sordo a’ miei lamenti!
O nembri, O turbi, O venti,
Sommergetelo voi dentr’a quell’onde!
Correte, orche e balene,
E delle membra immonde*

*Empiete le voragini profonde!
Che parlo, ahì, che vaneggio?
Misera, ohimè, che chieggio?
O Teseo, O Teseo mio,
Non son, non son quell’io,
Non son quell’io che i ferì detti sciolse;
Parlò l’affanno mio, parlò il dolore,
Parlò la lingua, sì, ma non già il cuore.
Misera! Ancor dò loco
A la tradita speme?
E non si spegne,
Fra tanto scherno ancor, d’amor il foco?
Spegni tu morte, ormai, le fiamme insegne!
O Madre, O Padre, O dell’antico Regno
Superbi alberghi, ov’ebbi d’or la cuna,
O servi, O fidi amici (ahì fato indegno!)
Mirate ove m’ha scort’empia fortuna,
Mirate di che duol m’ha fatto erede
L’amor mio,
La mia fede,
E l’altrui inganno,
Così va chi tropp’ama e troppo crede.*

Batto qui pianse Ergasto

*“Batto”, qui pianse Ergasto, “ecco la riva
ove, mentre seguia cerva fuggace,
fuggendo Clori il suo pastor seguace,
non so se più seguiva o se fuggiva”.*

*“Deh, mira!” – egli dicea – “se fuggitiva
fera pur saettar tanto ti piace,
saetta questo cor che soffre in pace
le piaghe, anzi ti segue e non le schiva.*

*Lasso, non m’odi?”. E qui tremante e fioco
e tacque e giacque. A questi ultimi accenti
l’empia si volse e rimirollo un poco.*

*Allor di nove Amor fiamme cocenti
l’accese. Or chi dirà che non sia foco
l’umor che cade da duo lumi ardenti?*

Tempo la cetra

*Tempo la cetra, e per cantar gli onori
di Marte alzo talor lo stil e i carmi.
Ma invan la tento e impossibil parmi
ch’ella già mai risoni altro ch’amore.*

*Così pur tra l’arene e pur tra’ fiori
note amorose Amor torna a dettarmi,
né vuol ch’io prend’ ancora a cantar d’armi,
se non di quelle, ond’egli impiaga i cori.*

*Or umil pletto a i rozzi accenti indegni,
musa, qual dianzi, accorda, in fin ch’al canto
de la tromba sublime il Ciel ti degni.*

Riedi a i teneri scherzi, e dolce intanto
lo Dio guerrier, temprando i ferì sdegni,
in grembo a Citera dorma al tuo canto.

Ohimè dov'è il mio ben

Ohimè dov'è il mio ben, dov'è il mio core?
Chi m'asconde il mio ben, e chi me'l toglie?

Dunque ha potuto sol desio d'onore
darmi fera cagion di tante doglie?

Dunque han potuto in me, più che il mio amore,
ambitiose e troppo lievi voglie?

Ahi sciocco mondo e cieco! Ahi cruda sorte,
che ministro mi fai della mia morte!

Altri canti d'Amor

Altri canti d'Amor, tenero arciero,
i dolci vezzi, e i sospirati baci;
narri gli sdegni e le bramate paci
quand'unisce due alme un sol pensiero.

Di Marte io canto, furibondo e fiero,
iduri incontri, e le battaglie audaci;
strider le spade, e bombegiar le faci,
fo nel mio canto bellicoso e fiero.

Tu cui tessuta han di Cesareo alloro
la corona immortal mentre Bellona,
Gradisci il verde ancor novo lavoro,

che mentre guerre canta e guerre sona,
oh gran Fernando, l'orgoglioso choro,
del tuo sommo valor canta e ragiona.

Gira il nemico

Gira il nemico insidioso amore
la rocca del mio core.
Su presto ch'egli qui poco lontano
armi, armi alla mano.

Noi lasciamo accostar ch'egli non saglia
sulla fiacca muraglia,
ma facciam fuor una sortita bella,
butta, butta la sella.

Armi false non son ch'ei s'avvicina
col grosso la cortina.
Su presto, ch'egli qui poco discosto
tutti, tutti al suo posto.

Vuol degl'occhi attaccar il baloardo
con impeto gagliardo.
Su presto ch'egli qui senz'alcun fallo

tutti, tutti a cavallo.

Non è più tempo ohimè, ch'egli ad un tratto
del cor padron s'è fatto,
a gambe, a salvo chi si può salvare,
all'andare, all'andare.

Cor mio non val fuggir, sei morto e servo
d'un tiranno protervo
ch'el vincitor che già dentro alla piazza
grida foco, ammazza.

Hor che 'l ciel e la terra

Or che 'l ciel et la terra e 'l vento tace
et le fere e gli augelli il sonno affrena,
Notte il carro stellato in giro mena
et nel suo letto il mar senz'onda giace,

veglio, penso, ardo, piango; et chi mi sface
sempre m'è inanzi per mia dolce pena:
guerra è 'l mio stato, d'ira et di duol piena,
et sol di lei pensando ò qualche pace.

Così sol d'una chiara fonte viva
move 'l dolce et l'amaro ond'io mi pasco;
una man sola mi risana et punge;

e perché 'l mio martir non giunga a riva,
mille volte il di moro et mille nasco,
tanto da la salute mia son lunge.

Lamento della Ninfa

Non havea Febo ancora
recato al mondo il dí,
ch'una donzella fuora
del proprio albergo uscì.

Sul pallidetto volto
scorgeasi il suo dolor,
spesso gli venia sciolto
un gran sospir dal cor.

Sí calpestando fiori
errava hor qua, hor là,
i suoi perduti amori
così piangendo va:

"Amor", dicea, il ciel
mirando, il piè fermo,
"dove, dov'è la fè
ch'el traditor giurò?"

Miserella.

"Fa' che ritorni il mio

amor com'ei pur fu,
o tu m'ancidi, ch'io
non mi tormenti più."

Miserella, ah più no, no,
tanto gel soffrir non può.

"Non vo' più ch'ei sospiri
se non lontan da me,
no, no che i martiri
più non darammi affè.

Perché di lui mi struggo,
tutt'orgoglioso sta,
che sì, che si se'l fuggo
ancor mi pregherà?

Se ciglio ha più sereno
colei, che'l mio non è,
già non rinchiede in seno,
Amor, sí bella fè.

Ne mai sí dolci baci
da quella bocca havrai,
ne più soavi, ah taci,

taci, che troppo il sai."

Sí tra sdegnosi pianti
spargea le voci al ciel;
così ne' cori amanti
mesce amor fiamma, e gel.

BIOGRAFIAS

CORO RICERCARE

É constituído por cerca de 30 jovens, muitos dos quais estudantes de música, tendo sido dirigido, desde a sua fundação, por Paulo Lourenço e Carlos Caires. A partir de 1998, Pedro Teixeira assumiu as funções de maestro adjunto, tornando-se maestro titular em 2002. Na sequência da sua política de incentivo à divulgação de repertório português através da encomenda de obras inéditas, tem vindo a apresentar em concerto e de uma forma sistemática música de compositores portugueses dos séculos XX e XXI, obras que, na sua grande maioria, são interpretadas em primeira audição absoluta. Neste contexto, e desde 2006, tem organizado anualmente o certame Jovens Compositores Portugueses, tendo interpretado, em primeira audição absoluta, obras para coro a *cappella* e para coro e orquestra, em conjunto com a orquestra Sinfonietta de Lisboa. Até hoje, no contexto do certame, apresentou composições inéditas de Alfredo Teixeira, Ana Seara, André Miranda, Anne Victorino d'Almeida, Antero Ávila, António Lopes, António Menezes, Carlos Filipe Cruz, Carlos Garcia, Fábio Cachão, Fernando das Neves Lobo, Filipe Raposo, Francisco Gonçalves Tavares, Gonçalo Lourenço, João Manuel de Barros, João Nascimento, José Luís Ferreira, Lea Brooklyn, Luís Cardoso, Manuel Durão, Miguel Jesus, Miguel Teixeira, Miriam Teixeira, Pedro Faria Gomes, Sara Claro, Sofia Sousa Rocha, Tiago Cabrita, Tiago Derriça e Vasco Pearce de Azevedo, num total de cerca de 45 obras.

Tem também uma larga experiência na execução de música a *cappella* de autores como Arvo Pärt, György Órban, Peter Aston, Morten Lauridsen, Pawel Lukaszewski, Gabriel Jackson, John Tavener e Eric Whitacre, entre outros.

De 2006 até hoje, tem interpretado, para além de repertório a *cappella*, diversas obras para coro e orquestra: *Requiem* de Mozart, *Messa di Gloria* (Puccini), *Requiem* em Ré menor (Fauré), *In Paradisum* (Eurico Carrapatoso), *Missa Nelson* (J. Haydn) e *Requiem* à memória de Passos Manuel (Eurico Carrapatoso), em conjunto com a orquestra da Associação Musical Ricercare – Sinfonietta de Lisboa, sob a direção de Vasco Pearce de Azevedo – e também com a Orquestra do Algarve, sob a direção de Osvaldo Ferreira.

Tem-se apresentado em alguns dos mais importantes festivais de música portugueses, como o Festival de Música da Costa do Estoril, Festival de Música de São Roque, Festival "A Cidade e a Música". Em 1997, participou em dois concertos realizados no Grande Auditório do CCB e na Igreja da Lapa (Porto), em conjunto com o Hilliard Ensemble, no qual foi interpretada a *Paixão Segundo S. João* de Arvo Pärt (primeira audição em Lisboa).

Das primeiras audições absolutas que realizou no passado, são de destacar as estreias de *In Paradisum* (coro, orquestra de cordas e quarteto vocal masculino – 1994) e *Timor et non Tremor* (coro a *cappella* – 1995), de Eurico Carrapatoso, e também de *Novissimo Cancioneiro*, de Nuno Côrte-Real (coro e orquestra de cordas – 2001).

No que se refere à discografia, tem tido uma atividade regular e sistemática de gravação e lançamento de vários CD, maioritariamente dedicados à música vocal contemporânea portuguesa: em 1996, participou na gravação do 2.º CD de Rodrigo Leão e o Vox Ensemble; em 1998, gravou um CD para a etiqueta RCA/DHM, em conjunto com o *ensemble* luso-alemão Arte Real, a primeira audição contemporânea do *Te Deum* (1769) de João de Sousa

Carvalho; em 2001, a convite do Ministério da Cultura, editou o seu segundo CD para a etiqueta Portugal Som/Strauss, com repertório de jovens compositores portugueses; em 2005, lançou, com o apoio do Ministério da Cultura – Instituto das Artes – e da Direção Regional de Cultura dos Açores, um CD de música tradicional açoriana por jovens compositores portugueses. Em 2006, gravou, a convite da Antena 2, um CD dedicado a Fernando Lopes-Graça, no âmbito das comemorações do centenário do nascimento do compositor.

Em novembro de 1998, foi galardoado com o 2.º Prémio no Concurso II Certamen Internacional de Corales Polifónicas Ciudad de Sevilla e, em dezembro de 1999, obteve o 1.º Prémio no Concurso Certamen Internacional de Villancicos, em Madrid.

Em maio de 2014, atuou com os Rolling Stones, *performance* integrada no festival Rock in Rio Lisboa e, em abril de 2017, com Andrea Bocelli na MEO Arena.

GRUPO VOCAL OLISIPO

Foi fundado em 1988, tendo sido, desde então, dirigido por Armando Possante. O seu repertório é vasto e eclético, abrangendo obras que vão do período medieval aos dias de hoje. Tem colaborado frequentemente com compositores, tendo apresentado em primeira audição obras de Bob Chilcott (*Irish Blessing*), Ivan Moody (*The Meeting in the Garden*, *The Prophecy of Symeon*), Christopher Bochmann (*Maria Matos Medley*, *Morning* e a ópera *Corpo e Alma*), Eurico Carrapatoso (*Magnificat em Talha Dourada*, *Horto Sereníssimo*, *Stabat Mater*), Vasco Mendonça (*Era um Redondo Vocábulo*), Luís Tinoco (*Os Viajantes da Noite*) e Manuel Pedro Ferreira (*Delirium*), entre outros. Em outubro de 2016, estreou no Festival Guitar'Essonne, em França, obras de Manuel Victorino d'Almeida, António Pinho Vargas, Carlos Marecos, Daniel Davis, Edward Luiz Ayres d'Abreu, Fernando Lapa, José Carlos Sousa, Nuno Córte-Real, Sérgio Azevedo e Tiago Derríça.

Trabalhou com dois dos mais prestigiados *ensembles* mundiais da atualidade: Hilliard Ensemble e The King's Singers.

Conquistou já diversos prémios em concursos, nomeadamente uma menção honrosa no Concurso da Juventude Musical Portuguesa e o Primeiro Prémio nos concursos International May Choir Competition em Varna, Bulgária, Tampere Choir Festival na Finlândia, 36.º Concurso Internazionale C.A. Seghizzi em Gorizia, Itália, e 5.º Concurso Internazionale di Riva del Garda em Itália, e vários prémios de interpretação.

Efetuou inúmeras atuações por todo o país, tendo-se já apresentado nos principais festivais de música, em palcos como os do Centro de Arte Moderna, Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional de S. Carlos, Casa da Música e Teatro Rivoli, entre muitos outros. Tem colaborado com vários *ensembles* instrumentais e orquestras, como o Quarteto Lacerda, Quarteto Arabesco, Capella Real, Músicos do Tejo, Academia de Música Antiga, Orquestra de Cascais e Oeiras, OrchestriUtopica, Orquestra Sinfónica Juvenil, Orquestra do Algarve, Orquestra Filarmonia das Beiras e Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Internacionalmente, tem-se apresentado em concertos por toda a Europa. Participou como convidado em Sunderland, Inglaterra, e no Festival 500, em St. John's, no Canadá, e, mais recentemente, em Singapura, onde apresentou três concertos de música portuguesa, com especial enfoque nos compositores Francisco Martins, Estêvão de Brito, Eurico Carrapatoso e Fernando Lopes-Graça. Em todos os festivais, o grupo orientou diversos *workshops* para coros e maestros de todo o mundo.

Em cinema, participou no filme *As variações de Giacomo* onde

contracenou com os atores John Malkovich e Veronica Ferres e com os cantores Miah Persson, Florian Bösch e Topi Lehtipuu.

Gravou o *Officium Defunctorum* de Estêvão de Brito e as *Matinas de Natal* de Estêvão Lopes Morago para a editora Movieplay, *Cantatas Maçónicas* de Mozart para a EMI e, para a Diálogos, *Tenebrae* com música de Francisco Martins e Manuel Cardoso e o *Magnificat* de Eurico Carrapatoso.

OFFICIUM ENSEMBLE

Tem-se afirmado como um dos mais proeminentes grupos vocais portugueses dedicados à música antiga. A pureza do som que lhe é característico advém do trabalho de fusão, emissão e equilíbrio que o grupo tem desenvolvido desde a sua criação, sob a direção de Pedro Teixeira. Aliados a esta característica, o empenho e a expressividade dos cantores do *ensemble* têm-no levado a ser aclamado pelas suas *performances* marcantes, comprometidas e consistentes, em que a resposta ao texto desempenha um papel essencial.

O repertório que domina e no qual se especializou estende-se por todo o período do Renascimento e início do Barroco, dedicando-se com especial enfoque à música antiga portuguesa e, especificamente, à música da Sé de Évora, abarcando também as escolas franco-flamenga, espanhola e inglesa da era Tudor.

Une uma sólida interpretação a uma reiterada investigação musicológica, recorrendo a impressos e manuscritos da época no sentido de oferecer *performances* historicamente informadas, para além de possibilitar ao público primeiras audições de várias obras em tempos modernos.

O *ensemble* tem atuado em inúmeros locais e festivais de música antiga, desde as Jornadas Internacionais Escola de Música da Sé de Évora e Festival Música em São Roque, passando pelos festivais Terras sem Sombra, Dias da Música (CCB), Festival de Órgão de Lisboa, Festival AMUZ Laus Polyphoniae em Antuérpia e o Festival de Música Antiga de Utreque – Oude Muziek, entre outros. Das temporadas 2014-2016, destacam-se concertos no Festival Internacional de Música de Setúbal, no Ciclo de Música Antiga Reencontros (Palácio Nacional de Sintra), no Festival Música em São Roque e no Festival de Música Antiga de Utreque – Oude Muziek. Atuou também no Festival Internacional de Música de Marvão, assim como no festival Cistermúsica, Alcobça, apresentando obras de Lopes-Morago em primeira audição moderna. Já esta temporada atuou, uma vez mais, no Oude Muziek.

Gravou para o canal Mezzo, juntamente com a Orquestra Divino Sospiro, assim como para a rádio clássica belga Klara, surgindo também no programa televisivo *Percurso da música portuguesa*. Os seus concertos são frequentemente retransmitidos pela rádio clássica portuguesa RDP/Antena2. Gravou recentemente *Magnificat*, ou a *insubmissa voz*, obra de João Madureira em estreia absoluta. O mesmo CD inclui obras de Estêvão Lopes-Morago e *Magnificat primus tonus*, de Filipe de Magalhães, em primeira audição moderna. Em 2016, realizou a estreia absoluta de *Tropário para uma pastora de ovelhas mansas*, a propósito do centenário das aparições de Fátima, com obras de Alfredo Teixeira, Carlos Marecos, João Madureira, Nuno Córte-Real, Rui Paulo Teixeira e Sérgio Azevedo, escritas para *ensemble* vocal, piano e acordeão.

A formação-base de treze cantores é maleável de acordo com o repertório, juntando mais cantores sempre que necessário. A manutenção de uma estética sonora e interpretativa de excelência é o axioma que rege todo o seu trabalho, na aposta incessante na qualidade como veículo de homenagem a um dos mais ricos períodos da história da música ocidental.

PEDRO TEIXEIRA

Nasceu em Lisboa. Completou a licenciatura em Direção Coral pela Escola Superior de Música de Lisboa, obtendo na mesma instituição o grau de Mestre em Direção Coral em 2012.

Iniciou os seus estudos musicais na Academia de Amadores de Música em 1981, interessando-se, mais tarde, pela prática e direção de música coral enquanto elemento do Coro da Universidade de Lisboa, onde se iniciou na direção como assistente do maestro José Robert. Foi precisamente com José Robert que iniciou a sua formação enquanto diretor de coro, tendo mais tarde trabalhado com Vasco Pearce de Azevedo, António Lourenço e Paulo Lourenço.

Foi professor na Escola Superior de Educação de Lisboa, lecionando Educação Vocal e Direção Coral no curso Música na Comunidade.

Pedro Teixeira dirige atualmente dois grupos em Portugal: Coro Ricercare (desde 2001) e Officium Ensemble, agrupamento profissional fundado por si em 2000, que se dedica à interpretação de música renascentista vocal dos séculos XVI-XVII. Dirigiu também o Coro Polifónico Eborae Musica de 1997 a 2013 e o Grupo Coral de Queluz de 2000 a 2012. Foi com o Officium que recebeu, em 2002, o prémio “The most promising conductor of Tonen 2002” na Holanda, concurso que atribuiu o 3.º prémio ao Officium nas categorias de música sacra e música secular.

Enquanto cantor, e tendo estudado canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, é elemento do Coro Gregoriano de Lisboa, no qual é solista. Foi ainda cantor no Coro Gulbenkian, entre 2005 e 2012.

Pedro Teixeira tem sido reconhecido como um dos mais proeminentes maestros de coro do país, não só pela sua intensa atividade enquanto diretor de coro, como também pela sua sólida e característica interpretação da música vocal. Esse reconhecimento tem-no levado a trabalhar a nível internacional nos últimos anos – em Barcelona, dirige juntamente com Peter Phillips, Ivan Moody e Jordi Abelló, o *workshop* Victoria400 e é responsável pelas oficinas de Ensemble Vocal e Direção Coral no Curso Internacional de Música Medieval e Renascentista de Morella.

Tem sido convidado como júri em concursos e festivais de coros, nomeadamente no Festival Coral de Verão de Lisboa e no Winter Choral Festival, em Hong Kong.

Colaborou com a Fundação Gulbenkian enquanto maestro preparador convidado do Coro Gulbenkian, tendo-o preparado para diversos concertos entre 2011 e 2014.

É diretor artístico das Jornadas Internacionais Escola de Música da Sé de Évora, organizadas pela Eboræ Musica – Associação Musical de Évora, que conta já com dezasseis edições.

Desde novembro de 2012, é maestro titular do Coro de la Comunidad de Madrid.

SÉRGIO SILVA

Natural de Lisboa, começou por estudar órgão com João Vaz e António Esteireiro no Instituto Gregoriano de Lisboa, tendo prosseguido na Universidade de Évora, onde obteve os diplomas de Licenciatura e de Mestrado em Música, ramo de interpretação (Órgão), sob a orientação dos Professores João Vaz e João Pedro d'Alvarenga.

Para além dos seus estudos regulares, teve oportunidade de contactar com várias personalidades de renome internacional, como José Luís González Uriol, Luigi Ferdinando Tagliavini, Jan Wilhelm Jansen, Hans-Ola Ericsson e Kristian Olesen.

Apresenta-se regularmente a solo e integrado em prestigiados

agrupamentos nacionais, tendo já realizado concertos em vários pontos do país e em França, Itália, Inglaterra, Espanha, Alemanha e Macau.

Presentemente, é professor de Órgão no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola Diocesana de Música Sacra do Patriarcado de Lisboa e é organista titular da Basílica da Estrela e da Igreja de São Nicolau (Lisboa).

SOFIA DINIZ

Nascida em Portugal, Sofia Diniz estudou música e violoncelo em Lisboa e mais tarde especializou-se em prática histórica de interpretação em Colónia, na Alemanha, com Rainer Zipperling (violoncelo barroco e viola de gamba), em Den Haag, na Holanda, com Wieland Kuijken e Philippe Pierlot (viola de gamba) e em Bruxelas, na Bélgica, com P. Pierlot.

Trabalha como intérprete *freelance* de gamba por toda a Europa com vários *ensembles* de música antiga e orquestras, como The Spirit of Gambo (Freek Bortslap), Il Fontamento (Paul Dombrecht), Ricercar Consort (Philippe Pierlot), Collegium Vocale Gent (Philippe Herreweghe), Hisperion XXI (Jordi Savall), Ludovice Ensemble (Fernando Miguel Jalóto), Sete Lágrimas (Filipe Faria e Sérgio Peixoto) e Concerto Köln.

Já tocou em várias gravações com os Sete Lágrimas para a editora MU, com os Ricercare Consort para a MIRARE, com os Hisperion XXI para a AliaVox, com o Collegium Vocale Gent para a Harmonia Mundi, e com os Concerto Palatino. Também já participou em gravações ao vivo de obras como *Dido & Eneias*, de Purcell, para o ARTE com o Ricercare Consort e o Collegium Vocale Gent.

Sofia Diniz vive em Colónia, na Alemanha, e toca uma viola de sete cordas feita por François Bodart (2007), cópia do modelo Barak Norman (Londres, 1700), e uma cópia de sete cordas de uma Collichon (Paris, circa 1680), feita por Henner Harders (2001) e uma viola aguda de François Danger (2000).

a não perder

Ciclo: O Mito de Orfeu na Literatura e na Música

Miguel Santos Vieira

18, 25 setembro e 2 outubro

Sala Literatura e Pensamento

Orfeu é um dos temas míticos fundamentais da cultura ocidental, desde a Antiguidade clássica até à ópera que nele se baseia, tendo sido usado por poetas, filósofos e músicos para expressar um conjunto de ideias sobre o poder transformador da música. O curso oferecerá uma vasta panorâmica sobre a música inspirada pelo Mito de Orfeu, através dos séculos. Nele serão desmontadas algumas das suas mais surpreendentes tramas. As sessões serão profusamente ilustradas com excertos áudio-vídeo das obras musicais e músico-teatrais mais representativas.

Ciclo: O Barroco na Literatura

Maria Alzira Seixo

3, 10, 17, 24 e 31 outubro

Sala Literatura e Pensamento

O Barroco na Literatura caracteriza a literatura ocidental do séc. XVII, vindo das artes visuais italianas, com relevo na Ibéria e em França, onde o Renascimento e o Classicismo lhe não são imunes, pelo maneirismo. Os descobrimentos e lutas religiosas originam sensações de exuberância, antítese e ilusão, visíveis no discurso literário: do teatro de Lope de Vega à prosa de Vieira, da poesia de Francisco M. Melo a Rodrigues Lobo e Fénix Renascida, na ficção científica de Cyrano de Bergerac.

SIGA-NOS

www.ccb.pt



TEL 1820
SERVIÇO DE RESERVA

YouTube



#ccbelem
#amigoccb



UMA BOA IDEIA

FORMULÁRIO/INSCRIÇÃO ONLINE EM WWW.CCB.PT

OUTROS DESCONTOS

- Descontos (só aplicados a bilhetes superiores a 12€ e com Produção CCB)
- 20% para menores de 25 anos e maiores de 65 (exceto 1ª Platina no Grande Auditório)
- 10% para titulares de cartão H&C (apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)
- 25% para clientes da CP (apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)
- 50% para desempregados, contra apresentação de comprovativo do IEP (apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)
- 50% para bilhetes de última hora, a partir de 30 minutos antes do início do espetáculo (apenas para bilhetes adquiridos na bilheteira do CCB)
- 30% Desconto Cartão Amigo CCB (Individual, Sénior, Jovem e Família)
- Quota limitada de bilhetes a 5€ para estudantes e profissionais de especialidade. Desconto válido exclusivamente para o 2º balcão do Grande Auditório e para Laterais no Pequeno Auditório (apenas para bilhetes adquiridos na bilheteira CCB)